UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

MARIA ANÍSIA VILLAS-BÔAS TOURINHO VIDAL

ENTRE CONTOS E MINICONTOS: leitura, escrita e fotografias instigantes do bairro Curral Novo

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2017

MARIA ANÍSIA VILLAS-BÔAS TOURINHO VIDAL

ENTRE CONTOS E MINICONTOS: leitura, escrita e fotografias instigantes do bairro Curral Novo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profª Drª Maria Aparecida Pacheco Gusmão

Vitória da Conquista - BA

2017

V664e

Vidal, Maria Anísia Villas-Bôas Tourinho.

Entre contos e minicontos: leitura, escrita e fotografias instigantes do bairro Curral Novo, 2017.

187 f.; il. (algumas col.).

Orientador (a): Dr. Maria Aparecida Pacheco Gusmão.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Vitória da Conquista, 2017.
Inclui referência F. 141 – 145.
1. Gênero textual – Contos. 2. Produção textual. 3. Linguagem fotográfica. I. Gusmão, Maria Aparecida Pacheco. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. T. III.

***Catalogação na fonte**: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843*
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

MARIA ANÍSIA VILLAS-BÔAS TOURINHO VIDAL

ENTRE CONTOS E MINICONTOS: leitura, escrita e fotografias instigantes do bairro Curral Novo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Dra. Ana Paula Silva da Conceição

DEDC/UNEB

Prof. Drª. Valdira Meira Cardoso de Souza

DELL/UESB

Orientadora: Prof. Dra. Maria Aparecida Pacheco Gusmão

DELL/UESB

Vitória da Conquista, 06 de março de 2017.

DEDICATÓRIA

A minha mãe Edésia, maior incentivadora de meus estudos. Pelas vezes que mesmo cansada da extensa jornada de trabalho disponibilizava-se a me auxiliar com as tarefas escolares; pelas madrugadas de ajuda com as disciplinas que eu considerava difíceis; pelas orações em intenção de meu sucesso pessoal e profissional; pela certeza de meu bom desempenho em face às dificuldades encontradas durante o percurso do mestrado.

A meu esposo Marcelo e aos filhos Marcelo, Rafael e Maria Paula, por compreenderem minhas ausências durante o tempo em que precisei estar em Conquista ou quando me isolava para escrever; pelas palavras de força e incentivo nos momentos em que o abatimento parecia me consumir; por dividirem comigo as angústias e as preocupações e, principalmente, pelo amor, carinho e cuidado dispensados a mim todos os dias de nossas vidas.

De fato, vocês sofrem minhas dores, sorriem minhas conquistas. Sem vocês, nada seria, nada sou, não haveria vitória.

AGRADECIMENTOS

“Tudo o que pedirdes com fé na oração, vós o alcançareis.” Mateus 21-22.

A Jesus, Deus e Senhor de minha vida, agradeço pelos sopros divinos que me iluminaram, que ativaram minha inteligência e permitiram que eu concluísse o mestrado, um desejo desde os tempos de graduação.

A Maria Santíssima, que intercedeu incessantemente por mim enquanto elaborava essa dissertação. Sem sua ajuda, Mãe, com certeza, eu não conseguiria.

Aos colegas de jornada, pelos momentos que vivemos, pelas expectativas perante o desempenho nas disciplinas, pelas alegrias quando nos encontrávamos mensalmente, pela saudade no momento de despedida toda sexta após a semana de aula, pelos abraços trocados, apostilas divididas, pelos lanches degustados, palavras de encorajamento, sorrisos, olhares, apertos de mão. Amo cada um e peço a Deus que lhes dê saúde, paz, prosperidade e vida longa.

A Dayse, Josy e Nilton, companheiros de viagem, de estudos, de confidência, de hotel. Vivemos intensos momentos e como sorrimos juntos! Foi tão bom ver o dia amanhecer no caminho, ouvir som legal no carro, tomar café com leite e pão no posto à beira da estrada, almoçar na UESB, jantar na *delicatessen*, passear no *shopping*... Sentirei saudades desses dias. Sentirei saudades de nós quatro. A vida é assim, não para para prolongamentos, já deveria ter acostumado, mas quem se acostuma com despedidas? Fico por aqui. Vejo vocês por aí.

Aos professores ministrantes das disciplinas, pela disponibilidade em nos passar seus conhecimentos, a fim de que ultrapassássemos mais uma etapa em busca da plenitude profissional; pelas palavras encorajadoras e de incentivo; pela compreensão e ajuda.

A Sam e Delmy, que, por detrás, nos bastidores, operavam a “máquina” com disposição e destreza para não nos faltar material, comunicação e cafezinho. Este, reanimador de energia e alegria do intervalo.

A Lisa, minha prima, que mesmo à distância e através de consultorias pelo *whatsapp*, ajudou-me a nortear o pensamento, “aprumar a vela” e seguir o vento certo. Obrigada por ser sensível a meu desespero e encontrar tempo para me socorrer.

Aos alunos que, por se disponibilizaram a participar desta pesquisa com responsabilidade e franqueza, foram primordiais para o êxito do meu trabalho.

À direção do Colégio Estadual P.F.S., escola na qual sou professora, por compreender minhas muitas ausências nestes anos de estudos para o mestrado, por acreditar em meu trabalho e me permitir aplicar a intervenção pedagógica em uma das turmas de 8º ano. Aos colegas, que sempre torceram pelo meu sucesso, incentivaram-me e deram-me força.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), pela iniciativa em oferecer aos docentes de língua portuguesa do ensino fundamental capacitação em nível de mestrado. Certamente, retornaremos à sala de aula com uma visão inovadora e crítica. Esta no tocante as nossas práticas pedagógicas e aquela, quanto à criação e aplicabilidade das sequências didáticas como facilitadoras para o ensino dos conteúdos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por viabilizar minha pesquisa e oportunizar-me a formação em mestre.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A Maria Aparecida Pacheco Gusmão. O que devo escrever aqui? Como agradecer a Cida adequadamente, se me faltam vocábulos para dizer o que sinto? Falar-lhe, Cida, sobre o quanto suas aulas foram enriquecedoras, quanto me ajudaram profissionalmente e como pessoa não basta. Expressar reconhecimento pelos momentos de orientação na UESB ou em sua casa, ou pelo *whatsapp*, ou por *e-mail* ou por telefone é pouco diante de sua disposição e presteza. Mostrar consideração pelas vezes que leu meus textos, abriu mão de seu descanso para procurar material que subsidiasse meu trabalho, gastou tempo para mandar uma mensagem de alerta é tão ínfimo diante de sua grandeza e prestimosidade.

Queria saber usar as palavras para lhe agradecer convenientemente ou até lhe criar uma poesia, pois, como alguém bem disse, “um grão de poesia é suficiente para perfumar um século”, mas como eu não sei manipular as palavras, dedico-lhe este poema de Drummond:

O professor disserta sobre ponto difícil do programa.
Um aluno dorme,
Cansado das canseiras desta vida.
O professor vai sacudi-lo?
Vai repreendê-lo?
Não.
O professor baixa a voz,
Com medo de acordá-lo.

Durante meus “sonos” de medo, angústia, cansaço, ao invés de me acordar, você embalava-me com seus exemplos de força, de fé e de perseverança. Foram eles que não me deixaram abater; ao contrário, incentivavam-me a seguir em frente.

Comecei perguntando-me o que lhe dizer e como lhe dizer o que sinto, mas descobri que não posso “Porque não é pela via da linguagem que eu hei de transmitir o que em mim existe. O que existe em mim não há palavra que o diga.” (Antoine de Saint-Exupéry).

Se é indizível agradecer-lhe com palavras, posso retribuir-lhe a generosidade através dos sentimentos. Por isso, ofereço-lhe um abraço, pois “Das delicadezas que a vida ensina, o mais bonito sempre fica: Os laços que se formam entre duas almas

também são formas de abraço. É assim que é o abraço: coração com coração, tudo isso cercado de braçanão.” (Mario Quintana).

No entanto, para mim, um abraço não basta. Então, dedico-lhe amizade, carinho, afeto e meu muito obrigada!

Estendo meus agradecimentos a Marcos e a Ryan, pela paciência, tolerância e simpatia ao me receberem em casa; pela companhia agradável e pelas vezes que renunciaram ao conforto e privacidade para que eu tivesse meu momento de orientação.

O fundo dos pensamentos se enriqueceu. Há mais fatos conhecidos e registrados, mais coisa para refletir. Somos inclinados a enfeixar o máximo possível de ideias no mínimo de volume.

(EDGAR ALLAN POE)

RESUMO

É inegável que na contemporaneidade a leitura e a escrita são atividades constantes no dia a dia da juventude, haja vista a tão comum troca de mensagens através da internet. No entanto, o que preocupa é a natureza do material lido, pois, ao invés de leituras literárias ou instrutivas, lê-se apenas *posts* diminutos, a maioria de piadas, vazios, sem teor reflexivo. Sendo assim, é necessário oferecer leituras de qualidade, mas breves, que acompanhem o ritmo acelerado do jovem do século XXI. Os gêneros textuais minicontos parecem se encaixar perfeitamente nestes tempos velozes, vez que são concisos, podem ser escritos com apenas uma frase ou em um só parágrafo e, quando muito, ocupam uma única página. Ademais, são narrativos e, principalmente, reflexivos. É possível dizer que seguem o estilo minimalista, que são herdeiros do conto e estão apoiados em escritores como Augusto Monterroso, Julio Cortázar, Edgar Allan Poe, Dalton Trevisan. Contudo, para entender o miniconto, buscou-se embasamento em Bakhtin (2003, 2006), Geraldi (2000), Travaglia (2001), Marcushi (2005), Rojo (2005, 2015), entre outros estudiosos da linguagem e da literatura. Tudo, com a intenção de comprovar a hipótese de que o gênero miniconto e as fotografias podem facilitar a leitura, a compreensão textual e a escrita. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa foi operacionalizar um trabalho de pesquisa-ação através de associações entre fotografias e textos, a fim de que os educandos compreendessem que a partir dos conhecimentos sobre a estrutura do conto e do miniconto seria possível ler, interpretar e escrever minicontos. A metodologia foi qualitativa e interventiva com uma sequência didática do gênero conto e com fotografias do bairro Curral Novo em Jequié-Bahia, de onde os sujeitos pesquisados são moradores. Os resultados do confronto das produções inicial e final constatam que a aplicação da pesquisa alcançou resultados exitosos, os quais possibilitarão aos professores trabalharem com minicontos e leitura de imagens no ensino fundamental.

Palavras-chave: gênero textual miniconto – produção textual – fotografia

ABSTRACT

It’s undeniable that in contemporary reading and writing are constant activities in the youth day to day, given the so common exchange of messages over the internet. However, what worries is the nature of the material read, because, instead of literary or instructive readings, it reads only tiny posts, mostly jokes, empty, without reflective content. Therefore, it is necessary to offer quality, but brief, readings that accompany the fast pace of the 21st century’s youth. Text genres “minicontos” seem to fit perfectly in these fast times, since they are concise, they can be written in a single sentence or in a single paragraph and, at most, occupy a single page. In addition, they are narrative and, mainly, reflective. It is possible to say that they follow the minimalist style, which are heirs of the tale and are supported by writers like Augusto Monterroso, Julio Cortázar, Edgar Allan Poe, Dalton Trevisan. However, in order to understand the “miniconto”, a search was made for Bakhtin (2003, 2006), Geraldi (2000), Travaglia (2001), Marcushi (2005), Rojo (2005, 2015) among other language and literature scholars. All, with the intention of proving the hypothesis that the genre “miniconto” and the photographs can facilitate the reading, the textual comprehension and the writing. Thus, the general objective of the research was to make an action research work through associations between photographs and texts, so that the students could understand that from the knowledge about the structure of the story and the miniature it would be possible to read, interpret and Write “minicontos”. The methodology was qualitative and interventional with a didactic sequence of the story genre and with photographs of the neighborhood Curral Novo in Jequié-Bahia, where the subjects studied are residents. The results of the comparison of the initial and final productions show that the application of the research has achieved successful results, which will allow teachers to work with “minicontos" and reading images in elementary education.

Keywords: textual genre miniconto - textual production - photography

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Quadro comparativo.....	40
FIGURA 2	“Descoberta” da Amazônia.....	42
FIGURA 3	Análise do desmatamento na Amazônia.....	43
FIGURA 4	Aquecimento global.....	43
FIGURA 5	O aquecimento global.....	44
FIGURA 6	Bilhete.....	44
FIGURA 7	Esquema de sequência didática.....	59
FIGURA 8	Questionário diagnóstico.....	62
FIGURA 9	Questionário diagnóstico respostas das questões 8 e 9.....	64
FIGURA 10	Questionário diagnóstico resposta da questão 10.....	65
FIGURA 11	Leitura de imagem diagnóstica grupo 1.....	68
FIGURA 12	Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 1.....	68
FIGURA 13	Leitura de imagem diagnóstica grupo 2.....	69
FIGURA 14	Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 2.....	69
FIGURA 15	Leitura de imagem diagnóstica grupo 3.....	70
FIGURA 16	Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 3.....	70
FIGURA 17	Leitura de imagem diagnóstica grupo 4.....	71
FIGURA 18	Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 4.....	71
FIGURA 19	Leitura de imagem diagnóstica grupo 5.....	72
FIGURA 20	Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 5.....	72
FIGURA 21	Leitura de imagem diagnóstica grupo 6.....	73
FIGURA 22	Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 5.....	73
FIGURA 23	Legenda elementos da narrativa - resposta da atividade 3.	74
FIGURA 24	Texto produzido Grupo 1 – atividade 3.....	75
FIGURA 25	Transcrição Texto produzido Grupo 1 – atividade 3.....	75
FIGURA 26	Texto produzido Grupo 2 – atividade 3.....	76
FIGURA 27	Transcrição Texto produzido Grupo 2 – atividade 3.....	76
FIGURA 28	Texto produzido Grupo 3 – atividade 3.....	77
FIGURA 29	Transcrição Texto produzido Grupo 3 – atividade 3.....	77
FIGURA 30	Texto produzido Grupo 4 – atividade 3.....	78

FIGURA 31 Transcrição Texto produzido Grupo 4 – atividade 3..... 78
FIGURA 32 Texto produzido Grupo 5 – atividade 3..... 79
FIGURA 33 Transcrição Texto produzido Grupo 5 – atividade 3..... 79
FIGURA 34 Texto produzido Grupo 6 – atividade 3 80
FIGURA 35 Transcrição Texto produzido Grupo 6 – atividade 3..... 80
FIGURA 36 Legenda elementos da narrativa - resposta da atividade 4.. 81
FIGURA 37 Leito do Rio das Contas..... 81
FIGURA 38 Texto produzido grupo 1 – atividade 4..... 82
FIGURA 39 Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 4..... 82
FIGURA 40 Boiada na Rodovia..... 83
FIGURA 41 Texto produzido grupo 2 – atividade 4..... 84
FIGURA 42 Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 4..... 84
FIGURA 43 Casas populares..... 85
FIGURA 44 Texto produzido grupo 3 – atividade 4..... 86
FIGURA 45 Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 4..... 86
FIGURA 46 Olaria em Curral Novo..... 87
FIGURA 47 Texto produzido grupo 4 – atividade 4..... 88
FIGURA 48 Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 4..... 88
FIGURA 49 Couro para luvas..... 89
FIGURA 50 Texto produzido grupo 5 – atividade 4..... 90
FIGURA 51 Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 4..... 90
FIGURA 52 Ronda policial..... 91
FIGURA 53 Texto produzido grupo 6 – atividade 4..... 92
FIGURA 54 Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 4..... 92
FIGURA 55 Quadro elementos da narrativa – atividade 5..... 93
FIGURA 56 Transcrição quadro elementos da narrativa – atividade 5..... 94
FIGURA 57 O conflito..... 95
FIGURA 58 Texto produzido grupo 1 – atividade 6..... 96
FIGURA 59 Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 6..... 96
FIGURA 60 Texto produzido grupo 2 – atividade 6..... 98
FIGURA 61 Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 6..... 98
FIGURA 62 Texto produzido grupo 4 – atividade 6..... 99
FIGURA 63 Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 6..... 99

FIGURA 64 Texto produzido grupo 5 – atividade 6..... 100
FIGURA 65 Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 6..... 100
FIGURA 66 Texto produzido grupo 6 – atividade 6..... 101
FIGURA 67 Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 6..... 101
FIGURA 68 Texto produzido grupo 3 – atividade 6..... 102
FIGURA 69 Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 6..... 102
FIGURA 70 Desfecho - Resposta da atividade 7..... 104
FIGURA 71 Texto produzido grupo 1 – atividade 8..... 105
FIGURA 72 Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 8..... 105
FIGURA 73 Texto produzido grupo 2 – atividade 8..... 106
FIGURA 74 Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 8..... 106
FIGURA 75 Texto produzido grupo 3 – atividade 8..... 107
FIGURA 76 Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 8..... 107
FIGURA 77 Texto produzido grupo 4 – atividade 8..... 108
FIGURA 78 Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 8..... 108
FIGURA 79 Texto produzido grupo 5 – atividade 8..... 109
FIGURA 80 Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 8..... 109
FIGURA 81 Texto produzido grupo 6 – atividade 8..... 110
FIGURA 82 Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 8..... 110
FIGURA 83 Atividade 9..... 111
FIGURA 84 1. a)..... 111
FIGURA 85 1. b)..... 112
FIGURA 86 2. a)..... 112
FIGURA 87 2. b)..... 112
FIGURA 88 2. c)..... 112
FIGURA 89 Texto produzido grupo 1 – atividade 10..... 113
FIGURA 90 Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 10..... 114
FIGURA 91 Texto produzido grupo 2 – atividade 10..... 115
FIGURA 92 Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 10..... 115
FIGURA 93 Texto produzido grupo 3 – atividade 10..... 116
FIGURA 94 Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 10..... 116
FIGURA 95 Texto produzido grupo 4 – atividade 10..... 117
FIGURA 96 Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 10..... 117

FIGURA 97 Texto produzido grupo 5 – atividade 10..... 118
FIGURA 98 Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 10..... 118
FIGURA 99 Texto produzido grupo 6 – atividade 10..... 119
FIGURA 100 Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 10..... 119
FIGURA 101 Leito do Rio das Contas e texto produzido grupo 1 – atividade 11..... 120
FIGURA 102 Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 11..... 121
FIGURA 103 Boiada na rodovia e texto produzido grupo 2 – atividade 11 122
FIGURA 104 Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 11..... 123
FIGURA 105 Casas populares e texto produzido grupo 3 – atividade 11.. 124
FIGURA 106 Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 11..... 125
FIGURA 107 Olarias em Curral Novo e texto produzido grupo 4 – atividade 11..... 126
FIGURA 108 Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 11..... 127
FIGURA 109 Couro para luvas e texto produzido grupo 5 – atividade 11.... 128
FIGURA 110 Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 11..... 129
FIGURA 111 Ronda policial e texto produzido grupo 6 – atividade 11..... 130
FIGURA 112 Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 11..... 131
FIGURA 113 Texto reescrito grupo 1 – atividade 12..... 132
FIGURA 114 Transcrição texto reescrito grupo 1 – atividade 12..... 132
FIGURA 115 Texto reescrito grupo 2 – atividade 12..... 133
FIGURA 116 Transcrição texto reescrito grupo 2 – atividade 12..... 133
FIGURA 117 Texto reescrito grupo 3 – atividade 12..... 134
FIGURA 118 Transcrição texto reescrito grupo 3 – atividade 12..... 134
FIGURA 119 Texto reescrito grupo 4 – atividade 12..... 135
FIGURA 120 Transcrição texto reescrito grupo 4 – atividade 12..... 135
FIGURA 121 Texto reescrito grupo 5 – atividade 12..... 136
FIGURA 122 Transcrição texto reescrito grupo 5 – atividade 12..... 136
FIGURA 123 Texto reescrito grupo 6 – atividade 12..... 137
FIGURA 124 Transcrição texto reescrito grupo 6 – atividade 12..... 137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 19

1 LINGUAGEM, LEITURA, LITERATURA: ABORDAGENS QUE PODEM TRANSFORMAR O PONTO DE VISTA DO ENSINO..... 23

1.1 LINGUAGEM: CONCEPÇÕES E ENSINO..... 23

1.2 LITERATURA E LEITURA: ARTE E PRAZER..... 26

1.2.1 **A proposta pedagógica dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da leitura e da escrita..... 33**

1.3 MULTILETRAMENTOS E LINGUAGEM FOTOGRÁFICA..... 34

2 GÊNEROS TEXTUAIS E GÊNEROS DISCURSIVOS..... 38

2.1 MARCUSCHI E A TEORIA DOS GÊNEROS..... 39

2.2 BAKHTIN E AS REFLEXÕES SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO..... 41

2.3 O CONTO: UM GÊNERO..... 46

2.4 MINICONTOS: UM NOVO GÊNERO? 48

2.5 ELEMENTOS DA NARRATIVA..... 50

3 DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA À LINGUAGEM ESCRITA: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA..... 53

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO: PESQUISA QUALITATIVA E PESQUISA-AÇÃO..... 53

3.2 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR..... 55

3.3 O BAIRRO CURRAL NOVO..... 55

3.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA..... 56

3.5 A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA: IMAGEM..... 57

3.6 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA..... 58

4 ANÁLISE DOS DADOS..... 61

4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS – ETAPA: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO – PLANO DE AULA 1..... 61
4.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS – ETAPA: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO – PLANO DE AULA 2..... 67
4.3 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES INICIAIS – PLANOS DE AULA 3 E 4.. 74
4.4 ANÁLISE DOS MÓDULOS..... 93
4.4.1 **Módulo I – exposição participada sobre elementos da narrativa e o conflito – Planos de aula 5 e 6.....** 93
4.4.2 **Módulo 2 – exposição participada sobre elementos da narrativa e o desfecho – planos de aula 7 e 8.....** 103
4.4.3 **Módulo 3 – exposição participada sobre elementos da narrativa: tempo e espaço – Planos de aula 9 e 10.....** 111
4.5 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES FINAIS - PLANOS DE AULA 11 E 12..... 120

CONCLUSÃO..... 139
REFERÊNCIAS..... 141
APÊNDICES..... 146
ANEXOS..... 167

INTRODUÇÃO

No Brasil, pelo menos até os anos 90, era comum vermos pessoas usarem os correios para postagens de cartas, cartões, telegramas. Por isso, podemos dizer que a utilização desses meios tinha um certo apelo romântico, se imaginarmos todos os preparativos para a construção de cada um deles e a finalidade com os quais eram enviados. Também os telefonemas possuíam um certo “charme” e já foram bastante esperados principalmente em datas comemorativas, mas imbatíveis eram os jornais que chegavam pela manhã com notícias de todos os lugares e, por certo, abrir um exemplar e discorrer suas páginas dava sofisticação a quem o fizesse.

Apesar das recordações de outrora, é na atualidade que vivemos e como é característico a nossa época, temos pressa. Devido à instantaneidade da *internet*, as notícias nos chegam quase de súbito, o que nos permite maiores informações; melhores conhecimentos; falarmo-nos diariamente e várias vezes por dia. Encontramos um meio de vencer o tempo. Não que possamos voltar ao passado ou ir ao futuro, mas, com certeza, vivemos na vanguarda.

Pois, é neste universo de alta tecnologia que estão inseridos os jovens. Por isso são acelerados, estudam, ouvem música, veem televisão, tudo à mesma hora e interligados via *facebook, whatsapp, twitter, instagram* e outros tantos *sites* e aplicativos que consigam “enviá-los” a qualquer lugar que desejarem.

Também leem e escrevem bastante, mas apenas pequenas mensagens recebidas e remetidas em redes sociais. O fato de que são poucos os que buscam entretenimento através de um livro é deveras perturbador e a falta de interesse pela leitura literária e pela escrita são a inquietação motivadora deste trabalho de pesquisa.

Sem dúvida, o mundo tecnologicamente avançado como o contemporâneo oportunizou alterações na prática e no gosto das pessoas. Admiramos o efêmero, o passageiro, o transitório e quanto menos e mais veloz, melhor. Em vista dessa situação e sob o contexto no qual os jovens estão inseridos, acreditamos ser pertinente apresentar-lhes o miniconto, principalmente por se tratar de um gênero textual com a mesma estrutura do conto, porém com a característica de ser mais breve. Contudo, a subjetividade e a concisão do miniconto nos permitem as seguintes inquirições:

a) O miniconto é um gênero especial que possibilita ao aluno o gosto e o prazer pela leitura e escrita?
b) A estrutura e as características do miniconto facilitam a compreensão e interpretação por parte do aluno do 8º ano do ensino fundamental?
c) Um trabalho de associação minicontos/fotografias de ambientes locais possibilitam um olhar de cunho crítico, político, mas também sensível e criativo sobre o espaço de convivência social?

Este estudo, portanto, tem como objetivo geral operacionalizar um trabalho de pesquisa-ação através de associações entre fotografias e textos, a fim de que os educandos compreendam que a partir desses elementos e dos conhecimentos sobre a estrutura do conto e do miniconto é possível ler, interpretar e escrever minicontos.

Nesse contexto, os objetivos específicos são os seguintes:

- Rever as características e a estrutura do gênero textual conto;
- Considerar o miniconto como um novo gênero textual, encontrando nele as particularidades do conto;
- Entender que a leitura de textos imagéticos em associação com o verbal cria novas formas de interação com o mundo.
- Estimular a leitura e a produção de minicontos;
- Analisar os dados obtidos após a realização da sequência didática, à luz do referencial teórico da pesquisa.

O estudo desta dissertação está embasado em teóricos como Bakhtin (2003, 2006), Gotlib (2006), Marcushi (2005), Rojo (2005, 2012) e tantos outros que discorrem sobre concepções de linguagem, literatura, contos, minicontos, leitura de imagens.

A escrita começa com o capítulo *LINGUAGEM, LEITURA, LITERATURA: ABORDAGENS QUE PODEM TRANSFORMAR O PONTO DE VISTA DO ENSINO*, no qual são refletidas as ideias de Geraldi (2000), Travaglia (2001) e Bakhtin (2003, 2006) sobre as três concepções de linguagem: linguagem como expressão do pensamento; linguagem como meio objetivo para a expressão; linguagem como

processo de interação verbal. Contudo, a ênfase está nesta última, por percebermos que comunicação e interação verbal são os reais constituintes da linguagem.

Como o intuito deste trabalho é propiciar aos alunos a vivência da leitura e da escrita de minicontos e fotografias, vimos que seria necessária uma explanação sobre o gosto e prazer pela leitura e as possibilidades que essa atividade proporciona. Para tanto, buscamos sustentação em Barthes (1975, 1977, 1981, 2002), como também em outros estudiosos que contribuíram sobre como devemos proceder para ajustar o ensino da leitura ao prazer do texto.

Vimos também que seria essencial falarmos da palavra como arte. Então, escrevemos um tópico sobre literatura. Numa tentativa de compreendê-la, procuramos subsídios não só na etimologia da palavra, mas também em autores como Barthes (1977), Queirós (1999) e em relatos pessoais de escritores, vez que possuem estrita relação com a literatura.

Em seguimento, explanamos sobre o ensino de leitura e de literatura na visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) e em como as escolas trabalham esses componentes. Ainda que não tenhamos a pretensão de adentrar nessa seara, sabemos da necessidade de ajudar os estudantes a buscarem conhecimento através da leitura. Assim, vimos uma oportunidade através do gênero textual miniconto, detalhado no capítulo dois.

A fim de dar continuidade ao projeto, sentimos necessidade de encontrar reforço nos multiletramentos que, grosso modo, seria juntar à escrita modalidades desiguais de linguagem. No caso, a fotografia. A abordagem dos multiletramentos neste trabalho se justifica por acreditarmos que os alunos conseguirão cumprir com as tarefas pretendidas se buscarem, na cultura em que estão inseridos, seus conhecimentos de mundo, os signos que conhecem, as mídias que têm como referencial. Também é importante que aprendam a ler imagens, já que as fotografias são um recurso bastante utilizado na contemporaneidade.

Conforme Rojo (2012), é através dos multiletramentos que o sujeito se vê capaz de refletir sobre as mudanças sociais e tecnológicas contemporâneas, o que lhe permite um alargamento no jeito de liberar e dividir informações e conhecimentos. Rojo (2012) ainda evidencia que a amplificação de linguagens híbridas implica desafiar leitores e agentes que trabalham com a língua escrita, principalmente a escola e os professores.

Por defendermos que o uso da fotografia associado a minicontos facilita o aprendizado de leitura de imagens e de escrita, sentimos a necessidade de apresentarmos uma pesquisa sobre o histórico de seu surgimento. Também, embasamo-nos nos estudos de Barbosa (1998), principalmente porque, segundo ela, a escola deveria ficar atenta ao discurso visual, a fim de ajudar os educandos na compreensão e leitura imagética

Intitulado *GÊNEROS TEXTUAIS E GÊNEROS DISCURSIVOS*, o segundo capítulo procurar alicerçar-se na antiguidade por meio dos estudos de Aristóteles em *A Arte Poética* e *A Arte Retórica*; no Formalismo Russo, quando Todorov explicita que o surgimento de um novo gênero se dá em razão das transformações por que passam outros gêneros; em Marcuschi (2005), com a distinção entre gênero e tipo textual; em Bakhtin e os gêneros do discurso.

Nesse mesmo capítulo, dissertamos sobre o gênero textual conto, o qual dá suporte para adentrarmos no miniconto. Para tanto, procuramos nos fundamentar em Gotlib (2006) e nos escritores hispânicos, os anunciantes do miniconto, como também em Oswald de Andrade (1924, 1991), Dalton Trevisan (1994) entre outros autores do gênero.

Contudo, entendemos que para leitura e criação de contos e minicontos é preciso de que não só compreendamos como uma narrativa se organiza, mas que saibamos quais são suas partes e elementos. Assim sendo, amparamo-nos nos estudos de Gancho (2004), os quais sintetizam o ato de narrar em uma sequência de acontecimentos em torno de personagens em determinados tempo e espaço.

No capítulo seguinte, *DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA À LINGUAGEM ESCRITA: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA*, além de explanarmos sobre as pesquisas qualitativa e ação e dissertamos sobre imagem, definição e uso, destacamos as características da unidade escolar, do bairro Curral Novo e dos alunos, protagonistas deste trabalho. Abordamos, também, a sequência didática proposta por Dolz (2004), na qual nos baseamos para aplicarmos nossa pesquisa.

No capítulo quatro, *ANÁLISE DOS DADOS*, é onde averiguamos os elementos coletados durante o processo de intervenção, para em seguida, apresentarmos nossa conclusão.

1 LINGUAGEM, LEITURA, LITERATURA: ABORDAGENS QUE PODEM TRANSFORMAR O PONTO DE VISTA DO ENSINO

Iniciamos este capítulo com uma referência ao conceito de linguagem e de como ela pode ser manifestada na relação social com o homem. Em seguida, explicitamos sobre suas três concepções, mas com ênfase na interacionista por concordarmos que o processo de comunicação acontece mediante interação dos interlocutores. Também sentimos a necessidade de discorrer sobre o processo de leitura e de escrita e qual a importância do ler para o desenvolvimento da vida humana. Por fim, destacamos que na contemporaneidade é preciso dominar as novas tecnologias, principalmente as mídias digitas, inseridas na instituição escolar.

1.1 LINGUAGEM: CONCEPÇÕES E ENSINO

Certamente, linguagem é a capacidade própria, individual e social que nós usamos para comunicação e expressão de nossas ideias, pensamentos e sensações por meio da fala, de escritos, imagens ou gestos. Assim, ela pode ser verbal e não verbal.

A linguagem verbal, do latim *verbale*[1], *é* aquela que utiliza a palavra oral ou escrita como sinal de comunicação. Na linguagem oral, os interlocutores podem falar livremente um com o outro e os gestos, as expressões faciais, a altura da voz ajudam na clareza da comunicação. Já na linguagem escrita, entende-se que os interlocutores estão ausentes, nesse caso, é preciso escrever de forma a explicar tudo o que se quer dizer.

A linguagem não verbal é caracterizada por não utilizar vocábulos no processo de comunicação; entre outros meios, usa fotografias, gestos, objetos, figuras, cores, placas, dança. Essa forma de linguagem, por ser mais rápida, torna mais fácil a transmissão de mensagens.

1- Disponível em http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/linguagem-verbal-e-aquela-que-utiliza-palavras.htm > Acesso em 07 de novembro de 2016.

Em vista disso, podemos definir a Linguagem como qualquer sistema de sinais que se usa com fins comunicativos e subordinada à correspondência e transmissão de ideias ou mensagens entre interlocutores.

Há três possibilidades diferentes de conceber a linguagem:

A primeira concepção, linguagem como expressão do pensamento que, conforme Geraldi (2000), está voltada para os estudos tradicionais e centralizada na gramática normativa, é corroborada por Travaglia (2001), quando acrescenta que nessa linguagem, a enunciação é um ato individual e monológico e não considera o outro nem a circunstância ou o contexto. De acordo com esses autores, o que importa para essa concepção é o seguimento das regras, da constituição das normas gramaticais.

A segunda concepção, nos termos de Geraldi (2000), parte do princípio de que a linguagem é útil à comunicação, o que justifica a presença de um emissor e de um receptor. Contudo, esse receptor adquire uma postura passiva e o contexto também não é levado em consideração. Em outras palavras, existe um conteúdo a ser transmitido, mas sem necessidade de que os interlocutores interajam entre si.

Travaglia (2001), acrescenta que essa concepção vê a língua como um código logicamente conhecido pelos falantes e utilizado de maneira preestabelecida, a fim de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor com intuito de fazer a comunicação se efetivar. Melhor compreenderemos essa ideia, através da seguinte citação:

> Para essa concepção o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso ele a coloca em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação. (TRAVAGLIA, 2001, p. 22-3)

A terceira concepção, defendida por Bakhtin (2006) entende que linguagem é ação, ou seja, o indivíduo não apenas recebe e repassa informações, mas atua, interage com seu interlocutor. Essa concepção percebe que para haver comunicação é necessária a presença de interlocutores igualmente responsáveis pelo discurso.

Segundo o próprio Bakhtin,

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p. 125)

Para Soerensen (2009, p. 5), a concepção da linguagem bakhtiniana é fundamentada sob três princípios essenciais:

> a) Diálogo com o outro: relaciona-se à ideia de sujeito social, histórico e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro.
>
> b) A unidade das diferenças: noção de que a linguagem é heterogênea e, por isso, marcada pela presença do outro. Nesse caso, esta heterogeneidade é marcada de forma sutil pelo locutor, que fará com que o texto adquira uma determinada unidade, seja pela harmonia das vozes (polifonia) ou pelo apagamento das vozes discordantes (monofonia).
>
> c) Discursividade – simples e complexa: essa terceira questão refere--se aos gêneros do discurso e é consequência das duas primeiras, pois sua definição pressupõe também uma concepção de linguagem assentada no princípio da interação social.

No processo de interação, o locutor elabora seu discurso para que haja sentido e possivelmente uma réplica do interlocutor, ainda que o interlocutor seja ele mesmo. É correto perceber que a interação entre os interlocutores para a produção das falas e da comunicação é essencial para o processo, ou seja, nenhuma fala pode ser exclusiva de quem a proferiu, afinal,

> A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio--histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (TRAVAGLIA, 2001, p. 23)

Nessas perspectivas, podemos afirmar que a terceira concepção de linguagem compromete-se em dispor uma educação baseada na troca de relações entre os

sujeitos ao invés de querer classificar e denominar sentenças. Em defesa da concepção de linguagem como interação, reafirmam os PCNs:

> Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes -, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. Quer dizer: quando se interage verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, na posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. Isso tudo pode determinar as escolhas que serão feitas com relação ao gênero no qual o discurso se realizará, à seleção de procedimentos de estruturação e, também, à seleção de recursos linguísticos. (BRASIL, 1997, p. 25)

Com base nesse argumento, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) propõem que o ensino de língua portuguesa deve estar pautado nos gêneros do discurso, os quais possibilitarão ao aluno compreender a língua como elemento de integração social. Ademais, a linguagem é vista como um lugar de interação humana e somente por meio dela o falante pratica ações, age sobre o ouvinte e estabelece uma relação que não existia antes da fala.

1.2 LITERATURA E LEITURA: ARTE E PRAZER

A literatura, assim como a dança, a música, a pintura, também é uma arte. Arte de criar textos, sejam eles orais ou escritos. Nesses termos, podemos dizer que a literatura é um meio de comunicação e de interação social, como também é ela a responsável por disseminar a cultura de uma sociedade. A literatura, portanto, é uma manifestação artística, e como tal, é capaz de recriar a realidade a partir da visão do autor, das expressões dos seus sentimentos, do seu ponto de vista e técnicas de narrar.

Observemos as definições de literatura por alguns escritores:

> A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe

> um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CÂNDIDO, 1972, p.53).

> A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferente dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (COUTINHO, 1978, p. 09-10).

> A literatura é uma linguagem não instrumental e o seu valor reside nela própria. (TODOROV, 1980, p. 18)

Conforme definições dadas, vemos que as proposições de (Cândido, 1972; Coutinho, 1978 e Todorov, 1980) possuem uma mesma natureza, ou seja, podemos dizer que de acordo com esses escritores, a literatura exprime uma linguagem ficcional e uma transfiguração da realidade. Em outras palavras, a literatura é materialização do imaginário do artista.

A literatura também é representação de uma cultura, mas nem por isso tem de ser fiel a ela, é possível que tanto o escritor quanto o leitor façam uso da imaginação para recriarem a realidade. Desse modo, entendemos que um texto oferece várias possibilidades de leitura e isso faz com que o sujeito que lê não seja um ser passivo, mas um agente produtor na criação da história, vez que ele usa a imaginação para compreender o texto e fantasiar cenários e personagens. O ato de ler, então, consiste em uma atividade de deleite e fruição, a qual, segundo Barthes (1977), leva a um prazer brutal, imediato.

Julgamos que a descoberta do prazer pela leitura advém dos contos maravilhosos, pois são eles os responsáveis pelas primeiras *viagens* literárias. Através deles, dá-se início à formação de leitores, o que nos permite supor que “O livro é passaporte, é bilhete de partida”. (QUEIRÓS, 1999, p. 23-4)

Adentrar no universo da leitura e da escrita é um direito de toda pessoa, mas, como ler não é atividade inerente ao ser humano, é preciso que pais leiam para seus filhos, a fim de criarem um ambiente de camaradagem e oportunizarem que eles devaneiem pelo mundo. Quanto a isso, Beauvoir, depõe:

> [...] meu pai nos lia Le Voyage de Monsieur Perrichon, ou então nós líamos lado a lado, cada um para si. Eu olhava meus pais, minha irmã, e sentia um agradável calor no peito. “Nós quatro!”, dizia-me com emoção. E pensava: “Como somos felizes!” (BEAUVOIR, In: FRAISSE, POMPOUGNAC, POULAIN, 1997, p. 20-1)

Também é preciso que professores e escola construam oportunidades para que as crianças se descubram leitoras. Para tanto, é necessário que lhes sejam apresentados livros interessantes e com temas variados, assim, é possível que crescerão adultos leitores. Contudo, é preciso ressaltar que o livro seja oferecido às crianças desde cedo, a fim de desenvolverem intimidade com o material. Concebemos, então, esta cena:

> [...] a mãe ou o pai, livro aberto, lendo para o filho... Essa experiência é o aperitivo que ficará para sempre guardado na memória efetiva da criança. Na ausência da mãe ou do pai a criança olhará para o livro com desejo e inveja. Desejo, porque ela quer experimentar as delícias que estão contidas nas palavras. E inveja, porque ela gostaria de ter o saber do pai e da mãe: eles são aqueles que têm a chave que abre as portas daquele mundo maravilhoso! (ALVES, 2001, Correio Popular, caderno C).

Após esses primeiros contatos que despertam no leitor o prazer do texto, os professores são os responsáveis por perpetuar o gosto pela leitura através de situações didáticas prazerosas. Barthes assim descreve a interação texto e leitor:

> [...] de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é “eu te desejo” e liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras; eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário com o qual submeto a relação. (BARTHES, 1981, p. 64)

Essa visão de Barthes leva-nos ao pensamento de que durante a leitura, a interação entre texto e leitor é tão forte que este transcende o próprio ato de ler e transforma o momento em objeto de prazer e de desejo.

Mas nem toda leitura garante o nosso prazer. Segundo o próprio Brathes (1981, p. 9), “[...] escrever no prazer não assegura ao escritor o prazer do leitor. É necessário que este o procure, que o drague, sem saber onde ele está. ”

Como, então, nós leitores deveremos nos colocar ante o texto para garantirmos o prazer? Conforme Geraldi (2000, p.92-9), deveremos retirar dele as informações necessárias para aumentar nosso conhecimento (leitura-busca de informações); estudar as partes e estrutura, observando a tese, os pontos de vista (leitura-estudo do texto); como pretexto para lermos ou escrevermos um outro texto (leitura do texto--pretexto) e como fruição, ler pelo simples prazer de ler (leitura-fruição do texto). O autor enfatiza que a leitura prazerosa necessariamente não advém da escrita literária, mas de todo e qualquer texto que se leia sem visar ao controle do resultado.

Alves (2001) completa essa ideia dizendo que o escritor não escreve com intenções didático-pedagógicas, mas para produzir prazer. Para ele, o adulto leitor é formado a partir de experiências leitoras agradáveis na infância, por isso é importante que nesse período haja sempre um livro por perto.

Na escola, é fundamental que os professores se reconheçam sedutores e criem situações prazerosas, a fim de atrair os alunos para as leituras. Nesse sentido, Amado (1982, p. 112-113) exemplifica:

> Em lugar de nos fazer analisar “Os Lusíadas”, tentando descobrir o sujeito oculto e dividir as orações, reduzindo o poema a complicado texto para as questões gramaticais, fazendo-nos odiar Camões, o padre Cabral, para seu deleite e nosso encantamento, declamava para os alunos episódios da epopeia. [...] despertava nossa sensibilidade, retirando-nos do poço da gramática portuguesa (cujas rígidas regras nada tinham a ver com a língua falada pelo povo brasileiro) para a sedução da literatura, das palavras vivas e atuantes. As aulas de português adquiriram outra dimensão.

Com certeza, a sabedoria do padre Cabral em separar a gramática da leitura foi importante para a formação do escritor Jorge Amado que, por sua vez, atinge-nos com narrativas interessantes, com linguagem simples e popular.

Luft (1997) e Alves (2001) também entendem que a gramática deve ser trabalhada em momento diferente da leitura e depõem em favor de seus professores:

> Ele me ensinou quase tudo que sei: não só o tesouro oculto nas páginas de cada livro fechado, não só a maravilha de cada pequena ou grande descoberta, não só a comunhão com autores e leitores, mas a sabedoria da vida cotidiana. (LUFT, 1997, p. 157)

> Confesso nunca ter tido prazer algum em aulas de gramática ou de análise sintática. Não foi nelas que aprendi as delícias da literatura.

> Mas me lembro com alegria das aulas de leitura. Na verdade não eram aulas. Eram concertos. A professora lia, interpretava o texto e nós ouvíamos extasiados. Ninguém falava. (ALVES, 2001, caderno C)

Os depoimentos acima mostram que a leitura, se bem trabalhada em classe, conquista e encanta muitas pessoas, como conquistou os autores citados. Tanto, que seus escritos são um grande legado para o ensino da leitura.

Por certo, um professor sensível à literatura e à leitura é capaz de levar o leitor aos suspiros. Assim como Sherazade seduziu o cruel sultão Shariar com as narrativas que lhe contava todas as noites adiando para o dia seguinte o fim das histórias, o professor sherazade também é capaz de conquistar seu aluno se souber relacionar leitura e prazer.

Dessa forma, entendemos que a atividade de leitura requer deleite e que deve ser feita sem cobranças. Ler porque é gostoso, é bom, dá prazer. Contudo, podemos pensar: será que os professores estão preparados para ajudar os alunos a criarem gosto pela leitura? Conforme Oliveira (2010), não. Para ele, a escola, com a ajuda dos cursos de letras, contribui decisivamente para que o brasileiro não goste de ler textos literários.

> A má formação dos professores e o currículo do curso de letras contribuem para o ensino deficitário de português, que contribui, por sua vez, para os alunos não desenvolverem sua competência comunicativa e, assim, lerem pouco e escreverem menos ainda. (OLIVEIRA, 2010, p. 108)

Essa afirmativa pode ser comprovada no episódio reproduzido abaixo, mediante nossa investigação anterior sobre o processo de formação de leitores nos anos finais do ensino fundamental.

> Deixei de gostar de ler na 7ª série, quando a professora mandou que a nossa classe lesse *Éramos Seis*, *Menino de Engenho*, *O Mulato* e *Pedra Bonita*, um por unidade e todos são tristes. Chorei muito, perdi a vontade pela leitura e olha que eu já li *O Menino do Dedo Verde*, *O Pequeno Príncipe* e *A Ilha do Tesouro* que gostei muito. Mas esses são muito chatos! Parei. Leio por obrigação, para fazer os trabalhos da escola. (C.L.M., 15 anos, 9ª ano, aluno da rede pública de ensino, Jequié-BA, 2004.) (TOURINHO VIDAL, 2004, p. 8)

Diferente dos professores de Jorge Amado, Rubem Alves e Lya Luft, a professora de C.L.M. tirou dele o prazer e o gosto pela leitura. Faltou a ela sensibilidade em explicar à classe a importância de ler essas obras, dizer que esses livros narram a dolorosa realidade de um povo, a saga de tantas famílias que saem da seca nordestina em busca de melhores condições de vida e a tristeza que é precisar deixar para trás suas raízes. Explicar que as mortes apresentadas na trama são mais que naturais e expressam a lei da vida: nascer e um dia morrer. A professora poderia mostrar que literatura é ficção, sim, mas também é expressão da realidade. Se assim o fizesse, os alunos embarcariam na aventura cientes do que iriam encontrar. O choque não seria tão intenso e o leitor de *O Pequeno Príncipe* não sucumbiria ao primeiro encontro com a crueza da realidade.

Retomamos às ideias de Oliveira (2010), de que os problemas de leitura no Brasil se dá ao fato dos professores estarem saindo da faculdade com deficiência, ao lermos o depoimento abaixo, também retirado de nosso trabalho anterior.

> Minha experiência com a leitura começou muito cedo. Minha mãe tinha o costume de ler todas as noites para me fazer dormir. Também tínhamos muitos livros em casa, livros infantis, que me proporcionavam verdadeiros delírios. Li muito até os 10 anos, mas quando entrei na 5ª série, minha professora de português passou como leitura de unidade o livro *O meu Pé de Laranja Lima*. Hoje eu sei que o livro é muito bonito e nos fala sobre o amor, mas na época eu via apenas o sofrimento do garoto, a dor de perder o amigo. Também mandou que fizéssemos um resumo da obra e não explicou o que é e como fazer um resumo. Eu fiquei folheando o livro e copiando partes. Achei a atividade insuportável. Nas séries seguintes não foi diferente. Até a 8ª série eu li *Menino de Engenho*, *Vidas Secas*, *O Quinze*. Pura miséria, dor e sofrimento. Eu, na minha pouca idade não compreendia porque tinha de ler tanto livro que me fizesse sofrer. Nos anos seguintes, no científico, não suportava as aulas de literatura e não lia as obras solicitadas. Hoje continuo avesso às leituras. (C.C. 42 anos, profissional da área de informática, Jequié--BA, 2004.) (TOURINHO VIDAL, 2004, p. 10).

Outro deslize de professor, já que o livro *O Meu Pé de Laranja Lima* aflora a sensibilidade humana e é uma boa leitura para se trabalhar as relações sociais e os laços de amizade. Contudo, cobrar resumo sem explicar o que é e como se faz é uma experiência “dolorosa”, vazia, sem valor literário. De fato, a atividade só poderia causar desgosto. Não podemos deixar de observar que a professora de C.C. comete

o mesmo desvio da professora de C.L.M. ao pedir a leitura dos clássicos nacionais sem antes fazer uma resenha para os alunos. Prática equivocada de como se deve trabalhar a literatura no ensino fundamental.

Infelizmente, constatamos que os livros que se leem na escola são indicados pelos professores. Ademais, é comum percebermos a leitura como uma obrigação e muitas vezes usada como atividade avaliativa. Não é incomum haver prova do livro como meio de se ter certeza de que o aluno cumpriu com a tarefa de ler.

Quanto às indicações de leitura pela escola, Marchi (2011) deixa evidente que os alunos não gostam de ler livros impostos, pois, segundo ela, a leitura é uma atividade pessoal e interligada às experiências do leitor. Quanto à obrigatoriedade da leitura, Lajolo (2004), explicita que a leitura não está relacionada à aprendizagem formal, mas acontece a partir da relação leitor/mundo.

Devido aos descuidos dos professores com a questão da leitura, Oliveira (2010) questiona: os alunos devem estudar a literatura ou usar a literatura? Por fim, conclui:

> É urgente que os cursos de letras incluam uma disciplina voltada para o ensino de literatura ou que os professores de literatura nesses cursos façam as devidas pontes entre as disciplinas que lecionam e o ensino de literatura. Além disso, o professor de português precisa refletir sobre as questões levantadas aqui para se conscientizar de como está a sua prática pedagógica em termos de ensino de literatura. Afinal, ele é quem pode auxiliar seus alunos a se prepararem para uma leitura mais apurada dos textos literários. (OLIVEIRA, 2010, p. 173)

Como vimos, a leitura permite ao sujeito viver experiências fascinantes, adquirir conhecimentos, desenvolver-se. Contudo, o ensino de leitura ainda está longe de atingir o esperado. Enquanto se cobrar do aluno leituras com fins didático--pedagógicas e com exercícios que subestimem sua inteligência, enquanto a essência do texto for esquecida e ele for trabalhado superficialmente, não se conseguirá “sedução” para o gosto e o prazer pela leitura e o ensino de literatura continuará sem graça, monótono, sem sentido.

1.2.1 A proposta pedagógica dos parâmetros curriculares nacionais para o ensino da leitura e da escrita

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) apontam que o domínio da linguagem e leitura competente são os principais objetivos do ensino de Língua Portuguesa, pois é a partir da competência leitora que os alunos se tornarão profícuos nas demais disciplinas. Por leitor competente, os PCNs percebem que se trata de

> [...] alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (BRASIL, 1998, p. 15)

Evidentemente, a concepção de leitura abordada nos PCNs é a interacionista, na qual o leitor participa ativamente no processo de leitura. O referido documento sugere que os professores, além de desenvolverem práticas leitoras com textos de diferentes gêneros, priorizem os que circulam socialmente, uma vez que esses exercícios permitem que o aluno, ao fim de uma leitura expressiva, seja despertado por ideias de intertextualidade. Em outras palavras, proporciona ao educando ser remetido a outros textos já conhecidos. Isso pode acarretar uma leitura mais prazerosa e uma vontade de compartilhar as descobertas. Portanto,

> Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (BRASIL, 1998, p. 70)

Conforme orientações dos PCNs, o importante é que o educando desenvolva sua competência leitora através da prática de leitura. "... o aluno deve pôr em jogo tudo o que sabe para descobrir o que não sabe." (BRASIL, 1998, p. 70). Cabe aos professores, a parceria nesse processo de aquisição e, assim, ensinar que ler uma notícia é diferente de ler um romance que é diferente de ler uma receita, ou seja, é importante que haja preocupação com a diversidade das práticas de recepção dos

textos, afinal, “o modo de ler é também um modo de produzir sentidos.” (BRASIL, 1998, p. 70)

Portanto, a desenvoltura na escrita está diretamente ligada à prática efetiva de leitura. Contudo, ainda existe uma grande distância entre a teoria e a realidade de leitura em sala de aula, mas, inegavelmente, a proposta apresentada nos PCNs continua sendo a didática mais viável para o ensino de leitura e de escrita nos dias de hoje.

1.3 MULTILETRAMENTOS E LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

No livro *Multiletramentos na escola,* Rojo (2012) faz um breve histórico sobre como surgiu a necessidade do uso da *pedagogia dos multiletramentos.* Segundo ela, em 1966, um grupo de pesquisadores dos letramentos nos Estados Unidos, o *New London Group*, ou o Grupo de Nova Londres, preocupados com o grande número de pessoas à margem da sociedade, viram que os problemas vividos por elas não podiam ficar ausentes das salas de aula. A partir daí, criaram o manifesto *Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais*, no qual o grupo mostra a necessidade de a escola tornar-se responsável pelos novos letramentos surgidos na sociedade, a exemplo das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) e das variedades culturais tão presentes em salas de aula de todo o mundo. O grupo de Nova Londres (GNL) aponta para o fato de que os jovens há muito têm acesso a novos letramentos hipermidiáticos. Nesse sentido, o termo multiletramentos foi criado para englobar tanto a multiculturalidade presente na sociedade como a multimodalidade de textos.

Portanto, segundo Rojo (2012), para fazermos uma pedagogia de multiletramentos, é preciso que levemos para a sala de aula a vivência do educando, seu conhecimento de mundo, a cultura em que está inserido. Devemos pensar na formação do aluno não só para aquisição do conhecimento, mas para o trabalho, para a cidadania, para a vida pessoal. A pedagogia dos multiletramentos, então, é aquela em que há mistura dos múltiplos conhecimentos e todos seguem harmonicamente para o mesmo fim.

Diante da situação mencionada acima, é urgente que a escola introduza os multiletramentos em seus currículos, a fim de fazer um trabalho eficaz com os jovens,

inseridos em épocas tão multiculturais e multimodais apresentadas no século em vigor. Portanto, percebemos que, atualmente, a escola não é a única formadora de saberes. Com o uso das neotecnologias, a nova geração, a partir do manuseio e uso de computadores, *tablets* e celulares, encontra facilmente todo tipo de leitura que abasteça sua curiosidade e enriqueça seu conhecimento.

Nesse sentido, a escola não pode parar no tempo, não pode ficar alheia às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), nem resistente em adotar seu uso. Se deixar que o aluno traga sua cultura para a sala de aula, acatá-la e incorporá-la aos objetos de ensino, a escola estará operando de forma colaborativa e não mais individualista. Isso implica numa pedagogia de trocas, de projetos e não em uma pedagogia conteudista.

Para tanto, a Pedagogia dos Multiletramentos pretende alertar os professores para a necessidade de alterar o pensamento de que educação ainda pode ser feita conforme o ensinado no século XIX, ou seja, educação meramente transmissiva. Assim, é urgente que os educadores busquem formação para que possam se inserir na era digital, através de materiais e equipamentos adequados.

Nessa perspectiva, o computador é um forte aliado, já que a partir dele ficou mais fácil editar um áudio, produzir um vídeo, restaurar uma fotografia, tudo com qualidade profissional. Contudo, é necessário que tanto a escola quanto os professores se ajustem às novas ferramentas tecnológicas, assim, a sala de aula se tornará um espaço plural, um lugar em que os diversos discursos coabitam de forma harmoniosa e no qual os diferentes têm as mesmas oportunidades, pois, de acordo com Silva (2011, p. 134), “[...] a cidadania eficaz e o funcionamento produtivo hoje requerem que saibamos da existência e sejamos capazes de dialogar e negociar com múltiplas linguagens”.

Para aplicação deste trabalho, fez-se necessário que os sujeitos participantes acionassem seus conhecimentos anteriores como o digital, o crítico, o visual, o midiático, entre outros que se apresentaram no decorrer do processo, a fim de responderam às atividades propostas pela pesquisa *ENTRE CONTOS E MINICONTOS: leitura, escrita e fotografias instigantes do bairro Curral Novo.*

É importante reforçarmos que para um aprendizado mais significativo é necessário a valorização de uma prática pedagógica interativa e reflexiva que utilize os multiletramentos em sala de aula, pois são eles que permitirão um envolvimento efetivo dos alunos na discussão e construção do saber.

Quanto ao uso da fotografia, buscamos alicerce em Barbosa (1998) quando ela diz:

> A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Como disse a autora, é primordial que saibamos ler imagens, principalmente porque vivemos diariamente com esse tipo de estímulo e, como elas nos são transmitidas de forma involuntária, a leitura imagética é indispensável para uma reflexão crítica e consciente da realidade.

Assim, acreditamos que a escrita de minicontos mediante fotografias do Curral Novo, cujas imagens remetem tanto à história da cidade como a lembranças e experiências vividas não só pelos adultos, mas pelos alunos e seus antepassados, poderá ajudar significativamente no aprendizado de leitura imagética e facilitar a leitura e escrita de textos.

Uma vez que o uso da fotografia é relevante para este trabalho, convém que falemos um pouco de sua história.

Conforme a Infoescola[2], a primeira fotografia é datada de 1826 e foi tirada na França por Joseph Nicéphore Niépce. Contudo, a criação não pode ser atribuída somente a ele, pois, já que o processo é complexo e requer, principalmente, conhecimento de física e química para seu desenvolvimento, foram necessários muitos pesquisadores. A prova de sua complexidade é o filme colorido, que só foi criado 81 anos depois, em 1907 e, ainda hoje, apesar dos avanços tecnológicos, a foto em cores não alcançou a mesma sensibilidade que a foto em preto e branco.

Em 1975, o engenheiro elétrico Steve Sasson, criou para a Kodak a primeira câmera digital, mas foi no início do século XXI que aconteceu o *boom* desse estilo de fotografia. A não necessidade de revelação, a facilidade de armazenamento e diversidade de aparelhos cada vez menores e de alta resolução, fotografar se tornou

2- Disponível em http://www.infoescola.com/artes/fotografia/> Acesso em 18 de março de 2017.

uma prática quase que obrigatória, principalmente entre os jovens, nativos digitais. Todavia, não se fotografa apenas porque ficou barato ou porque não precisa revelar a foto, mas porque essa habilidade permite que os momentos significativos da vida sejam “materialmente” perpetuados, emoldurados em lugares de destaque.

Apesar de atribuirmos à fotografia o *status* de arte, há muita polêmica a esse respeito. Enquanto alguns críticos consideram que fotografar é interpretar a realidade e, por isso, é uma arte, para outros, a facilidade em produzir uma fotografia é que a desconsidera como tal.

Para o nosso trabalho, essa discussão não possui relevância. Importa-nos capturar cenas instigantes que permitam aos alunos compreendê-las, interpretá-las e que possam refletir sobre o que veem, a fim de adquirirem sensibilidade, criticidade e mudança de atitude consigo, com o outro e com o meio no qual vivem.

2 GÊNEROS TEXTUAIS E GÊNEROS DISCURSIVOS

Ao longo da história, o homem tenta ligar o estudo sobre gêneros à classificação de diversos aspectos linguísticos. Na antiguidade, por exemplo, desde a filosofia clássica, os gêneros retóricos estão relacionados aos vários campos do saber. Sobre o discurso, Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), conforme Mesquita (2005), escreveu dois tratados: *A Arte Poética* e *A Arte Retórica*. Enquanto esta ocupa-se com os discursos como persuasão, aquela prende-se à arte da evocação imaginária, do discurso essencialmente poético e literário. Nesse sentido, Aristóteles, segundo Barthes (1975) propôs a organização da oratória em três gêneros do discurso os quais podem ser definidos mediante as circunstâncias em que são pronunciados: o deliberativo com intenção de aconselhar ou dissuadir; o forense ou judiciário, com o fim de acusar ou defender e o demonstrativo ou epidítico, que nada mais é senão o discurso elogioso ou de representação cidadã.

De acordo com Mello (1998), ainda nesse período, Platão e Aristóteles sentiram a necessidade de dividir a literatura em classes, no que resultaram os gêneros lírico, dramático e épico ou narrativo.

O gênero lírico está relacionado ao tempo presente, corresponde à memória, desenvolve-se a partir da manifestação do eu lírico, suas emoções e anseios. O dramático, relaciona-se ao tempo futuro, é próprio à categoria da tensão e exalta as realizações humanas e seus conflitos com o mundo. O gênero épico ou narrativo, referencia o passado, caracteriza-se por narrar aventuras, guerras, atos heroicos. Certamente, podemos dizer que o gênero épico, deu origem ao romance, à novela, ao conto, à crônica, entre outros, pois todos eles são narrativos, apresentam enredo, personagens, espaço, tempo.

Mais tarde, a partir da segunda década do século XX, com o Formalismo Russo, o estudo dos gêneros ganhou posição de destaque. Nesse momento, foi defendido seu caráter evolutivo, assim como seu desenvolvimento e história literária. Contudo, os formalistas defendem a ideia de que uma nova forma de gênero surgiria à medida que a antiga se esgotasse.

Todorov (1980), quanto à origem dos gêneros diz que:

> Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Um "texto" de hoje (também isso e um gênero num de seus sentidos) deve tanto a "poesia" quanto ao romance" do século XIX, do mesmo modo que a "comédia lacrimejante" combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente. Nunca houve literatura sem gêneros; e um sistema em contínua transformação e a questão das origens não pode abandonar, historicamente, o terreno dos próprios gêneros: no tempo, nada há de "anterior" aos gêneros. (TODOROV 1980, p. 46).

De fato, observamos que ao longo dos anos alguns gêneros sofreram modificações com fins de se ajustarem à sociedade, às tecnologias e à cultura. Na atualidade, a discussão gira em torno dos gêneros textuais e dos gêneros discursivos.

2.1 MARCUSCHI E A TEORIA DOS GÊNEROS

Segundo Marcuschi (2005), os gêneros textuais são fenômenos históricos inerentes à vida sócio-cultural, uma vez que rompem, situam-se e integram-se às culturas nas quais se desenvolvem. Nessa lógica, são bem mais caracterizados por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais que pelas particularidades linguísticas e estruturais que apresentam, tanto que são muitos os que surgiram e surgem para adequação das necessidades do homem, a exemplo, na contemporaneidade, dos novos gêneros advindos com a internet como *e-mails*, *chats*, *blogs* etc. Marcuschi (2005) ainda chama atenção para o fato de que esses neogêneros não subsistem sozinhos, mas são apoiados a outros já existentes como a carta e o bilhete.

No entanto, apesar das muitas explicações sobre gênero é comum pessoas não saberem a distinção entre gêneros e tipos. Quanto a isso, esclarece Marcuschi (2005):

> a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

> b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2005, p. 21 et. seq.).

Essa posição pode ser melhor compreendida a partir do quadro comparativo a seguir.

FIGURA 1 – Quadro comparativo

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
Construções teóricas organizadas pela linguística;	Materialização linguística determinada pela sócio-comunicação;
Sequências enunciativas;	Textos comunicativos;
Categorias limitadas, demarcadas pelos aspectos lexicais, sintáticos, conhecimento lógico, tempo verbal, construções frasais;	Conjunto aberto e infinito de características definidas conforme a práxis do autor, conteúdo, composição e função.
Designam textos narrativos, descritivos, injutivos (indicam ordem), argumentativos e expositivos (texto informativo).	Possibilidade ilimitada: carta, receita, resenha, telefonema, *blog*, *e-mail*, horóscopo, lista de compras, Manual de instrução etc.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base em Marcuschi (2005)

Conforme Marcuschi (2005), podemos afirmar que enquanto a tipologia textual diz respeito à maneira como um texto se apresenta e pode ser distinguido pela presença de determinados traços, sequências linguísticas, os gêneros textuais são os textos materializados que exercem funções sócio-culturais percebidas e vividas pelos usuários da língua.

2.2 BAKHTIN E AS REFLEXÕES SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO

Atualmente, a maioria dos estudos sobre gêneros fundamentam-se nos escritos de Bakhtin, que sustenta a ideia de que a língua é por natureza sociável, a palavra só se realiza dentro do contexto social e os falantes usam a língua para suas necessidades comunicativas, ou seja, falante e ouvinte estão inseridos em um contexto cultural e interagem entre si através da linguagem. Conforme o próprio teórico,

> [...] na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto de contextos possíveis de uso de cada forma particular. (BAKHTIN, 2006, p.96)

Na interpretação bakhtiniana, o discurso é proveniente do diálogo e considerado como propriedade essencial da linguagem. Nesse ponto de vista, tanto os textos quanto a cultura dialogam entre si. Esse pensamento pode ser reforçado em Todorov (1980), pois, segundo ele, um discurso é composto por enunciados e esses enunciados são interpretados não só pela frase que se enuncia, como também pela própria enunciação, composto por interlocutores, tempo e lugar, um discurso precedente e um contexto de enunciação.

Dado o paralelismo entre língua e sociedade, Bakhtin (2003, p. 277) assegura que “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

Nesse seguimento, Bakhtin emprega o termo esferas sociais ou campo de utilização da língua para referenciar as atividades humanas. Assim, existem textos que contemplam a esfera literária, jornalística, religiosa, científica, acadêmica etc. Por isso, são classificados conforme o contexto em que são empregados e são definidos de acordo com os elementos que participam dessa composição.

A essa ideia, esclarece o estudioso:

> [...] as formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto e, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente. (...) Aprender a falar é aprender a

> estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, e óbvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 2003, p. 302-3)

Portanto, em uma comunicação, quando um dos interlocutores começa seu discurso dizendo “Aprendi a fazer um ‘prato’ novo”, sabemos que se trata de uma receita culinária e o objetivo é ensinar a preparar uma guloseima. Logo, é exigido uma preparação para o entendimento do texto. Por isso, Bakhtin sustenta que os interlocutores se moldam à situação de fala e de escuta e que os gêneros discursivos são deveras importantes para a comunicação verbal.

Em seguimento ao raciocínio bakhtiniano, entendemos que para haver conformidade entre os gêneros do discurso e a esfera de comunicação da qual nós, falantes, fazemos parte, são necessários três elementos básicos: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. No conteúdo temático, são apresentados os temas, ou seja, os assuntos a serem tratados. Exemplo:

FIGURA 2 - “Descoberta” da Amazônia

Fonte: site da revista GGN[3]

3 – Disponível em: <http://jornalggn.com.br/noticia/o-desmatamento-e-a-poluicao-retratados-em-cinco-charges> Acesso em 21 de abril de 2016.

FIGURA 3 - Análise do desmatamento na Amazônia

A Amazônia é considerada a maior floresta tropical do mundo e a área mais rica em biodiversidade. No entanto, sua cobertura vegetal está sendo reduzida drasticamente, fato que gera um grande desequilíbrio ambiental. Os principais responsáveis por esse processo são a expansão urbana e as atividades agropecuárias, em especial a criação de gado e o cultivo de soja.

Fonte: site do Brasil Escola[4]

Observamos que os dois textos tratam do mesmo assunto, porém são resultantes de gêneros diferentes. Enquanto o primeiro é uma charge, portanto tem como característica produzir humor e levar à reflexão, o segundo pretende informar sobre a problemática do desmatamento da Amazônia.

No estilo verbal, estão em evidência o vocabulário, a estrutura sintática, a escolha lexical etc. Esses elementos serão empregados conforme a esfera pretendida, ou seja, podem apresentar linguagem mais ou menos formal, termos técnicos específicos à área de conhecimento, sintaxe simples ou complexa.

FIGURA 4 – Aquecimento global

O aquecimento global designa o aumento das temperaturas médias do planeta ao longo dos últimos tempos, o que, em tese, é causado pelas práticas humanas – embora existam discordâncias quanto a isso no campo científico. A principal causa desse problema climático que afeta todo o planeta é a intensificação do efeito estufa, fenômeno natural responsável pela manutenção do calor na Terra e que vem apresentando uma maior intensidade em razão da poluição do ar resultante das práticas humanas.

Fonte: site do Brasil Escola[5]

4 – Disponível em: <http://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/analise-desmatamento-na-amazonia.htm> Acesso em 21 de abril de2016.
5 – Disponível <http://brasilescola.uol.com.br/geografia/aquecimento-global.htm> Acesso em 21 de abril de 2016.

FIGURA 5 – O aquecimento global

Envolvendo o planeta Terra, há uma camada de gases que chamamos de atmosfera. Os raios solares a atravessam, aquecendo a superfície terrestre que, quando aquecida, libera calor. Uma parte desse calor é absorvida pela atmosfera e a outra parte se perde no espaço. Quando a atmosfera absorve esse calor, ela não deixa que a Terra esfrie muito e mantém a superfície terrestre aquecida possibilitando a vida na Terra. Se não ocorresse isso, a Terra seria muito fria, em torno de -270C, e seria impossível viver aqui. Isso é o que chamamos de efeito estufa, um processo natural.

Fonte: site do Escola Kids[6]

Os textos 4 e 5 tratam do mesmo assunto, aquecimento global, contudo é possível observarmos que enquanto um exibe vocabulário formal, pronomes relativos, pressupõe leitores competentes; o outro é mais didático, próprio para crianças ou um público menos instruído, uma vez que os períodos são curtos e há cuidado em explicar os termos específicos à esfera linguística escolhida.

Na estrutura composicional, evidencia-se a organização do texto. Cada gênero exibe uma estrutura específica, a exemplo da receita, da carta, do bilhete etc.

FIGURA 6 – Bilhete

Paulinha,
Amanhã não vou para a escola porque vou viajar para visitar minha avó que está doente.
Avise a professora Clarice, por favor.
Obrigada
Juliana
12/03/2013

Fonte: blog Alfabetização e Linguagem[7]

6 – Disponível <http://escolakids.uol.com.br/o-aquecimento-global.htm> Acesso em 21 de abril de 2016.
7 – Disponível < http://alfabetizacao-linguagem.blogspot.com.br/p/bilhete.html> Acesso em 21 de abril de 2016.

O exemplo usado é um bilhete e, como tal, exibe vocativo, corpo de texto, saudação final, assinatura e data. Também é possível vermos a presença da narrativa, uma vez que está evidente o tempo, o espaço, o clímax, o desfecho.

Em continuidade, adentramos com os gêneros do discurso. Quanto a eles, Bakhtin os classifica como primários e secundários. Enquanto estes podem ser perceptíveis em situações comunicativas mais complexas, nos quais as atividades sócio-culturais requerem um caráter formal, a exemplo dos documentos, cartas, palestras etc.; aqueles, são percebíveis em situações comunicativas mais espontâneas, cotidianas ou íntimas. Contudo, os gêneros primários podem vir a ser componentes dos gêneros secundários. Por exemplo, o romance, no qual podemos ver a presença de vários gêneros como o diálogo, a carta, o diário etc.

Entendemos, portanto, que ao analisarmos um texto à sombra bakhtiniana é preciso, não apenas considerarmos a classificação do gênero e suas características, mas, sobretudo, refletirmos sobre sua finalidade ou função social.

Quanto ao ensino dos gêneros, eis o que dizem os PCNs:

> [...] a unidade básica do ensino só pode ser o texto. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (BRASIL, 1998, p. 23)

Os PCNs (BRASIL, 1998) sugerem que o ensino de língua portuguesa deve acontecer através de textos, que são materiais concretos, circulam socialmente, realizam funções comunicativas diversas e são organizados de diferentes formas. A essas organizações, chamamos de gêneros textuais. Depreendemos, daí, que trabalhar com os gêneros é fundamental para os alunos se familiarizem com as diversas formas de textos, o que facilitará o desenvolvimento de suas competências comunicativas e suas habilidades leitoras e escritoras.

2.3 O CONTO: UM GÊNERO

Histórias são contadas mesmo antes do homem adquirir a fala, haja vista os desenhos rupestres, os quais narram aventuras e batalhas do povo primitivo em busca, principalmente, de alimento. Vemos, então, que é próprio da natureza humana contar, registar sua passagem pela vida, seja com desenhos, como faziam os antepassados, seja com palavras como fazem os contemporâneos. Nós, seres, humanos, portanto, encontramos no conto uma possibilidade de explicitar nossas conquistas, nossos medos, nossos sentimentos.

Tentar fazer uma trajetória histórica para definir quando o conto foi criado é impossível, mas alguns defendem que os mais antigos relatos de que se tem registro são *Os contos dos mágicos*, provavelmente datado de 4.000 antes de Cristo. Para Gotlib,

> Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam. O da estória de Caim e Abel, da *Bíblia,* por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias estórias que existem na *ilíada* e na *Odisseia,* de Homero. E chegam os contos do Oriente: a *Pantchatantra* (VI aC), em sânscrito, ganha tradução árabe (VII dC) e inglesa (XVI dC**);** e as *Mil e uma noites* circulam da Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda a Europa (século XVIII)**.** (GOTLIB 2006, p. 6)

Nessa mesma direção, Hohlfeldt (1988), aponta que, a partir do século XVI era possível encontrar registros escritos em língua portuguesa. Em 1575, na Europa, são publicados os *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, do autor Gonçalo Fernandes Troncoso. Mais tarde, com a criação da prensa de Gutemberg e depois com a imprensa e a distribuição de jornais, o conto chegou ao ápice. Contudo, é no século XIX que o conto ganha *status* de gênero, a partir dos estudos dos Irmãos Grimm e Edgar Allan Poe.

Gotlib (2006) nos chama atenção para o fato de que paralelamente ao desenvolvimento da história do conto, corre a história da teoria do conto que tenta teorizar o gênero. Segundo a mesma autora, muitos escritores têm se pronunciado a respeito do conto, todavia, há os que o declara como gênero, há os que não o reconheça como tal, e tampouco existe um conceito fixo que o defina, mas todos concordam que o conto é um texto curto, pertencente ao grupo dos gêneros narrativos

e tem como características ser enxuto, condensado, compacto, apresentar poucas personagens, poucas ações e possuir tempo e espaço bem reduzidos. O conto, pois, ainda segundo Gotlib (2006), é uma narrativa criada pela imaginação do autor, ou seja, é ficcional. Os verbos prevalecem no passado e a variedade linguística geralmente é a padrão.

Ao longo dos anos, muitos estudiosos e escritores tentaram definir o conto, entretanto, assim como não conseguimos identificar a origem dos contos, também não conseguimos atribuir-lhes uma definição. Entre tantos dizeres,

> Cortázar ressaltava haver nas narrativas breves um poder latente entre “fugacidade” e “permanência”, capaz de criar uma tensão que venceria o leitor “por nocaute”, e não “por pontos” (como ocorre nos romances). Machado de Assis, talvez o maior entre os nossos, alertava para a imensa complexidade que se esconde sob a tarefa aparentemente simples de elaborar em poucas páginas uma trama envolvente. Carnavalizando o debate, Mário de Andrade vaticinou: cabe ao próprio autor definir se o texto que criou deve ser considerado um conto ou não. Uma das mais precisas definições, contudo, veio do argentino Ricardo Piglia. Em sua “Teses sobre o conto”, ele enfatiza que a principal característica do gênero é narrar, paralelamente, duas histórias - uma aparente e a outra secreta. Este fio que se desenrola quase que silenciosamente em algum momento se revelaria, despertando “verdades secretas” que jazem sob a “capa” do texto propriamente dito. (MOUTINHO, <www.paralelos.org/out03/000256.html>, apud CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 275).

Um conto, por certo, é uma narrativa breve, que vai direto ao assunto e tudo nele é importante, desde os elementos gramaticais aos narrativos. Também possui a característica de poder ser recontado por vezes indeterminadas. A esses aspectos, Gotlib (2006) acrescenta que não importa se o acontecimento relatado é real ou falso, pois, no conto, tudo é ficcional. O que vale ao escritor é conquistar a atenção do seu público. E para isso, o contador, seja ele quem escreve o conto ou quem o narre, esforça-se para criar um modo todo especial de contar a história. Pode ser na entonação da voz, no olhar, nos gestos, nas palavras escolhidas para o momento.

2.4 MINICONTOS: UM NOVO GÊNERO?

Em relação ao miniconto, é certo dizer que o gênero *floresceu* em meados do século XX, principalmente entre escritores hispânicos, a exemplo de Juan José Arreola (1918-2001), Julio Torri (1889-1970) e Augusto Monterroso (1921-2003). Segundo Lagmanovich (2006, resumo do livro), *"[...] En la modernidad, estas formas se insinúan en el simbolismo y el modernismo hispánico, y cristalizan definitivamente en las vanguardias surgidas a partir de la segunda década del siglo XX"*[8].

Apesar de contemporâneo e ter surgido, sobretudo, entre os hispânicos, o miniconto está difundido no mundo inteiro. Isso se deve à propagação pela internet, mas também à característica de ser breve e a seu caráter subjetivo e reflexivo que despertam no leitor a curiosidade e a vontade de compreender a leitura.

Como esse é um gênero recente, podemos apregoar que é difícil ver tais composições entre os escritores clássicos da literatura brasileira. Todavia, há um conto de Machado de Assis (1994), *Um Apólogo*, apontado como um dos precursores do miniconto no Brasil. Ainda, em *Brás Cubas* (1997, p. 68), o autor deixa explícito seu apreço pela concisão: "Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões".

Nos idos de 1960, surgiu nos Estados Unidos um movimento que valorizava o uso mínimo de recursos e elementos em obras artístico-culturais, a chamada Arte Minimalista que também influenciou a literatura. Esse movimento é caracterizado pela economia de palavras. No Brasil, um de seus representantes foi Oswald de Andrade. É visível sua tendência minimalista quando, no famoso *Manifesto Pau-Brasil* expressa ser adepto da agilidade na poesia: "A poesia Pau-Brasil, ágil e cândida. Como uma criança" (OSWALD DE ANDRADE, 1924). Também é possível comprovar o minimalismo nesse autor em o poema intitulado *Natal*. "Minha sogra ficou avó". (OSWALD DE ANDRADE 1991, p. 70). Portanto, podemos pensar que se o miniconto ou microrrelato ou minificção, é um gênero novo, suas características há muito

---

8- "[...] Na modernidade, estas formas se mostram no simbolismo e no modernismo latino-americano e se cristalizam definitivamente nas vanguardas surgidas a partir da segunda década do século XX." Tradução nossa. MICRORRELATO, TEORIA E HISTÓRIA. **Casadellibro.com.** Disponível em https://www.casadellibro.com/libro-el-microrrelato-teoria-e-historia/9788493465391/1114007. Acesso em 08/02/2016.

aparecem representadas nas composições de vários escritores pelo mundo.

De acordo com Capaverde (2004), os minicontos são caracterizados por serem curtos, breves, condensados e devem ter no máximo duas páginas. Essa particularidade é corroborada por Paulino (2001, p. 137), quando diz que o miniconto "[...] é um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo sobre o leitor".

Entre os minicontos, há também os monofrásicos, aqueles escritos mínimos, em uma única frase ou período, como o famosíssimo *El dinosaurio*, de Monterroso (2005, p. 90). "*Cuando desperto, el dinosaurio todavia estaba ali".*[9] Segundo análise de especialistas, pode-se observar que há início, meio e fim; verbos no passado e presente, o que dá continuidade à narrativa e a palavra dinossauro escrita no título e no corpo do conto, mostra a importância desse elemento.

Talvez, Trevisan seja o propulsor dos minicontos na contemporaneidade brasileira. A partir do livro *Ah, é?* (1994) surgiram novas publicações desse gênero, a exemplo de *Contos contidos*, de Maria Lúcia Simões (1996); *O filantropo*, de Rodrigo Naves (1998); *Pérolas do decote*, de Pólita Gonçalves (1998); *Mínimos, múltiplos, comuns*, de João Gilberto Noll (2003); *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*, antologia organizada por Marcelino Freire (2004), com a proposta de publicar histórias inéditas com até cinquenta letras. Dentre tantos autores convidados, estavam Dalton Trevisan, Millôr Fernandes, Manoel de Barros, Moacyr Scliar. Essa movimentação nos mostra que o estilo minimalista de escrita tem atraído desde os mais diversos e consagrados autores brasileiros aos aspirantes e ainda desconhecidos escritores.

Sobre esse estilo, Colasanti em entrevista, diz o seguinte:

> [...] O caminho da microficção é maravilhoso, é muito bom. Primeiro porque é um casamento, uma junção, muito alquímica entre razão e emoção. Porque ele tem que ser inteligente e ao mesmo tempo, se ele não vier da emoção fica o risco de ficar frio. Ele é um trabalho de precisão. [...]. Então é uma coisa grande delicadeza e ao mesmo tempo ele tem um desafio muito grande: tem que ter o resultado de um conto grande em cinco linhas, em três, em quatro. O ideal do mini--conto é quando a pessoa lê e fecha o livro, e aí sim, quando

9 - "Quando despertou, o dinossauro todavia estava alí." Tradução nossa.

> aquele conto bem assim e assim... o miniconto ele se realiza nesse eco que ele tem que deixar dentro do leitor, porque senão ele é uma piada ou uma gracinha. Isso é o que torna ele muito fascinante. (PUC-RIO, 2007, p. 140-1)[10]

Comprovamos, a partir desses escritos, que o miniconto encontrou espaço no Brasil, tanto pela influência dos irmãos hispânicos, quanto pelos escritores já consagrados, pelos escritores aventureiros de internet e pelos leitores que estão abertos ao gênero. Talvez, por ser curto e requerer pouco tempo de leitura ou porque o estilo de narrativa realmente agrade, ou, ainda, porque está em total conformidade com a era digital em que vivemos. Primordial, então, é reconhecer a possibilidade de mais um novo e possivelmente consolidado gênero textual.

2.5 ELEMENTOS DA NARRATIVA

Como vimos antes, é da natureza humana a necessidade de narrar. Contamos casos, narramos fatos, histórias, acontecimentos. Quanto a isso, apregoa Barthes (2002):

> [...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, [...] (BARTHES, 2002, p. 103)

Entendemos, então, que narrativas são exposições de ocorrências organizadas sequencialmente e contadas de diversas formas. Conforme Gancho (2004), há cinco elementos necessários para sua sustentação: enredo (introdução, complicação, clímax, desfecho); personagens; tempo; espaço e narrador. Segundo ela, o enredo é o conjunto dos fatos, ficcionais ou não, que acontecem sucessivamente e dão

10 – Disponível < http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12216/12216_9.PDF> Acesso em 09 de fevereiro de 2016.

movimento à história. É nele que está o conflito - elemento que motiva, envolve, gera tensão e mantém o apreciador atento. “[...] o conflito possibilita ao leitor-ouvinte criar expectativas frente aos fatos do enredo.” Gancho (2004, p. 10).

Ainda com base nos estudos de Gancho (2004), condensamos, assim, as partes da narrativa:

- A introdução é o início da história, é quando são mostrados os primeiros acontecimentos, as personagens são apresentadas e o leitor tem ideia sobre o que irá ler. Também, não é incomum que o tempo e o espaço sejam delimitados na introdução.
- A complicação é a parte mais extensa do enredo. É nela que se desenvolve o conflito e onde a história se desenrola até a resolução.
- O clímax é o momento de maior tensão na história, é quando o conflito chega ao ponto máximo, ao auge. Após ele, tudo começa a ser esclarecido.
- O desfecho é o fim, é quando acontece a solução do conflito, quando se revela o destino das personagens. O desenlace pode ser feliz ou não. Trágico, cômico, surpreendente. Na verdade, são muitas as possibilidades da conclusão de uma narrativa.
- As personagens são os seres que participam efetivamente da história, são fictícios, mesmo se baseados em fatos reais e são os responsáveis pelo desempenho do enredo. Quanto ao papel que representam, as personagens podem ser protagonistas – exercem o papel principal de herói ou anti-herói; antagonistas – as que se opõem ao protagonista, e secundárias – têm participação menor na história.
- Apesar do elemento tempo ser fundamental em uma narrativa, necessariamente não precisa estar explícito. O tempo pode se apresentar em diferentes níveis: a) época em que se passa a história – a narrativa pode estar ambientada no passado ou no futuro. Não precisa ser o mesmo em que foi publicado a obra b) duração da história – é a fração em que acontecem os fatos. Pode ser cronológico, quando a narrativa discorre em ordem crescente, ou seja, os acontecimentos são narrados desde o início e é determinado em horas, dias, meses, anos, séculos e psicológico, quando a ordem dos fatos não acontece de forma linear, mas conforme a imaginação da personagem, que pode retornar ao passado ou até mesmo imaginar-se no futuro.

- O espaço é o local específico onde se passa a narrativa e tem como função situar as ações da personagem em um determinado lugar e pode ser caracterizado em um trecho específico ou ao longo da história. Já o ambiente, tem como característica determinar o espaço psicológico, religioso, moral, socioeconômico das personagens. A esse conjunto de determinantes, chamamos de clima.
- O narrador não é o autor da história, mas o elemento estruturador dela, o que conta, o que narra os fatos. Portanto, só existe na narrativa. Há dois tipos de narrador: narrador de primeira pessoa e narrador de terceira pessoa. Como visto, quem os determina é o pronome pessoal utilizado na narrativa.
- O narrador de primeira pessoa também conhecido como narrador personagem, pode ser narrador testemunha – geralmente não é a personagem principal, mas tem a oportunidade de narrar os fatos que participou, porém sem grandes destaques e narrador protagonista – é a personagem central da história, conta os fatos sob sua ótica.
- O narrador de terceira pessoa ou narrador observador, não participa da história, está de fora dos fatos. Ele pode ser narrador onisciente – sabe tudo sobre os acontecimentos da história e narrador onipresente – está presente em toda a história. Ao narrador de terceira pessoa, podem existir duas variantes: o narrador intruso - aquele que conversa com o leitor, que dá opinião sobre o comportamento das personagens e o narrador parcial – quando o narrador se identifica com determinado personagem e lhe dá maior destaque na história.

Em síntese, podemos dizer que o texto narrativo consiste numa sequência de fatos, os quais envolvem personagens que se movimentam em determinados tempo e espaço enquanto se desenrola a história contada por um narrador que pode ser observador ou personagem.

3 DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA À LINGUAGEM ESCRITA: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Começamos este capítulo com uma explicação sobre o que é pesquisa qualitativa e pesquisa-ação e o porquê de as escolhermos para nosso trabalho. Em seguida, fizemos uma breve caracterização da unidade escolar, do bairro onde ela está localizada e dos alunos, que são os protagonistas deste trabalho. Fizemos, também, uma alusão à imagem e como ela expressa a representação de algo ou de alguém e como, a partir de sua leitura, os alunos poderão escrever minicontos. Por fim, explanamos sobre a sequência didática proposta por Dolz (2004), com a qual organizamos atividades diferentes e contextualizadas.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO: PESQUISA QUALITATIVA E PESQUISA--AÇÃO

Justificamos o uso da pesquisa qualitativa porque esse método é voltado à investigação, a compreender o que motiva um determinado grupo, seu comportamento, opiniões e expectativas. Portanto, esse tipo de pesquisa é exploratório, não busca quantificar resultados, mas revelar *insights*, os quais poderão nortear o pesquisador em uma tomada de decisão sobre um determinado problema.

Os recursos mais usados nesse tipo de pesquisa são os questionários, principalmente porque ajudam o pesquisador a criar uma base de observação, cujas respostas, posteriormente, poderão ou não ser quantificadas. Também, essa técnica permite que estudemos e convivamos com os indivíduos em seu próprio ambiente e contexto social sem nos preocuparmos com resultados numéricos, estatísticos ou causa e efeito. Importante é que captemos o sentido dos comportamentos observados.

Para Bogdan e Biklen (*apud* GUSMÃO, 2015, p. 44), são estas as características de uma abordagem qualitativa:

> 1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.
> 2. A investigação qualitativa é descritiva.

> 3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
> 4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.
> 5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Assim sendo, o desenvolvimento da pesquisa é imprescindível. Por isso, nossa proposta para a aplicação deste trabalho é interagir com os alunos em seu ambiente de estudo através de recursos que os ajudem a resgatar seus conhecimentos anteriores e de mundo e que, através dessa troca, os sujeitos investigados se tornem dispostos a participar do trabalho proposto.

Contudo, convém estarmos cientes de que nem todas as características ditas acima sobre a pesquisa qualitativa podem ser alcançadas, vez que essa metodologia abrange significados subjetivos, como crenças, valores, desejos, razões, que estão além do alcance e entendimento do pesquisador.

Justificamos o uso da pesquisa-ação porque essa abordagem propõe uma prática de investigação compartilhada, na qual tanto o pesquisador quanto os sujeitos pesquisados estão envolvidos e são responsáveis pelo processo investigativo. Segundo (BARBIER 2007, p. 48), “Não há separação possível entre o individual e o social nesse processo; há somente, porém, uma articulação nas situações concretas cuja engrenagem ele ajuda a lubrificar”. Nesse sentido, acrescenta: “Não há pesquisa--ação sem participação coletiva” (BARBIER 2007, p. 70).

Esse tipo de pesquisa propicia, ao fim do processo, empreender soluções para os problemas apresentados. Essa acepção pode ser confirmada em Thiollent (2005), citada abaixo.

> [...] Um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2005, P. 16)

Entendemos que para esse tipo de pesquisa é necessário planejamento acerca do problema a ser investigado e usar uma metodologia que transforme a realidade dos sujeitos envolvidos. O objeto da pesquisa-ação, portanto, está voltado para uma situação social conjunta que envolva tanto o investigador quanto os investigados.

Dessa forma, podemos pensar que essa pesquisa promove uma

conscientização do indivíduo ou grupo; um aprofundamento na investigação dos problemas; uma proposta coletiva que resulte em soluções ou mudanças e aquisição de conhecimento.

A proposta de intervenção desse estudo, portanto, dar-se-á através da metodologia da pesquisa-ação, uma vez que a partir dela pode-se realizar um trabalho mais dinâmico, no qual a teoria se aproxima da prática e as dificuldades podem ser analisadas de acordo com o contexto em que pertencem os agentes envolvidos.

3.2 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

O Colégio no qual foi realizada a pesquisa está localizado no bairro Curral Novo, região periférica da cidade de Jequié e atende em torno de 700 alunos entre o Ensino Fundamental II e Ensino Médio nos turnos matutino e vespertino.

A escola é dirigida por uma diretora e dois vice-diretores. Possui 40 professores, secretária, funcionários administrativos e funcionários de apoio. É composta, internamente, por nove salas de aula distribuídas em três pavilhões. Em cada pavilhão há banheiros e bebedouros. Possui um auditório, uma biblioteca, uma sala de professores, dois banheiros para professores e funcionários, um refeitório, uma diretoria, duas secretarias, uma sala de informática. Na parte externa há uma quadra, estacionamento, quiosques e jardins.

Para os alunos do Ensino Fundamental, há o projeto Mais Educação, no qual são ministradas aulas de reforço de português e matemática e, para os alunos do Médio, além do ensino regular, são oferecidas aulas do Programa Ensino Médio Inovador com atividades de Língua Portuguesa, Iniciação Científica e Cultura Corporal. A escola busca ensinar Língua Portuguesa com base em uma proposta pedagógica voltada a desenvolver a capacidade de expressão e de argumentação dos alunos, através de atividades que os remetam a sua realidade concreta e os ajudem a se posicionar criticamente diante delas.

3.3 O BAIRRO CURRAL NOVO

O bairro possui uma história bastante importante no desenvolvimento da cidade. No início dos anos 1900, apresentava grande movimentação comercial e

agrícola. Plantava-se feijão, mandioca, melancia, abóbora e criavam-se bovinos e caprinos, tudo à margem do Rio das Contas, então fértil e caudaloso.

O Curral Novo também foi palco de banditismo. Àquela época, Jequié era assombrada pela rixa entre as famílias Silva (Rabudos), Gondim (Mocós), Cauaçus (cangaceiros) e muitos outros bandoleiros que queriam saquear a cidade. Ainda hoje, o bairro é bastante peculiar: sustenta a Pedra do Curral Novo de onde é possível vislumbrar uma grande parte da cidade e pessoas vão até lá com as mais diversas finalidades, desde apreciar a natureza e contemplar a vista a aninhar-se nos braços do bem amado. Também o rio, apesar de não ser mais navegável, serve à população como meio de sustento e lazer – uma vez que oleiros usam suas argilas para a construção, pessoas se banham e crianças aprendem a nadar.

Contudo, nem todos que moram do outro lado da rodovia Santos Dumont conhecem a história do bairro, sabem o quanto ele foi importante para o crescimento e desenvolvimento de Jequié ou entendem a relação que os moradores do local possuem com o rio, com as olarias, com a natureza. Somente um nativo ou um estudioso sabe avaliar a riqueza cultural guardada por esse lugar, a história passada, as batalhas vencidas, as derrotas sofridas. Tudo isso no Curral Novo no silêncio de sua grandeza.

3.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A sequência didática foi idealizada para o 8º ano e aplicada com os 33 alunos que compõem a classe. Esses jovens possuíam entre 12 e 14 anos e nem todos são moradores do Curral Novo. Apesar das sequências serem desenvolvidas a partir de imagens locais, ser morador do bairro não era requisito. Escolhemos essa turma porque trabalhamos juntos desde o ano passado, criamos laços afetivos e de confiança e por acreditarmos que esses são sentimentos cruciais para o bom andamento das atividades. Também vimos a possibilidade de buscar um *feedback* do trabalho anterior, uma vez que poderíamos avaliar o grau de retenção de conhecimento da turma e, por conseguinte, considerar o nível de nosso trabalho.

Os sujeitos pesquisados têm acessos à *internet*, computador e celular, estão conectados via redes sociais e interagem com o “mundo exterior”.

3.5. A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA: IMAGEM

Na antiguidade, Platão definia imagem como “primeiramente as sombras depois os reflexos que se veem nas águas ou na superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e a todas as representações semelhantes”[11]. Na era medieval, a imagem era definida como “algo que está em lugar de uma outra coisa, *aliquid stat pro aliquo*”[12]. Na contemporaneidade, o Dicionário Online Michaelis, entre outras acepções, define imagem como sendo “a representação do aspecto ou formato de pessoa ou objeto através de desenho, gravura, escultura”[13]. Ideia semelhante, expõe Carlos Alberto Bittar, jurisconsulto brasileiro, quando diz que a imagem “[...] consiste no direito que a pessoa tem sobre sua forma plástica e respectivos componentes distintos (rosto, olhos, perfil e busto) que a individualizem no seio da coletividade”. (BITTAR, 1995, p. 87). Isso nos possibilita acreditar que independentemente do tempo, das correntes filosóficas e dos pensamentos, a ideia suprema para imagem é a de representação.

Conforme Ana Mae Barbosa (1998), a mídia nos expõe diariamente a uma quantidade inimaginável de imagens, seja para vender produtos, seja para moldar nosso comportamento, seja para definir conceitos. A autora enfatiza que saber ler imagens é uma imposição da contemporaneidade, contudo ainda não nos é fácil fazer essa leitura, por isso aprendemos inconscientemente por meio delas. Dessa maneira, acrescenta, é fundamental que a escola aplique atividades sobre leitura imagética, a fim de que os alunos comecem a compreender e a avaliar as imagens que lhe são mostradas no cotidiano.

Acreditamos, portanto, que um trabalho a partir de imagens instigantes do bairro em que vivem os alunos, facilitarão o processo de ensino/aprendizagem de leitura e criação de minicontos, afinal,

---

11 – Disponível <https://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf > Acesso em 18 de março de 2017.
12 – Disponível < http://bdtd.fapeal.br/Titulos/15/a-imagem-do-lugar-e-seus-reflexos-um-estudo-do-bairro-da-levada> Acesso em 18 de março de 2017.
13 – Disponível < http://michaelis.uol.com.br/busca?id=m8pMZ > Acesso em 18 de março de 2017.

> Freire, conforme Antônio Joaquim Severino, considera que aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1995, p.8)

Ou seja, para ler uma imagem é preciso adentrarmos o contexto da obra e, somente, a partir daí poderemos construir nossos próprios conhecimentos. Em outros termos, para compreendermos uma imagem é preciso que antes busquemos significar "nosso mundo", entender nosso estilo de vida, como agimos e como pensamos. Ainda, segundo Barbosa (2008),

> Compreender uma imagem implica ver construtivamente a articulação de seus elementos, suas tonalidades, suas linhas e volumes. Enfim, apreciá-la, na sua pluralidade de sentidos, sejam imagens da Arte erudita, popular, internacional ou local; sejam produções dos alunos; o meio ambiente natural ou construído; imagens da televisão; informações visuais diversas presentes no cotidiano (BARBOSA, 2008, p. 81).

Então, educar para a visualidade, é preparar os alunos para que eles, a partir de leitura e interpretação, deem sentido à imagem lida e abstraiam dela uma realidade que possa ser aplicada no mundo em que vivem. Contudo, a verdade é que "[...] não conseguimos apreender o mundo tal qual ele é, construímos mediações, filtros, sistemas simbólicos para conhecer o nosso entorno e nos conhecer. " (BARBOSA, 2008, p. 73).

Como a leitura de imagens é uma atividade subjetiva, não há regras para seu ensino. Todavia, através de estímulos, conseguimos ajudar nossos alunos a reconhecer os elementos presentes numa imagem e abstrair dela cenas que podem fazer parte do seu cotidiano, e, assim, serão capazes de interpretar, compreender e ler uma imagem.

3.6 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

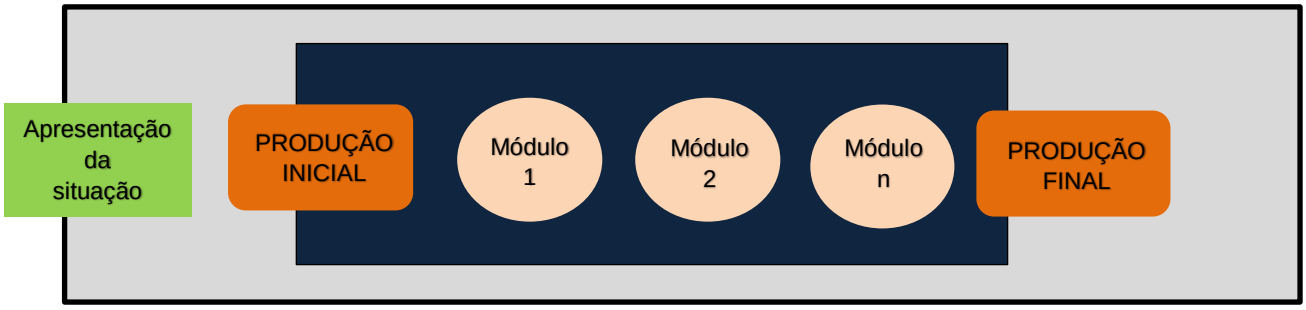
Uma das preocupações entre os educadores, é em como devemos proceder ao ensino das expressões oral e escrita durante as aulas de português. A essa

inquietação, Dolz (2004, p. 96) propõe “criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados”, ou seja, produzir e aplicar sequências didáticas. Essa estratégia, portanto, permitirá aos alunos se apossarem de noções e técnicas que os ajudarão a se expressarem nas diversas situações comunicativas.

Para tanto, pensamos numa intervenção pedagógica que pudesse ser empregada em 12 aulas (duas aulas para cada etapa) e, como o objetivo deste trabalho de pesquisa é capacitar alunos de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual em Jequié-Bahia para a leitura e a escrita de minicontos e fotografias, pensamos que seria fundamental trabalharmos com gêneros textuais uma vez que eles mantêm uma certa regularidade, facilita a comunicação e ajuda no desenvolvimento da escrita e oralidade. A fim de obter melhores resultados, a maioria das atividades desta proposta foram impressas e servirão como suporte para realização dos trabalhos. Elas também foram pensadas com a intenção de não dar aos alunos respostas prontas, mas fazer com que eles pensem, busquem conhecimentos anteriores e criem textos críticos e sugestivos.

Apresentamos, a seguir, o esquema representativo da sequência didática utilizada neste projeto.

FIGURA 7 – Esquema de sequência didática



Fonte: DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 98

Toda a nossa proposta de Sequência Didática foi organizada e detalhada em Planos de Aula, desde etapa da Apresentação da Situação à Produção Final. Para cada etapa da intervenção pedagógica há dois planos de aula: Apresentação da Situação: Planos 1 e 2 (APÊNDICES A, p. 147 e B, p. 148); Produção Inicial: Planos 3 e 4 (APÊNDICES C, p. 149 e D, p. 150); Módulo 1: Planos 5 e 6 (APÊNDICES E, p. 151 e F, p. 152); Módulo 2: Planos 7 e 8 (APÊNDICES G, p. 153 e H, p. 154); Módulo

3: Planos 9 e 10 (APÊNDICES I, p. 155 e J, p. 156) e Produção Final: Planos 11 e 12 (APÊNDICES K, p. 157 e L, p. 158)

Durante o processo, também utilizamos variados textos de diversos autores e muitas imagens do bairro Curral Novo como instrumentos relevantes para o procedimento do trabalho, vez que eles podem instigar a curiosidade e o interesse dos alunos já que são moradores e conhecem os acontecimentos locais.

Com a utilização desses recursos, pretendemos que os alunos se sintam leitores e capazes de produzir contos que possam expressar o cotidiano de suas vidas ou retomem histórias do passado ou, simplesmente, viajem pela imaginação e criem ficções por pura diversão. A análise dos dados nos mostrará quanto nossos alunos são capazes de responder as nossas expectativas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Em conformidade com os objetivos desta pesquisa que é proporcionar aos nossos alunos, mediante leitura e associação de fotografias, interpretar e escrever minicontos, elaboramos um questionário diagnóstico (APÊNDICE M, p. 159),com o qual podíamos mensurar quantos deles gostavam de ler e de escrever e quantos preferiam textos longos a curtos. Com essa atividade, pretendíamos verificar os conhecimentos prévios desses estudantes sobre narração, leitura imagética e produção textual, como também ter noção de com que intensidade acessam a internet, usam as redes sociais, recebem e transmitem mensagens de textos e de imagens. Tudo isso para compreender com que proporção nossos alunos recorrem à leitura em suas atividades diárias e para saber se leem mais textos impressos ou através da *internet*.

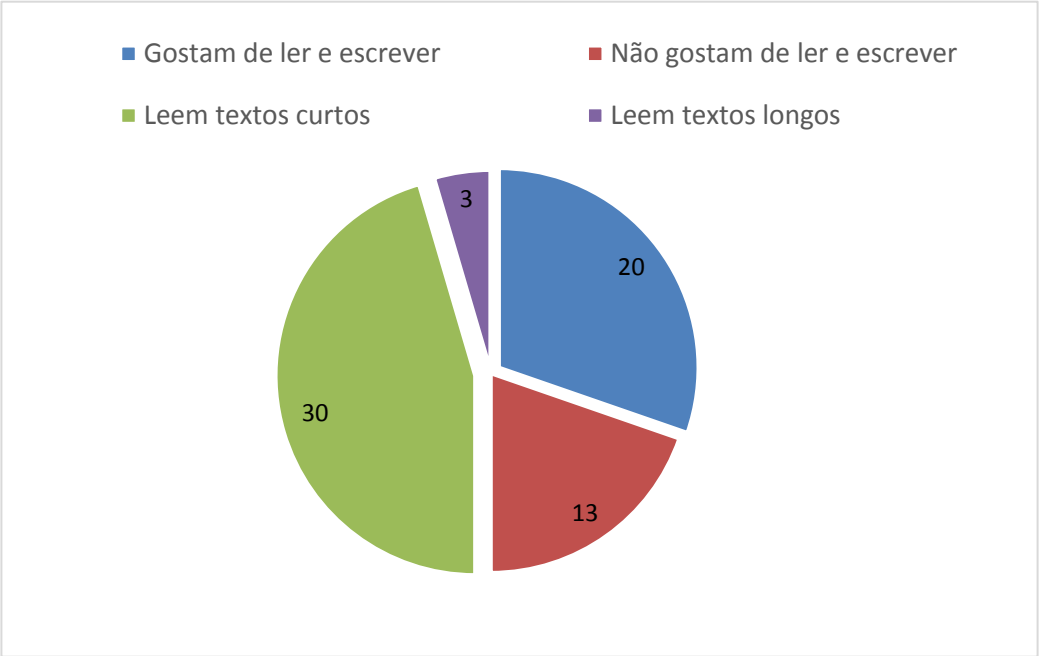
Nas etapas seguintes, realizamos tarefas que contemplaram esses assuntos, a fim de dar continuidade aos estudos da narrativa como possibilidade para trabalharmos o gênero textual miniconto, sua leitura e escrita.

Abaixo, analisaremos as respostas obtidas em cada etapa da pesquisa.

4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS – ETAPA: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO – PLANO DE AULA 1

Em relação às questões 1 e 2, sobre se gostam de ler e de escrever e se preferem textos curtos ou longos, 20 alunos responderam sim, gostam de ler e de escrever, o que totaliza mais de 60% dos entrevistados. Apenas 13, não gostam de ler e de escrever, 30 alunos preferem ler textos curtos e somente 3, preferem textos longos, ou seja, mais de 90% preferem uma leitura breve. Esses números podem ser observados no seguinte gráfico:

FIGURA 8 – Questionário diagnóstico



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa

Observamos, com esses números, que há contradição entre o discurso de muitos professores sobre os alunos não gostarem de ler e o resultado desta pesquisa. Quanto a isso, Marchi (2011), explicita que os jovens não gostam de ler livros impostos pela escola, vez que a leitura é uma experiência pessoal e a narrativa deve ter conexão com a história do leitor. Este pensamento pode ser corroborado através de Lajolo (2004), quando ela diz que a leitura independe da aprendizagem formal, mas se realiza a partir da interação indivíduo e universo. Acrescenta, ainda, esta autora, em outras palavras, que, normalmente, o ato de ler começa na escola, contudo não se encerra nela.

Na questão 3, perguntamos se eles gostavam de ler contos e por quê. A maioria, 23 alunos, respondeu que sim e justificou que os contos são interessantes, emocionantes, fantasiosos, permitem aumentar o conhecimento e podem mostrar a moral da história. Sete alunos disseram que não gostam do gênero porque é chato; dois, disseram que não leem e um não justificou.

Observamos, a partir das respostas, que os alunos que leem têm mais desenvoltura em argumentar oralmente e sabem se posicionar conforme seu ponto de vista e opinião, diferente dos alunos que não leem, os quais nem mesmo souberam

justificar por que não gostam da atividade, como também dos que se posicionaram não gostar do gênero, vez que apontaram argumentos vazios e inapropriados para a idade/série. Isso nos lembra de como é importante que o professor apresente a seus alunos leituras de todos os gêneros e com diversos objetivos.

Na análise da questão 4, vimos que os jovens se identificam com os contos de mistério (20 alunos); de terror (12 alunos) e apenas (9 alunos) gostam de contos maravilhosos e de enigma. Convém salientar, que os alunos puderam marcar mais de uma alternativa neste quesito.

Como os sujeitos pesquisados têm idade que variam entre 12 e 14 anos, o interesse pelos contos maravilhosos é reduzido. Contudo, é bastante atrativa a leitura de contos de mistério e terror devido à excitação possibilitada por esse gênero.

Uma vez que a narração é o cerne de nosso trabalho, elaboramos duas questões específicas. Na questão 5, queríamos saber sobre quanto os alunos conheciam acerca da tipologia textual narrativa. Eles deveriam assinalar todas as opções, mas somente 3 alunos reconheceram quais são os elementos narrativos. Isto corresponde a apenas 9,09% de acertos. Contudo, na questão 6, sobre estrutura e elementos dos contos, 26 alunos dos 33 entrevistados, obtiveram êxito na resposta, o que equivale a 78,78% de acertos. Na questão 7, sobre minicontos, pedimos aos alunos que, com base nos estudos anteriores, deduzissem sobre o que poderia ser esse gênero, contudo, a intenção era, além de saber se os alunos conheciam a estrutura do conto, perceber se sabiam o significado do prefixo mini, por isso a pergunta foi bastante direcionada. O número de acertos subiu para 84,84%, ou seja, 28 alunos perceberam que o prefixo mini corresponde ao que é pequeno, breve.

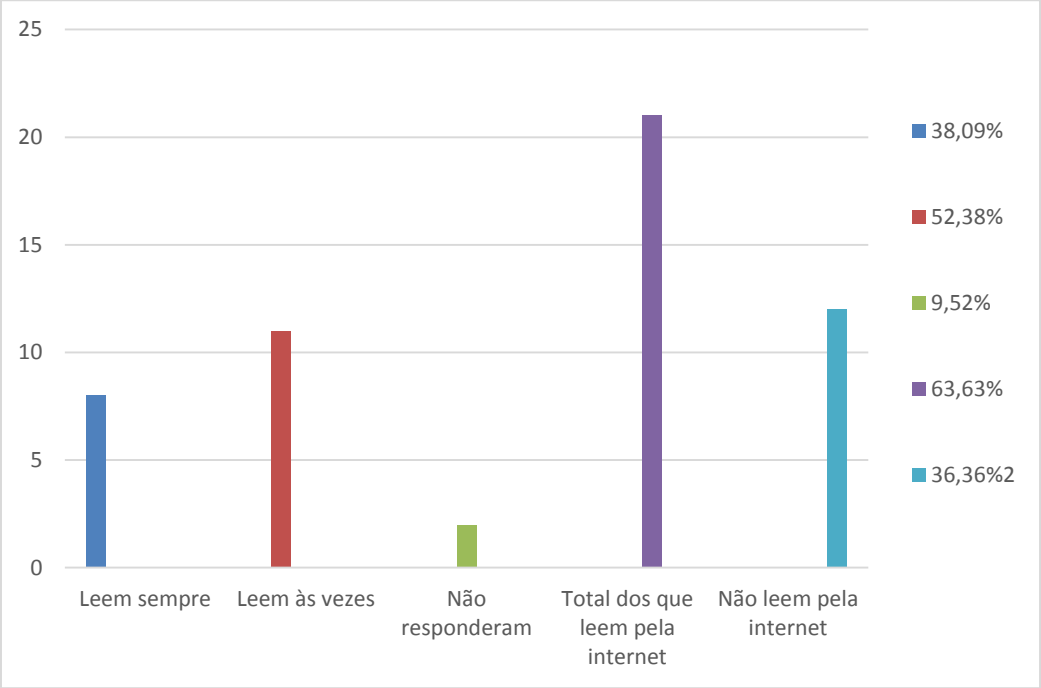
Com os resultados obtidos, notamos que poucos alunos tinham domínio sobre a tipologia textual narrativa, seus elementos e organização, mas conheciam a estrutura do conto, o que os ajudou na dedução sobre o que é um miniconto.

As questões 8, 9 e 10, referiam-se às tecnologias digitais. O propósito dessas perguntas era saber se os alunos tinham costume de ler e de escrever pela *internet* e se faziam parte de redes sociais, de quantas e quais delas. As respostas apresentadas por eles evidenciaram que os ambientes mais acessados eram o *Facebook* e o *Whatsapp*, seguidos do *Instagran*, *Twitter* e outros. Apenas 3 alunos não estavam conectados a nenhum ambiente virtual. Abaixo estão as respostas:

Dos 21 alunos que disseram ler pela *internet*, quando questionados quanto à frequência, apenas 8 responderam que leem sempre. 11, leem às vezes e 2 alunos

não responderam. 12 alunos não leem pela *internet*. Eis, em porcentagem, o equivalente a esses números: 38,09% leem sempre pela *internet*; 52,38% leem às vezes pela *internet*; 9,52% não responderam à questão e somente 36,36% não leem pela *internet*. Vide gráfico explicativo.

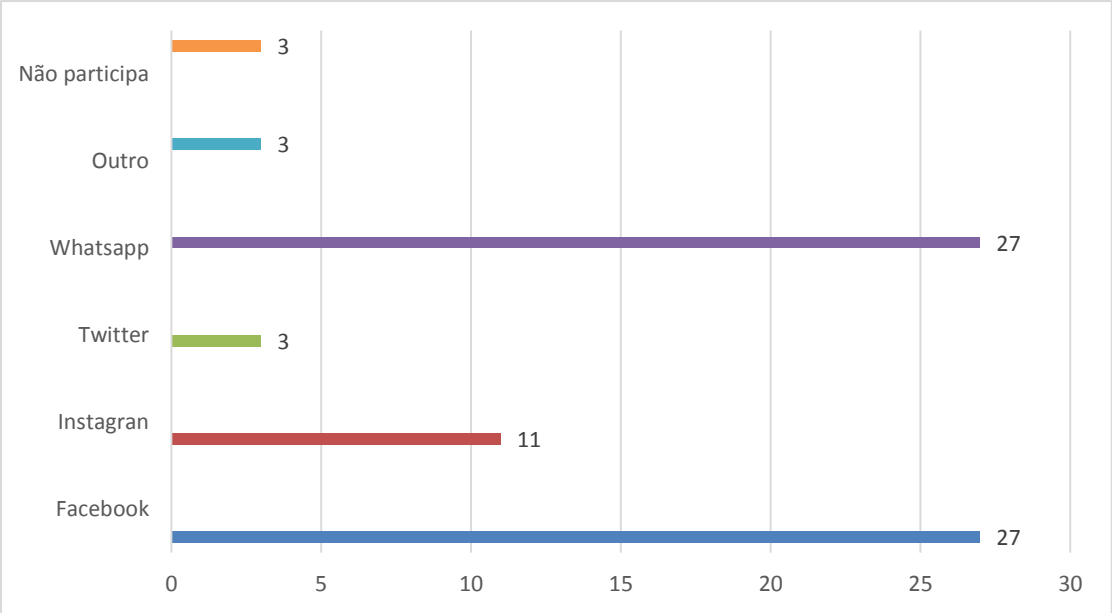
FIGURA 9 – Questionário diagnóstico respostas das questões 8 e 9



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa

É pertinente observarmos a significância do número de alunos que utilizam a *internet* para leitura, ou seja, 21 alunos dos 33 entrevistados. Em números percentuais: 63,63% dos alunos utilizam a *internet* para esse fim, o que é muito expressivo. Em sentido amplo, podemos dizer que a *internet* está inserida no cotidiano estudantil e por isso é imprescindível que não ignoremos esses números nem essa prática. Os sujeitos de hoje são multiletrados, por isso, conforme Rojo (2012, p. 21), para despertar o interesse dos alunos contemporâneos pelos estudos [...] “são necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressora (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição e diagramação” A seguir, um gráfico ilustrativo sobre o uso da *internet* pelos alunos pesquisados.

FIGURA 10 – Questionário diagnóstico resposta da questão 10



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa

Rojo (2012) enfatiza que, atualmente, com a inserção das novas tecnologias, é necessário que as práticas de letramentos nas escolas comecem a utilizar outras modalidades de leitura e escrita, vez que as recentes tecnologias da informação e comunicação (TICs) possibilitaram não apenas o surgimento de novos gêneros, mas também um alto número de alunos que usam a *internet* como meio para a leitura e a escrita.

Diante dessa realidade, os PCNs (BRASIL, 1998) de língua portuguesa têm sugerido que os professores apresentem aos estudantes leitura, escrita, fala e escuta de gêneros variados, principalmente o *chat,* o *blog,* o *e-mail* e muitos outros "nascidos" com a *internet*, pois essa nova modalidade textual requer dos alunos maior habilidade de leitura e de escrita.

O miniconto, gênero escolhido para estudo, é bastante divulgado em *sites*, e diversas redes sociais, a exemplo do *facebook, twitter, blogs*, inclusive com concursos de minicontos, os quais, além de "lançar" novos escritores, tornam o gênero bem difundido.

As questões 11 e 12 ainda se referem ao uso de redes sociais, pois, como vimos, os jovens utilizam bastante o *Facebook* e o *Whatsapp*, que possuem a característica de enviar e receber mensagens, fotos, vídeos, conversas. Contudo, há

alunos que enviam textos. Quanto a isso, eis como reagem: 25, disseram que leem os textos porque têm curiosidade, porque podem ser interessantes, importantes, informativos. Três alunos disseram que somente às vezes é que leem os textos; quatro não leem e um, não respondeu.

Quando questionados se gostam das mensagens que recebem e se costumam enviá-las, a maioria dos alunos respondeu que gosta de receber mensagens, mas prefere as curtas e com imagens. Muitos disseram que nem todos os *posts* que recebem são reenviados. Fazem uma triagem antes, postam apenas os que acham mais interessantes.

Podemos perceber que a atividade de fazer triagem requer leitura, interpretação e compreensão. Esse exercício permite que o leitor atribua significados ao texto, relacione-o a outros, aproveite-o ou refute-o, passando-o adiante ou simplesmente o deletando.

A questão 13 traz uma paisagem do bairro Curral Novo onde moram os alunos (APÊNDICE M, p. 159). No momento em que viram a imagem, fizeram muitos comentários sobre o local e sobre as atividades que acontecem ali, como a extração de argila para as olarias, de areia para as construções, dos banhos em dias de calor. Também ficaram surpresos ao saberem que a foto é de nossa autoria. Interessante como eles se encontraram na fotografia e como é forte a sensação de pertencimento de cada um deles. Talvez por se virem descobertos, talvez por não se acharem importantes para que alguém fosse aos seus redutos, ou, simplesmente, por não pensarem que fotografar poderia ser uma atividade da professora.

Essa movimentação dos alunos nos remete a Rojo (2012) vez que, conforme a autora, com os multiletramentos os sujeitos se veem capazes de liberar e dividir informações e conhecimentos e a Dondis (1991) quando esta afirma que a aprendizagem de leitura imagética deve estar acessível a todas as pessoas indistintamente.

Quando questionados se conheciam a paisagem retratada, todos os alunos responderam sim (alternativa a). Na alternativa (b), perguntamos em que parte do dia a foto foi registrada, se manhã, tarde ou noite e por que sabiam disso, 25 alunos responderam que foi na parte da tarde e a justificativa é que havia sombra. A foto foi registrada pela manhã, quase meio-dia. Aqui percebemos que não observaram a claridade do rio nem dos morros atrás, mas somente a sombra das árvores. Também não atentaram que a sombra das árvores estão quase embaixo delas, o que sugere o

horário de quase meio-dia. Acreditamos que a idade dos alunos condiz com a questão proposta e podemos ver que ainda há falta de atenção no tocante à leitura de imagens.

Contudo, na alternativa (c), quando perguntamos quais elementos compunham a fotografia, os 33 alunos identificaram-nos corretamente, ou seja, o rio, as árvores, os morros, as casas na outra margem, a vegetação, a areia, um pedaço do céu.

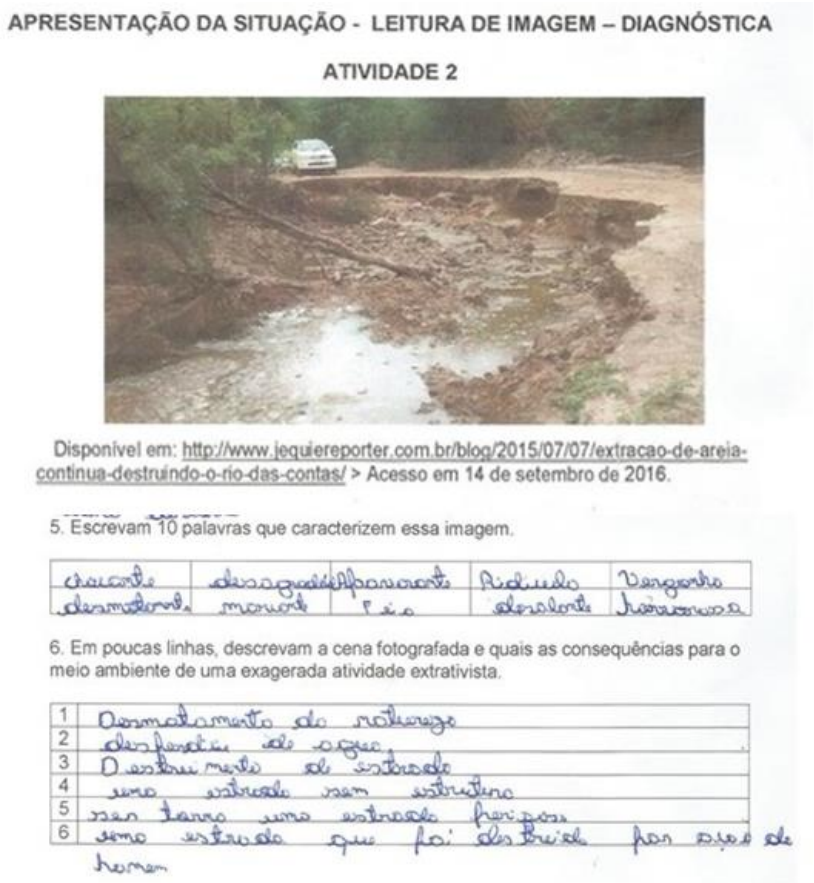
Na alternativa (d), perguntamos se a paisagem pertence a zona rural ou urbana. 21 alunos responderam que pertence a zona rural, enquanto apenas 12 identificaram como zona urbana. Observamos que o conceito de rio, mato, árvore são elementos que remetem à área rural, mesmo sabendo que o lugar retratado está a pouco metros da escola e da casa de muitos deles e que o bairro Curral Novo pertence à zona urbana.

4.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS – ETAPA: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO – PLANO DE AULA 2

Por compartilharmos do pensamento de Bakhtin (2006), o qual entende que a linguagem acontece mediante interação entre interlocutores, organizamos, não só nesta etapa, mas em todas as demais, os alunos em seis grupos, a fim de que haja comunicação entre eles, que troquem informações e respondam ao que se pede com base na conversa e entendimento de todos os membros do grupo. Para tanto, cada equipe recebeu uma imagem do bairro Curral Novo (Jequié-BA) para que eles as observassem e respondessem a algumas perguntas de compreensão textual (APÊNDICES N, p. 161; O, p. 162; P, p. 163; Q, p. 164; R, p. 165; S, p. 166). Como esperávamos, os alunos não sentiram dificuldade em respondê-las. As questões 5 e 6 são comuns a todos os grupos. Na 5, solicitamos que caracterizassem a imagem com palavras e na 6, que a descrevessem tomando por base as palavras escritas por eles. Propositalmente, não solicitamos a resposta em forma de texto, mas deixamos implícito quando construímos uma tabela que o sugerisse.

Vejamos a seguir as respostas de cada grupo para as questões 5 e 6 e transcrições na íntegra dessas respostas. Como não tivemos pretensão de analisar as normas gramaticais, não fizemos correções em nenhuma das atividades respondidas pelos alunos nesta sequência didática.

FIGURA 11 – Leitura de imagem diagnóstica grupo 1



APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO - LEITURA DE IMAGEM – DIAGNÓSTICA

ATIVIDADE 2

Disponível em: http://www.jequiereporter.com.br/blog/2015/07/07/extracao-de-areia-continua-destruindo-o-rio-das-contas/ > Acesso em 14 de setembro de 2016.

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

chocante	desagradável	Apavorante	Ridículo	Vergonha
desmatamento	marcante	Feia	desolante	horrorosa

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada e quais as consequências para o meio ambiente de uma exagerada atividade extrativista.

1	Desmatamento da natureza
2	desperdisiu de agua
3	Destruimento de estrada
4	uma estrada sem estrutura
5	ser torno uma estrada perigosa
6	uma estrada que foi destruida por ação de homem

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 12 – Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 1

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

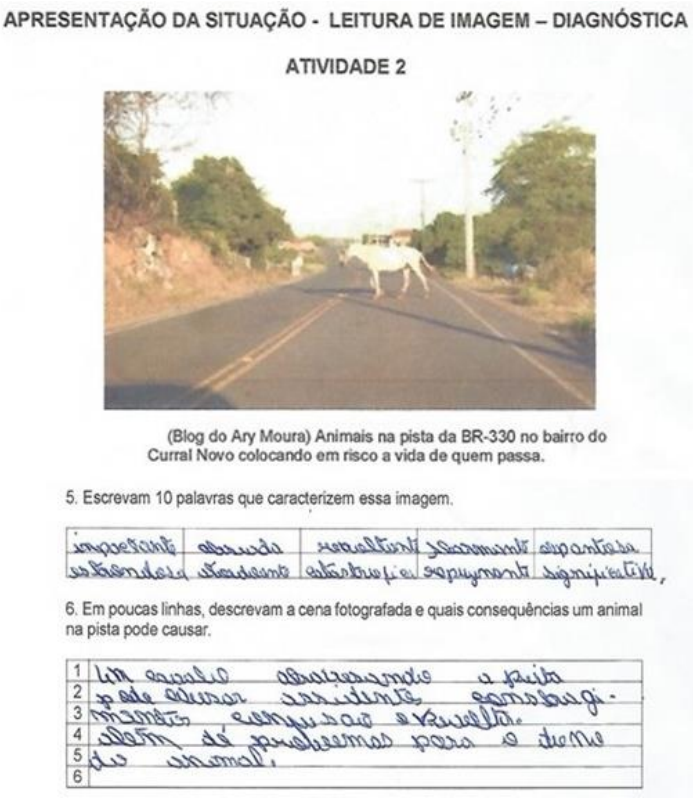
chocante	desagradável	Apavorante	Ridículo	Vergonha
desmatamento	marcante	Feia	desolante	horrorosa

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	Desmatamento da natureza
2	desperdisiu de agua
3	Destruimento de estrada
4	uma estrada sem estrutura
5	ser torno uma estrada perigosa
6	uma estrada que foi destruida por ação de homem

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 13 – Leitura de imagem diagnóstica grupo 2



APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO - LEITURA DE IMAGEM – DIAGNÓSTICA

ATIVIDADE 2

(Blog do Ary Moura) Animais na pista da BR-330 no bairro do Curral Novo colocando em risco a vida de quem passa.

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

inpactante	abusada	revoltante	alarmante	espantosa
estrondosa	atordoante	catastrófica	repugnante	significativa

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada e quais consequências um animal na pista pode causar.

1	Um cavalo atravessando a pista
2	pode causar assidentes constragi-
3	mentos confusão e revolta.
4	Além de problemas para o dono
5	do animal.
6	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 14 – Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 2

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

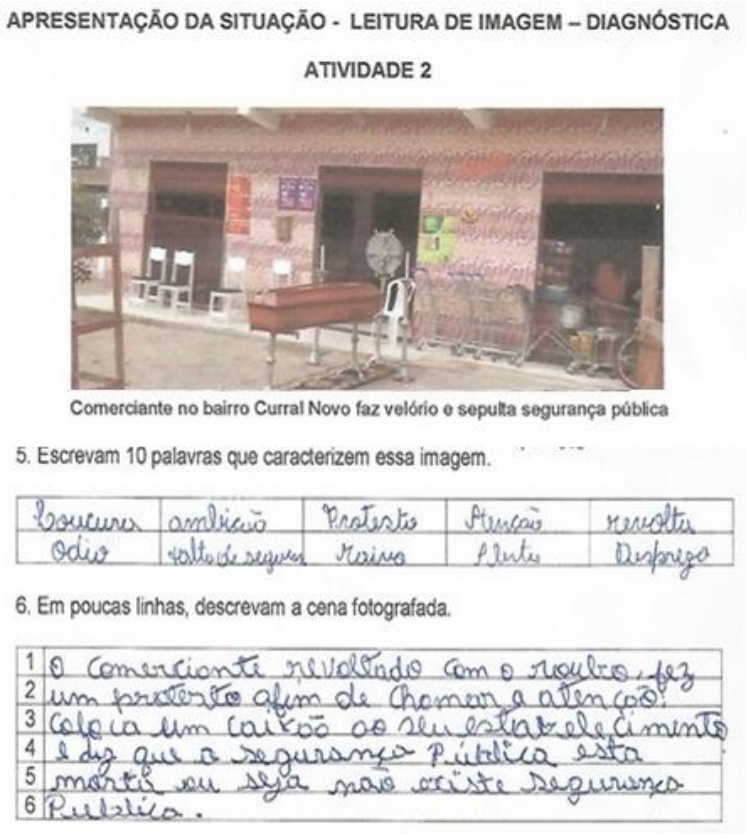
inpactante	abusada	revoltante	alarmante	espantosa
estrondosa	atordoante	catastrófica	repugnante	significativa

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	Um cavalo atravessando a pista
2	pode causar assidentes constragi-
3	mentos, confusão e revolta,
4	além de problemas para o dono
5	Do animal.
6	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 15 – Leitura de imagem diagnóstica grupo 3



APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO - LEITURA DE IMAGEM – DIAGNÓSTICA

ATIVIDADE 2

Comerciante no bairro Curral Novo faz velório e sepulta segurança pública

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

loucura	ambição	Protesto	Atenção	revolta
Odio	falta de segur	raiva	Alerta	Desprezo

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	O Comerciante revoltado com o roubo, fez
2	um protesto afim de chamar a atenção!
3	Coloca um caixão ao seu estabelecimento
4	e diz que a segurança Pública esta
5	morta ou seja não existe segurança
6	Publica.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 16 – Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 3

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

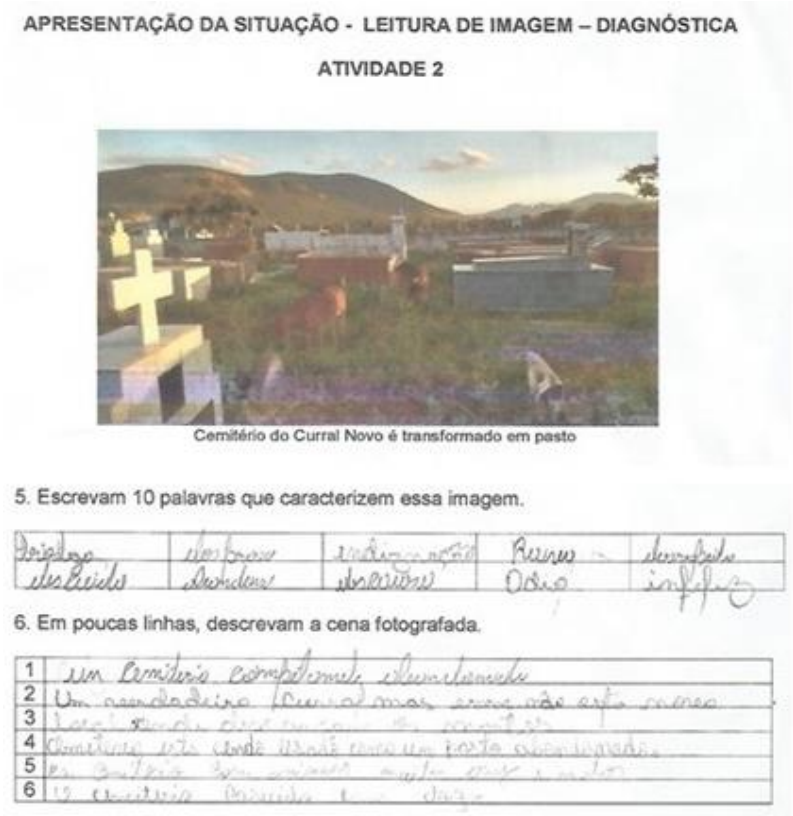
Loucura	ambição	Protesto	Atenção	Revolta
odio	falta de segurança	raiva	Alerta	Desprezo

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	O comerciante revoltado com o roubo, fez
2	um protesto afim de chamar a atenção.
3	coloca um caixão ao seu estabelecimento
4	e diz que a segurança pública esta
5	morta ou seja não existe segurança
6	Publica.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 17 – Leitura de imagem diagnóstica grupo 4



APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO - LEITURA DE IMAGEM – DIAGNÓSTICA

ATIVIDADE 2

Cemitério do Curral Novo é transformado em pasto

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 18 – Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 4

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

tristeza	despreso	indignação	Raiva	desrespeito
descuido	abandono	descauso	Odio	infeliz

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	um Cemitério completamente abandonado
2	Um verdadeiro curral mas esse não está novo
3	local onde descançam os mortos
4	cemiterio esta cendo usado como um pasto abandonado.
5	um cemitério com animais muitas cruz e matos
6	O cemitério parecido um vazio

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 19 – Leitura de imagem diagnóstica grupo 5

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO - LEITURA DE IMAGEM – DIAGNÓSTICA

ATIVIDADE 2

O lixo faz parte da paisagem do Curral Novo

5. Escrevam cinco palavras que caracterizem essa imagem.

lixo	dismatacao	Sujeira	mato	poluicão

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	muita sujeira
2	muito poluicao
3	lixo
4	dismatamento
5	muito mato

1. http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28289-entenda-a-lei-de-crimes-ambientais/ > Acesso em 14 de agosto de 2016.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 20 – Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 5

5. Escrevam 5 palavras que caracterizem essa imagem.

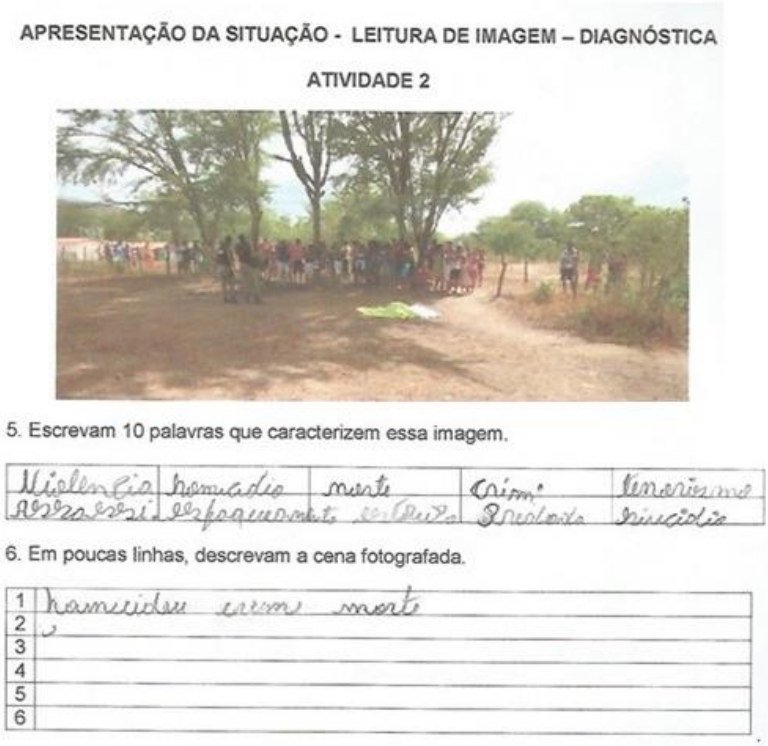
lixo	dismatacao	Sujeira	mato	poluicao

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	muita sujeira
2	muita poluição
3	lixo
4	desmatamento
5	muito mato

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 21 – Leitura de imagem diagnóstica grupo 6



APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO - LEITURA DE IMAGEM – DIAGNÓSTICA

ATIVIDADE 2

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

Violência	homicidio	morte	Crime	terrorismo
Assassi.	esfaqueamento	estrupo	Predada	suicidio

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	homicidiu com morte
2	
3	
4	
5	
6	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 22 – Transcrição Leitura de imagem diagnóstica grupo 5

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

Violência	homicídio	morte	Crime	terrorismo
Assassi.	esfaqueamento	estrupo	Predada	suicidio

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	homicidiu com morte
2	
3	
4	
5	
6	

Fonte: Dados da pesquisa

Com a aplicação dessa atividade, pudemos observar que os alunos sabem fazer leitura de imagens, haja vista respostas críticas e pertinentes no que diz respeito à situação grave e devastadora em que vive o bairro por conta das ações destrutivas do homem.

4.3 – ANÁLISE DAS PRODUÇÕES INICIAIS – PLANOS DE AULA 3 E 4

Segundo Marcuschi (2005) os gêneros textuais são intrínsecos à vida humana e são caracterizados por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais. Dada afirmativa, buscamos nos contos a base para nosso trabalho.

Para tanto, nos embasamos em Gotlib (2006). Conforme a autora, muito já se tentou, sem sucesso, definir o conto. Uns acreditam que a atração está na brevidade, outros porque o gênero causa impacto, outros dizem que o encanto está na flagrância do presente, mas concordam que a popularidade do conto está em seu poder de deixar livre a imaginação. Essa de “deixar livre a imaginação” é o reforço que pretendíamos para a atividade seguinte:

Na aula 3, a sala sempre dividida com a mesmas seis equipes, entregamos aos grupos 1 e 5 o miniconto *O sapateiro e os anões*, de Grimm (ANEXO A, p. 168); aos grupos 2 e 4, o miniconto *Uma vela para Dario*, de Dalton Trevisan (ANEXO B, p. 169) e aos grupos 3 e 6, o miniconto *A primeira só*, de Marina Colasanti (ANEXO C, p. 171) e solicitamos que fizessem a leitura observando, com base em conhecimentos anteriores, a estrutura e elementos do conto. Em seguida, pedimos que cada grupo criasse uma história, mas também poderia ser uma releitura do miniconto lido. Neste exercício, queríamos observar se os alunos sabiam quais são os elementos de uma narrativa (personagens, narrador, espaço, tempo) e a capacidade criativa na elaboração do conto.

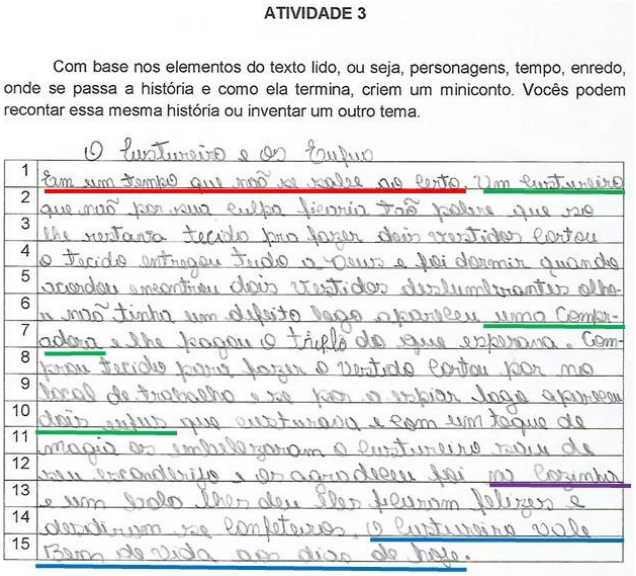
A seguir, apresentaremos os textos produzidos por cada grupo com sinalizações nossas, legenda abaixo, para os destaques que analisaremos posteriormente.

FIGURA 23 – Legenda elementos da narrativa - resposta da atividade 3

Observamos que todos os grupos preferiram recontar a história e no momento da socialização, entre outras razões, justificaram que seria mais fácil, que estavam sem imaginação, que não queriam errar. Observamos nessas falas a incerteza de que

cumpririam a tarefa corretamente. Percebemos, também, que o grupo 6 não usou o elemento tempo em seu conto, diferente dos demais, que se preocuparam em utilizar todos os componentes da narrativa. Contudo, apesar de usarem o mesmo tema, e se dizerem sem imaginação, foi possível observar a criatividade dos alunos nas novas histórias, pois acrescentaram outros dados e informações.

FIGURA 24 – Texto produzido Grupo 1 – atividade 3



ATIVIDADE 3

Com base nos elementos do texto lido, ou seja, personagens, tempo, enredo, onde se passa a história e como ela termina, criem um miniconto. Vocês podem recontar essa mesma história ou inventar um outro tema.

O Lustureiro e os Eufuo

Em um tempo que não se sabe ao certo. Um lustureiro
que não por sua culpa ficaria tão pobre que so
lhe restava tecido pra fazer dois vestidos Cortou
o tecido entregou tudo a Deus e foi dormir quando
acordou encontrou dois vestidos deslumbrantes olho-
u não tinha um defeito logo apareceu uma Compr-
adora e lhe pagou O triplo do que esperava. Com-
prou tecido para fazer o Vestido Cortou por no
local de trabalho e se por a espiar logo apareceu
dois eufus que costurava e com um toque de
magia os embelezaram o lustureiro saiu de
seu esconderijo e os agradeceu foi na Cozinha
e um bolo lhes deu eles ficaram felizes e
desidiram se confeteros. O lustureiro vale
Bem de vida aos dias de hoje.

Fonte: Dados da pesquisa

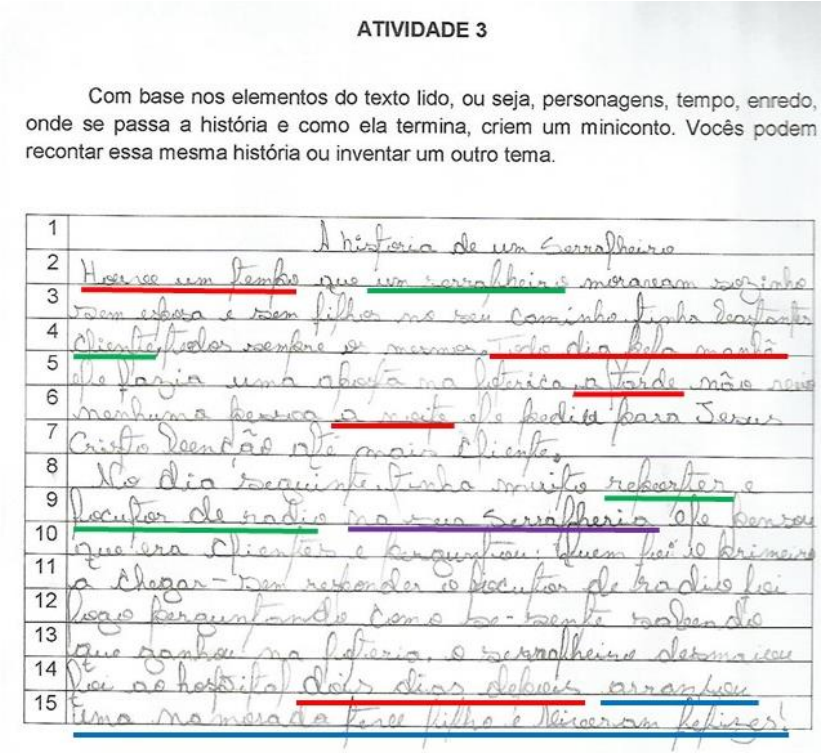
FIGURA 25– Transcrição Texto produzido Grupo 1 – atividade 3

O Costureiro e Os Eufuo

Em um tempo que não se sabe ao certo. Um costureiro
que não por sua culpa ficaria tão pobre que so
lhe restava tecido pra fazer dois vestidos Cortou
o tecido entregou tudo a deus e foi dormir quando
acordou encontrou dois vestidos deslumbrantes olho-
u não tinha um defeito logo apareceu uma Compr-
adora e lhe pagou O triplo do que esperava. Com-
prou tecido para fazer o Vestido Cortou por no
local de trabalho e se por a espiar logo apareceu
dois eufus que costurava e com um toque de
magia os embelezaram o costureiro saiu de
seu esconderijo e os agradeceu foi na cozinha
e um bolo lhes deu eles ficaram felizes e
desidiram se confeteros. O costureiro vale
Bem de vida aos dias de hoje.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 26 – Texto produzido Grupo 2 – atividade 3



ATIVIDADE 3

Com base nos elementos do texto lido, ou seja, personagens, tempo, enredo, onde se passa a história e como ela termina, criem um miniconto. Vocês podem recontar essa mesma história ou inventar um outro tema.

A historia de um Serralheiro
Houve um tempo que um serralheiro morava sozinho
sem esposa e sem filhos no seu caminho. Tinha bastantes
clientes, todos sempre os mesmos. Todo dia pela manhã
ele fazia uma aposta na loterica, a tarde não veio
nenhuma pessoa a noite ele pediu para Jesus
Cristo benção até mais cliente.
No dia seguinte tinha muito reporter e
locutor de radio na sua Serralheria ele pensou
que era clientes e perguntou: Quem foi o primeiro
a chegar – sem responder o locutor de radio foi
logo perguntando como se sente sabendo
que ganhou na loteria. O serralheiro desmaiou
foi ao hospital dois dias depois arranjou
uma namorada teve filho e viveram felizes!

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 27 – Transcrição Texto produzido Grupo 2 – atividade 3

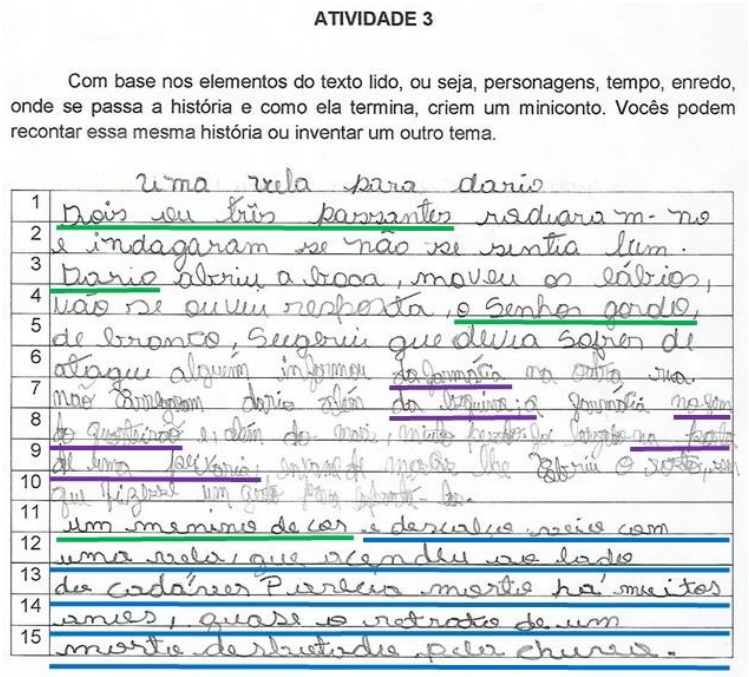
A historia de um serralheiro

Houve um tempo que um serralheiro morava sozinho
sem esposa e sem filhos no seu caminho. tinha bastantes
clientes, todos sempre os mesmos. Todo dia pela manhã
ele fazia uma aposta na loterica, a tarde não veio
nenhuma pessoa a noite ele pediu para Jesus
Cristo benção até mais cliente.

No dia seguinte tinha muito reporter e
locutor de radio na sua Serralheria ele pensou
que era clientes e perguntou: Quem foi o primeiro
a chegar – sem responder o locutor de radio foi
logo perguntando como se sente sabendo
que ganhou na loteria. O serralheiro desmaiou
foi ao hospital dois dias depois arranjou
uma namorada teve filho e viveram felizes!

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 28 – Texto produzido Grupo 3 – atividade 3



ATIVIDADE 3

Com base nos elementos do texto lido, ou seja, personagens, tempo, enredo, onde se passa a história e como ela termina, criem um miniconto. Vocês podem recontar essa mesma história ou inventar um outro tema.

uma vela para dario

Dois ou três passantes rodiaram-no
e indagaram se não se sentia bem.
Dario abriu a boca, moveu os lábios,
não se ouviu resposta, o Senhor gordo,
de branco, Sugeriu que devia sofrer de
ataque alguém informou da farmácia na outra rua.
não carregam dario além da esquina; a farmácia no fim
do quarteirão e, além do mais, muito pesado foi largado na porta
de uma peixaria, enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem
que fizesse um gesto para espantá-las.
um menino de cor e descalço veio com
uma vela, que acendeu ao lado
do cadáver Parecia morto há muitos
anos, quase o retrato de um
morto desbotado pela chuva.

Fonte: Dados da pesquisa

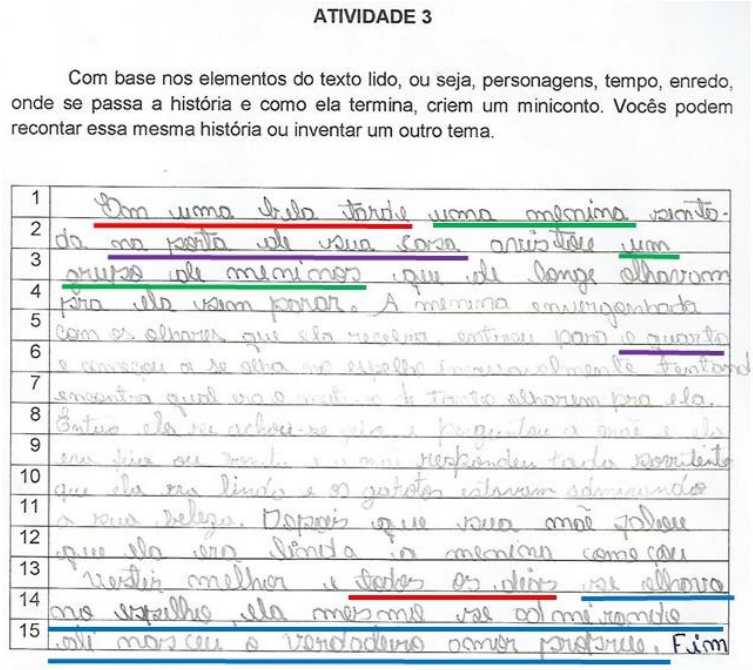
FIGURA 29 – Transcrição Texto produzido Grupo 3 – atividade 3

uma vela para dario

Dois ou três passantes rodiaram-no
e indagaram se não se sentia bem.
Dario abriu a boca, moveu os lábios,
Não se ouviu resposta, o Senhor gordo,
de branco, Sugeriu que devia sofrer de
ataque alguém informou da farmácia na outra rua.
não carregam dario além da esquina; a farmácia no fim
do quarteirão e, além do mais, muito pesado foi largado na porta
de uma peixaria, enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem
que fizesse um gesto para espantá-las.
um menino de cor e descalço veio com
uma vela, que acendeu ao lado
do cadáver Parecia morto há muitos
anos, quase o retrato de um
morto desbotado pela chuva.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 30 – Texto produzido Grupo 4 – atividade 3



ATIVIDADE 3

Com base nos elementos do texto lido, ou seja, personagens, tempo, enredo, onde se passa a história e como ela termina, criem um miniconto. Vocês podem recontar essa mesma história ou inventar um outro tema.

Em uma bela tarde uma menina senta-
da na porta de sua casa avistou um
grupo de meninos que de longe olhavam
pra ela sem parar. A menina envergonhada
com os olhares que ela recebia, entrou para o quarto
e começou a se olha no espelho incassavelmente tentando
encontra qual era o motivo de tanto olharem pra ela.
Então ela se achou feia, e perguntou a mãe e ela
era feia ou bonita e a mãe respondeu toda sorridente
que ela era linda e os garotos estavam admirando
a sua beleza. Depois que sua mãe falou
que ela era linda a menina começou
vestir melhor e todos os dias se olhava
no espelho, ela mesmo se admirando
ali nasceu o verdadeiro amor próprio. Fim

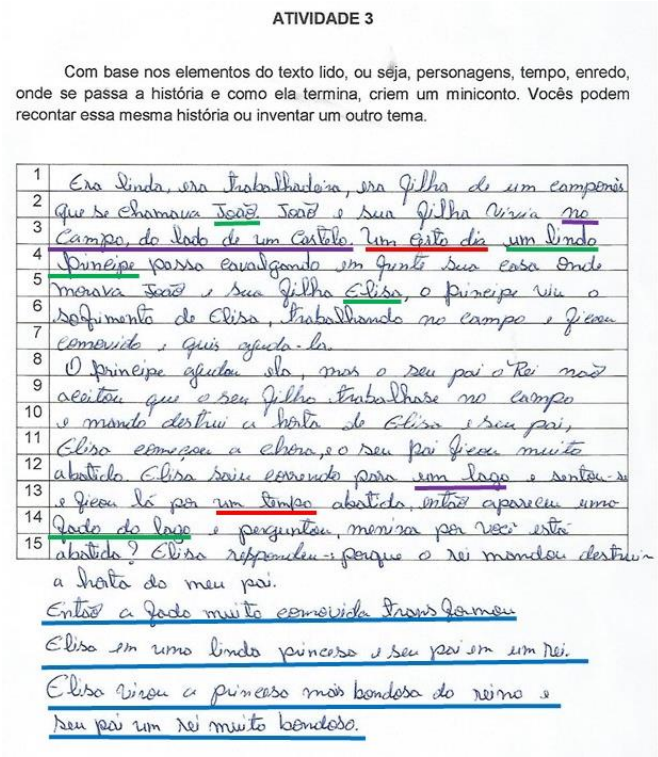
Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 31 – Transcrição Texto produzido Grupo 4 – atividade 3

Em uma bela tarde uma menina senta-
da na porta de sua casa avistou um
grupo de meninos que de longe olhavam
pra ela sem parar. A menina envergonhada
com os olhares que ela recebia, entrou para o quarto
e começou a se olha no espelho incassavelmente tentando
encontra qual era o motivo de tanto olharem pra ela.
Então ela se achou feia, e perguntou a mãe e ela
era feia ou bonita e a mãe respondeu toda sorridente
que ela era linda e os garotos estavam admirando
a sua beleza. Depois que sua mãe falou
que ela era linda a menina começou
vestir melhor e todos os dias se olhava
no espelho, ela mesmo se admirando
ali nasceu o verdadeiro amor próprio. Fim

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 32 – Texto produzido Grupo 5 – atividade 3



ATIVIDADE 3

Com base nos elementos do texto lido, ou seja, personagens, tempo, enredo, onde se passa a história e como ela termina, criem um miniconto. Vocês podem recontar essa mesma história ou inventar um outro tema.

Era linda, era trabalhadeira, era filha de um camponês
Que se chamava João. João e sua filha vivia no
Campo, do lado de um Castelo. Um certo dia um lindo
Príncipe passo cavalgando em frente sua casa onde
morava João e sua filha Elisa, o príncipe viu o
sofrimento de Elisa, trabalhando no campo e ficou
comovido e quis ajuda-la.
O príncipe ajudou ela, mas o seu pai o Rei não
aceitou que o seu filho trabalhase no campo
e mando destruí a horta de Elisa e seu pai,
Elisa começou a chora, e o seu pai ficou muito
abatido. Elisa saiu correndo para um lago e sentou-se
e ficou lá por um tempo abatida, então apareceu uma
fada do lago e perguntou, menina por você está
abatida? Elisa respondeu: porque o rei mandou destruir
a horta do meu pai.
Então a fada muito comovida transformou
Elisa em uma linda princesa e seu pai em um rei.
Elisa virou a princesa mais bondosa do reino e
seu pai um rei muito bondoso.

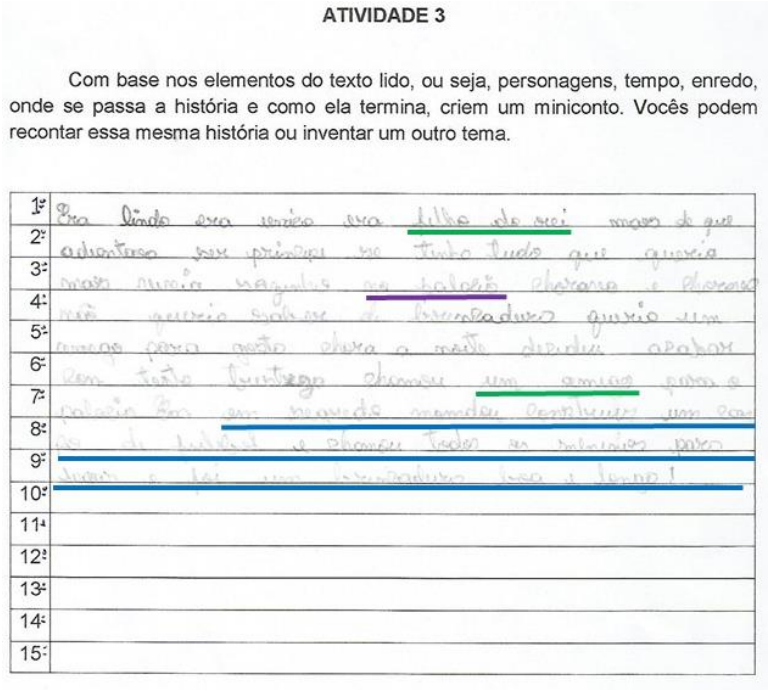
Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 33 – Transcrição Texto produzido Grupo 5 – atividade 3

Era linda, era trabalhadeira, era filha de um camponês
Que se chamava João. João e sua filha vivia no
Campo, do lado de um Castelo. Um certo dia um lindo
principe passo cavalgando em frente sua casa onde
morava João e sua filha Elisa, o príncipe viu o
sofrimento de Elisa, trabalhando no campo e ficou
comovido e quis ajuda-la.
O príncipe ajudou ela, mas o seu pai o Rei não
aceitou que seu filho trabalhasse no campo
e mando destruí a horta de Elisa e seu pai,
Elisa começou a chora, e o seu pai ficou muito
abatido. Elisa saiu correndo para um lago e sentou-se
e ficou lá por um tempo abatida, então apareceu uma
fada do lago e perguntou, menina por você está
abatida? Elisa respondeu: porque o rei mandou destruir
a horta do meu pai.
Então a fada muito comovida transformou
Elisa em uma linda princesa e seu pai em um rei.
Elisa virou a princesa mais bondosa do reino e
seu pai um rei muito bondoso.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 34 – Texto produzido Grupo 6 – atividade 3



ATIVIDADE 3

Com base nos elementos do texto lido, ou seja, personagens, tempo, enredo, onde se passa a história e como ela termina, criem um miniconto. Vocês podem recontar essa mesma história ou inventar um outro tema.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 35 – Transcrição Texto produzido Grupo 6 – atividade 3

Era lindo, era único era filho do rei mas de que
adiantava ser príncipe se tinha tudo que queria
mas vivia sozinho no palácio chorava e chorava
não queria saber de brincadeira queria um
amigo para gosta chora a noite decidiu acabar
com tanta tristeza chamou um amigo pra o
palacio Em em segredo mandou construir um cam
po de futebol e chamou todos os meninos para
jogar e foi um brincadeira boa e longa!

Fonte: Dados da pesquisa

Para a etapa seguinte, Produção Inicial 2 - aula 4, introduzimos, na sequência didática, textos imagéticos, afinal, como observa Barbosa (1998), diariamente a mídia nos expõe a muitas imagens. Deparamo-nos com elas em todos os lugares e situações. A autora enfatiza que a educação deveria ficar atenta e ensinar a *gramática visual*[11] às crianças, vez que, por meio das imagens, aprendemos inconscientemente.

11 – Estudo dos elementos básicos que compõem a linguagem visual, seus processos e relações. Pode-se dizer que é uma ferramenta de consulta para decodificar e produzir mensagens visuais.

Por considerar as ideias da autora de que saber ler imagens é imprescindível para refletir criticamente a realidade, distribuímos aos grupos, aleatoriamente, fotografias do bairro Curral Novo para que fizessem as leituras das imagens e criassem, a partir delas, minicontos. Para a tarefa, não nos manifestamos, deixamos que os alunos lessem as imagens conforme seus entendimentos.

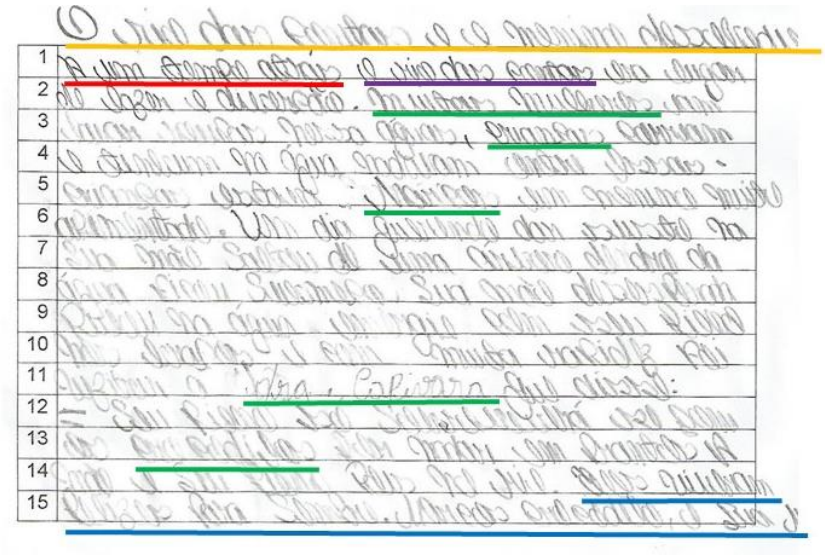
Com a finalidade de facilitar a identificação dos elementos do conto, usamos a mesma legenda do exercício anterior, acrescido do elemento título. Vide figura abaixo.

FIGURA 36 – Legenda elementos da narrativa - resposta da atividade 4

FIGURA 37 – Leito do Rio das Contas

Fonte: Imagem fotografada pela pesquisadora

FIGURA 38 – Texto produzido grupo 1 – atividade 4



Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 39 – Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 4

O rio das contas e O menino desobediente

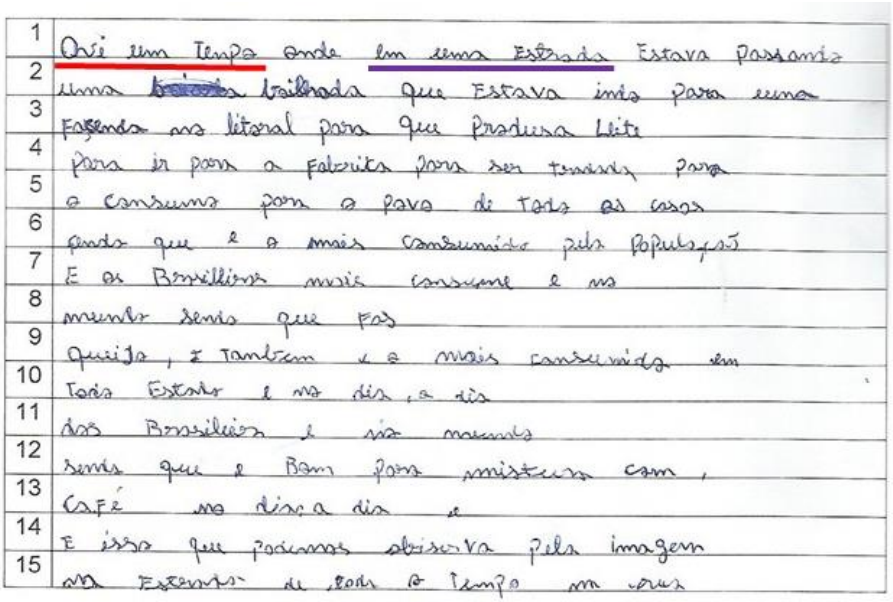
À um tempo atrás O rio das contas era lugar
de lazer e diversão. Muitas mulheres iam
lavar roupas nessa águas, crianças corriam
e tinbum na água nadavam entre essas
crianças estava Marcos um menino muito
apimentado. Um dia querendo dar susto na
Sua mãe Saltou de uma árvore dentro da
água Ficou submerço. Sua mãe desesperada
Pulou na água emergil com seu filho
nos braços e com muita rapidez foi
vizitar a dra. Capivara que disse:
- Seu filho só sobreviverá se com
Os crocodilos for nadar em prantos A
Mãe e seu filho pois no rio. Eles viveram
Felizes Pra Sempre. Marcos crocodilo e sua mãe.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 40 – Boiada na Rodovia

Fonte: Disponível em http://www.blogdaresenhageral.com.br/categoria/sudoeste/Page/4/ > Acesso em 15 de setembro de 2016

FIGURA 41 – Texto produzido grupo 2 – atividade 4



Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 42 – Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 4

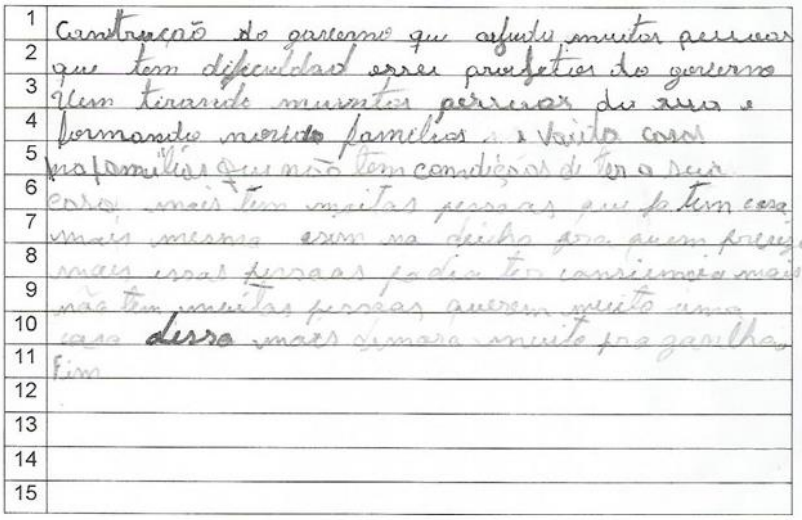
Ovi um tempo onde em uma Estrada Estava passando
uma boiada que estava indo para uma
Fazenda no litoral para produsa leite
Para ir para a Fabrica para ser tratada para
o consumo para o povo de toda as casas
para que e o mais consumido pela população
E os Brasileiros mais consume e no
mundo sendo que Fas
queijo, também o mais consumido em
Todo estado e no dia a dia
dos Brasileirops e no mundo
sendo que é Bom para ,istura com
CaFé no dia a dia
E isso que podemos obiserva pela imagem
na Fazenda de todo o tempo na rua

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 43 – Casas populares

Fonte: Disponível em <http://www.programanabocadopovo.com.br/2015/08/mais-de-800-moradias-serao-entregues-em.html> Acesso em 14 de agosto de 2016

FIGURA 44 – Texto produzido grupo 3 – atividade 4



Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 45 – Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 4

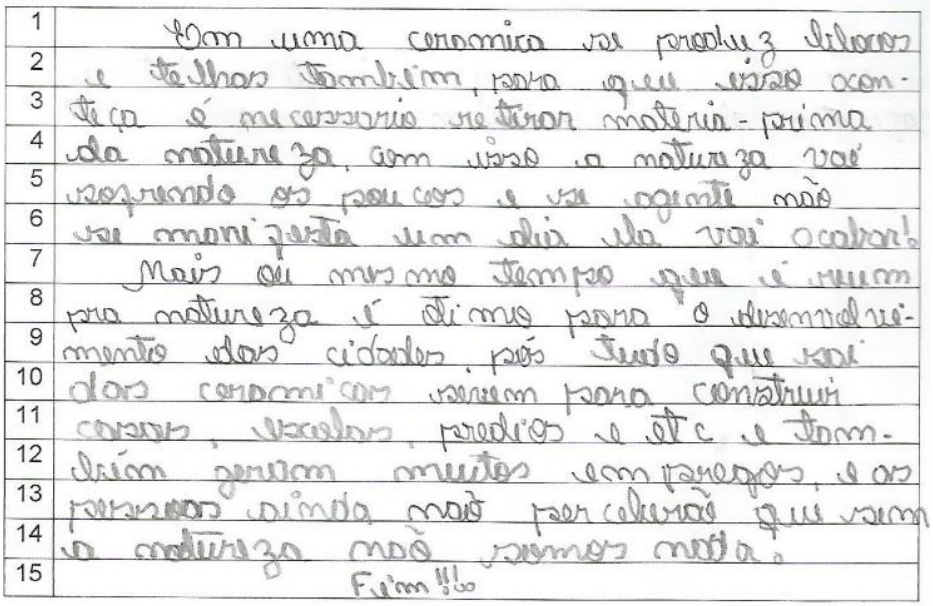
Construção do governo que ajuda muitas pessoas
que tem dificuldade esses projetos do governo
Vem tirando muintas pessoas da rua e
formando novas famílias e vai da casas
pra famílias que não tem condições de ter a sua
casa mais tem muitas pessoas que já tem casa
mais mesmo assim na deixa pra quem precoza
mais essas pessoas podia ter consiencia mais
não tem muitas pessoas querem muito uma
casa dessa mais demora muito pra ganlha.
Fim

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 46 – Olaria em Curral Novo

Fonte: Imagem fotografada pela pesquisadora

FIGURA 47 – Texto produzido grupo 4 – atividade 4



Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 48 – Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 4

Em uma cerâmica se produz blocos
e telhas também, para que isso acon-
teça é necessário retirar matéria-prima
da natureza, om isso a natureza vai
sofrendo os poucos e se agente não
se manifesta um dia ela vai acabar!

Mais ou mesmo tempo que é ruim
pra natureza é ótimo para o desenvolvi-
mento das cidadesm pós tudo que sai
das cerâmicas sevem para construir
casas, escolas, prédios e etc e tam-
bém geram muitos empregos, e as
pessoas ainda não perceberão que sem
a natureza não somos nada.

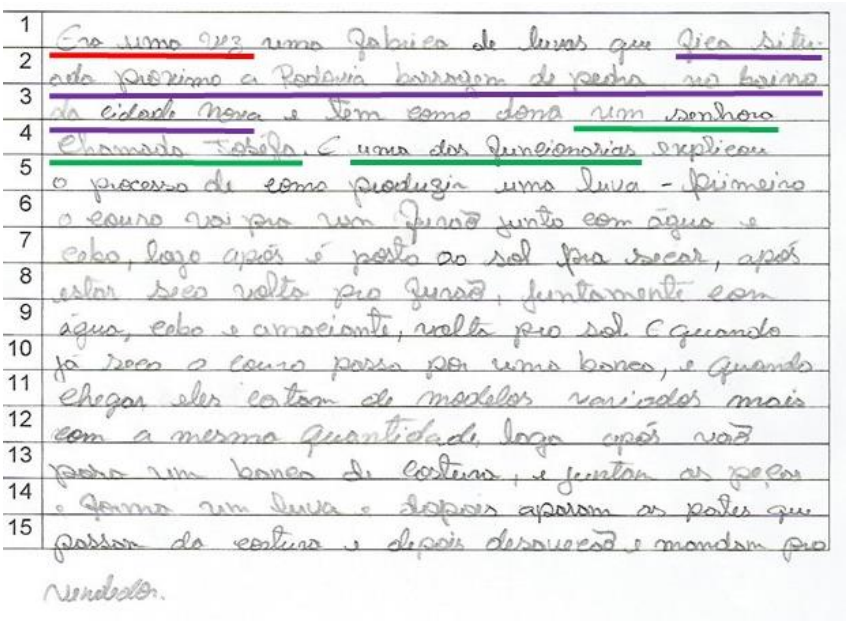
Fim!!!

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 49 – Couro para luvas

Fonte: Imagem fotografada pela pesquisadora

FIGURA 50 – Texto produzido grupo 5 – atividade 4



Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 51 – Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 4

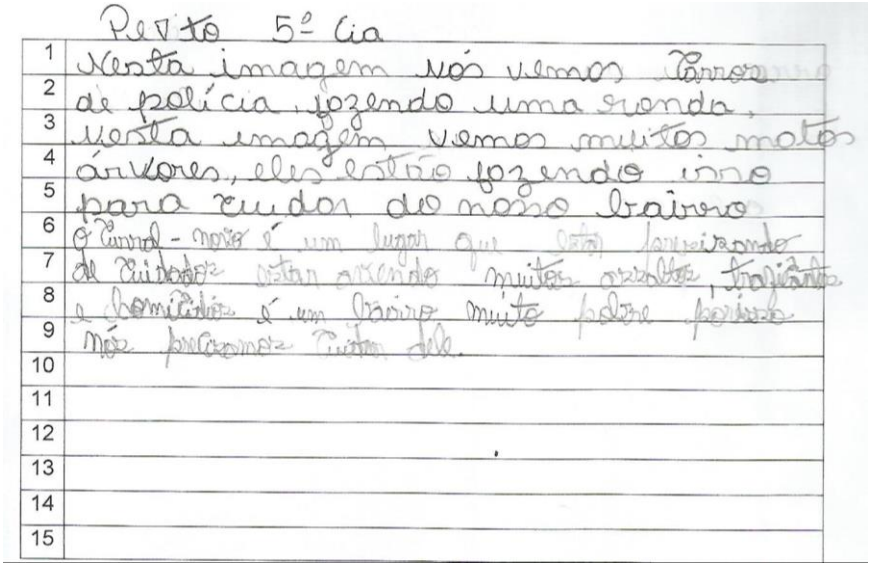
Era uma vez uma fabrica de luvas que fica situ-
ada próximo a rodovia barragem da pedra, no bairro
da cidade nova e tem como dona uma senhora
chamada Josefa. E uma das funcionarias explicou
o processo de como produzir uma luva – primeiro
o couro vai pra um fusão junto com água e
cebo, logo após é posto ao sol pra secar, após
estar seco volta pro fusão, juntamente com
água, cebo e amaciante, volta pro sol E quando
já seco o ouro passa por uma banca, e quando
chegar eles cortam de modelos variados mais
com a mesma quantidade logo após vão
para um banco de costura, e juntam as peças
e forma uma luva e depois aparam as partes que
passam da costura e depois desaveção e mandam pro
vendedor.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 52 – Ronda policial

Fonte: Disponível em <http://www.blogdaresenhageral.com.br/categoria/sudoeste/page/4/ >
Acesso em 15 de setembro de 2016

FIGURA 53 – Texto produzido grupo 6 – atividade 4


Perito 5º Ciclo

Nesta imagem nós vemos Carros de polícia fazendo uma ronda. Nesta imagem vemos muitos matos árvores, eles estão fazendo isso para cuidar do nosso bairro O Curral - novo é um lugar que estar presisando de Cuidados estar avendo muitos assaltos, traficantes e homicidios é um bairro muito pobre porisso nós precisamos Cuidar dele.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 54 – Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 4

Nesta imagem nós vemos Carros
de polícia fazendo uma ronda.
Nesta imagem vemos muitos matos
árvores, eles estão fazendo isso
para cuidar do nosso bairro
O Curral- novo é um lugar que estar presisando
de Cuidados estar avendo muitos assaltos, traficantes
e homicidios é um bairro muito pobre porisso
nós precisamos Cuidar dele.

Fonte: Dados da pesquisa

Observamos nas construções dos alunos que as leituras feitas por eles foram bastante pertinentes. Perceberam a destruição do rio; o perigo da boiada na pista; a importância da construção de casas populares; os malefícios das olarias ao retirarem matéria prima da natureza, mas ao mesmo tempo contribuem para o desenvolvimento e bem-estar humano; o conhecimento de como se fabrica luvas de couro, úteis para

a proteger as mãos de trabalhos pesados; a necessidade da ronda policial para conter a criminalidade.

Se não seguiram na íntegra a instrução de narrar, vez que vemos textos descritivos e explicativos, mostraram conhecimento quanto à leitura de imagens, além de serem criativos e críticos. Com certeza, a compreensão sobre tipologia textual será adquirida no tempo conveniente.

4.4 ANÁLISE DOS MÓDULOS

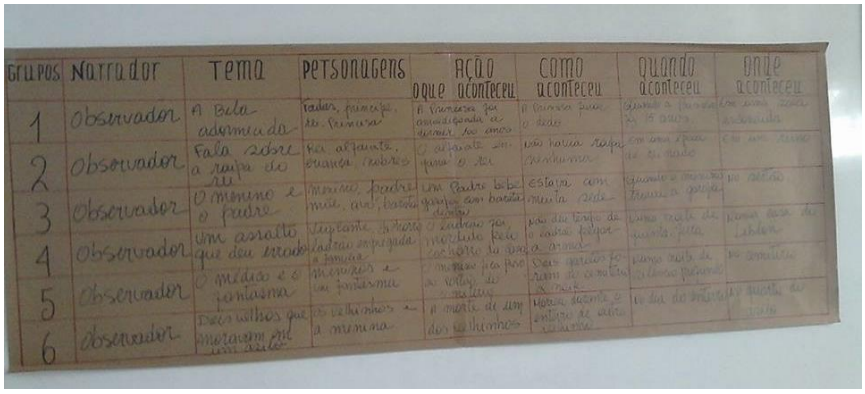
4.4.1 Módulo I – exposição participada sobre elementos da narrativa e o conflito – Planos de aula 5 e 6

Para este módulo planejamos duas aulas. Na primeira aula, apresentamos a narrativa, seus elementos e as partes da narrativa; na segunda aula, introduzimos o elemento conflito.

Para a aula 5, entregamos a cada grupo um miniconto: grupo 1, *A Bela Adormecida* (ANEXO D, p. 173); grupo 2, *A roupa nova do imperador* (ANEXO E, p. 174); grupo 3, *O menino e o padre* (ANEXO F, p. 175); grupo 4, *O assalto* (ANEXO G, p. 176); grupo 5, *O médico-fantasma* (ANEXO H, p. 176) e grupo 6, *Dois velhinhos* (ANEXO I, p. 178).

Após leitura, solicitamos que os grupos preenchessem tabela de papel afixada no quadro branco com itens referentes aos elementos e partes da narrativa: narrador, tema, personagens, ação, como aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu.

FIGURA 55 – Quadro elementos da narrativa – atividade 5



Fonte: Foto do acervo da pesquisadora

FIGURA 56 – Transcrição quadro elementos da narrativa – atividade 5

Grupos	Narrador	Tema	Personagens	Ação o que aconteceu	Como aconteceu	Quando aconteceu	Onde aconteceu
1	Observador	A Bela adormecida	Fadas, príncipe, rei, princesa	A princesa foi amaldiçoada a dormir 100 anos	A princesa furou o dedo	Quando a princesa fez 15 anos	Em uma sala escondida
2	Observador	Fala sobre a roupa do rei	Rei, alfaiate, criança, nobres	O alfaiate engana o rei	Não havia roupa nenhuma	Em uma época de reinado	Em um reino
3	Observador	O menino e o padre	Menino, padre, mãe, avó, barata	Um padre bebe garapa com barata dentro	Estava com muita sede	Quando o menino trouxe a garapa	No sertão
4	Observador	Um assalto que deu errado	Vigilante, cachorro, ladrão, empregada, família	O ladrão foi mordido pelo cachorro da casa	Não deu tempo de o ladrão pegar a arma	Numa noite de quinta--feira	Numa casa do Leblon
5	Observador	O médico e o fantasma	Meninos e um fantasma	O menino fica preso no portão do cemitério	Dois garotos foram ao cemitério à noite	Numa noite de silêncio profundo	No cemitério
6	Observador	Dois velhos que moravam em um asilo	Os velhinhos e a menina	A morte de um dos velhinho	Morreu durante o enterro de outro velhinho	No dia do enterro	No quarto do asilo

Fonte: Quadro elaborado com base nos dados da pesquisa

O preenchimento do quadro Elementos da Narrativa aconteceu gradativamente à medida que os alunos ditavam como ele deveria ser completado e a cada parte, explanávamos sobre seus elementos. Começamos com o narrador e todos reconheceram que se tratava de narrador observador. Em seguida, cada grupo retirou do miniconto lido o tema, mas antes, coube-nos explicar o que era o tema e como o identificamos. Reconhecer as personagens foi tarefa muito fácil para eles. Neste momento fizemos uma brincadeira: cada grupo teria de caracterizar a personagem ou personagens de seu conto. Como eles imaginavam que era a cor da pele, estatura, se magro ou gordo, bonito ou feio.... Depois, os alunos contaram o que aconteceu na história e perceberam que nessa parte era onde acontecia a ação da narrativa.

Ao término do exercício, os alunos comentaram que gostaram de respondê-lo e que essa dinâmica fez com que tudo ficasse fácil.

Acreditamos que não apenas a dinâmica tenha tornado o exercício mais fácil, mas principalmente porque os alunos tiveram a oportunidade de narrar a história lida, pois, como vimos anteriormente, é da natureza humana contar fatos, sejam eles vividos ou não. Neste momento, retomamos (BARTHES 2002, p. 103), quando ele diz que “[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade[...]

Na aula 6, acrescentamos o elemento conflito que, conforme (GANCHO 2004, p. 10), “[...] é qualquer componente da história (personagem, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. ”

Para essa tarefa, entregamos a cada aluno uma cópia do texto *Um problema difícil*, de Pedro Bandeira (ANEXO J, p. 178),e após leitura partilhada, explanamos sobre o conflito no texto narrativo usando o miniconto lido como auxílio, a fim de que os alunos compreendessem melhor o assunto daquele momento. Como exercício de fixação, entregamos a cada grupo alguns minicontos sem conflitos e solicitamos que os alunos ampliassem os fatos atribuindo-lhes conflitos.

FIGURA 57 – O conflito

ATIVIDADE 6

Leiam os exemplos abaixo:

MINICONTO SEM CONFLITO

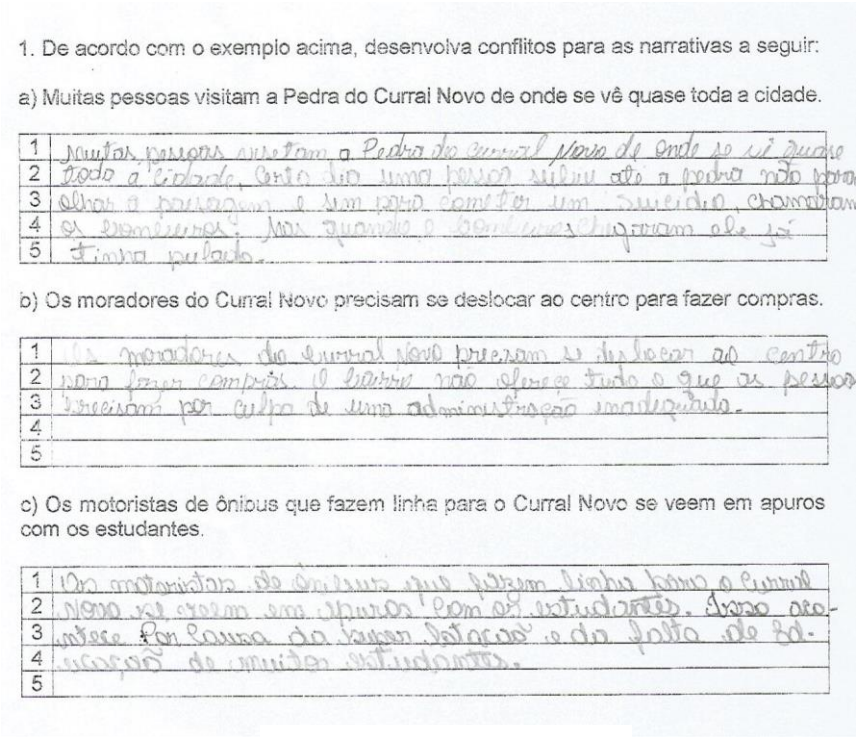
À tarde, todos olhavam as águas do Rio de Contas onde um garoto morreu afogado. Os bombeiros resgatavam o corpo.

MINICONTO COM CONFLITO

À tarde, todos olhavam as águas do Rio de Contas onde um garoto morreu afogado pelo padrasto. Os bombeiros resgatavam o corpo que mostrava marcantes arranhões de luta.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 58 – Texto produzido grupo 1 – atividade 6



1. De acordo com o exemplo acima, desenvolva conflitos para as narrativas a seguir:

a) Muitas pessoas visitam a Pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade.

b) Os moradores do Curral Novo precisam se deslocar ao centro para fazer compras.

c) Os motoristas de ônibus que fazem linha para o Curral Novo se veem em apuros com os estudantes.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 59 – Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 6

a) Muitas pessoas visitam a Pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade. Certo dia uma pessoa subiu até a pedra não para olhar a paisagem e sim para cometer um suicidio, chamaram os bombeiros. Mas quando os bombeiros chegaram ele já tinha pulado.

b) Os moradores do curral Novo precisam se deslocar ao centro para fazer compras. O bairro não oferece tudo o que as pessoas precisam por culpa de uma administração inadequada.

c) Os motoristas de ônibus que fazem linha para o Curral Novo se veem em apuros com os estudantes. Isso aco-ntece Por causa da super lotação e da falta de Ed-ucação de muitos estudantes.

Fonte: Dados da pesquisa

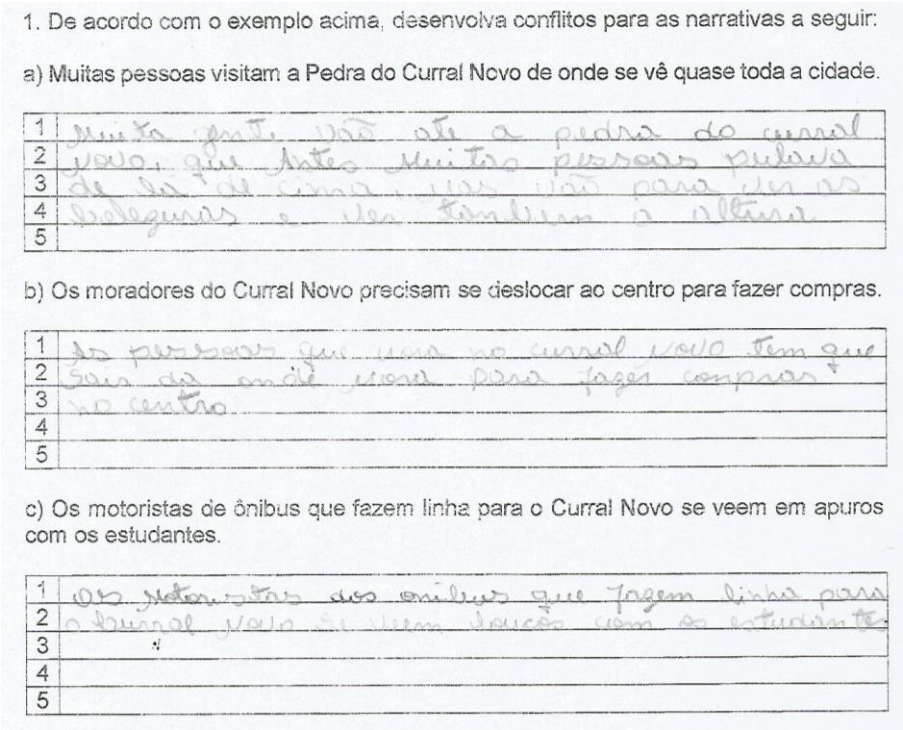
Observamos que o grupo conseguiu responder ao exercício proposto corretamente, acrescentando conflito aos minicontos de forma que ampliou a informação e deu tensão à narrativa.

Na alternativa “a” houve uma oposição entre os elementos da história: de observar a paisagem para suicídio. O clímax é atingido quando o sujeito se joga da pedra e dá ao leitor uma ideia diferente da inicial que era apreciar a vista da cidade. Salientamos que essa é uma realidade vivida constantemente pelos moradores do bairro e os alunos usaram esse fator para dar movimento ao texto.

Na alternativa “b”, o conflito aparece no momento em que os alunos criticam a administração municipal. Percebem que o atraso do bairro se dá à má gestão pela qual passava a cidade. O Curral Novo fica situado a mais ou menos sete quilômetros do centro e ainda falta aos moradores muitas condições de moradia, o que lhes dificulta bastante o cotidiano.

Na alternativa “c”, mais uma vez os alunos fazem crítica aos setores públicos e é justamente quando aparece o conflito, que se divide em dois problemas: a superlotação dos ônibus e a falta de educação dos estudantes. Contudo, poderiam desenvolver melhor, dar maior tensão ao texto e surpreender o leitor.

FIGURA 60 – Texto produzido grupo 2 – atividade 6



1. De acordo com o exemplo acima, desenvolva conflitos para as narrativas a seguir:

a) Muitas pessoas visitam a Pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade.

1	Muita gente vão até a pedra do curral
2	Novo, que Antes Muitas pessoas pulava
3	de lá de cima. Mas vão para ver as
4	belezuras e ver tambem a altura
5	

b) Os moradores do Curral Novo precisam se deslocar ao centro para fazer compras.

1	As pessoas que mora no curral Novo tem que
2	Sair da onde mora para fazer compras
3	no centro.
4	
5	

c) Os motoristas de ônibus que fazem linha para o Curral Novo se veem em apuros com os estudantes.

1	Os motoristas dos onibus que fazem linha para
2	o Curral Novo se veem Doucos com os estudantes
3	
4	
5	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 61 – Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 6

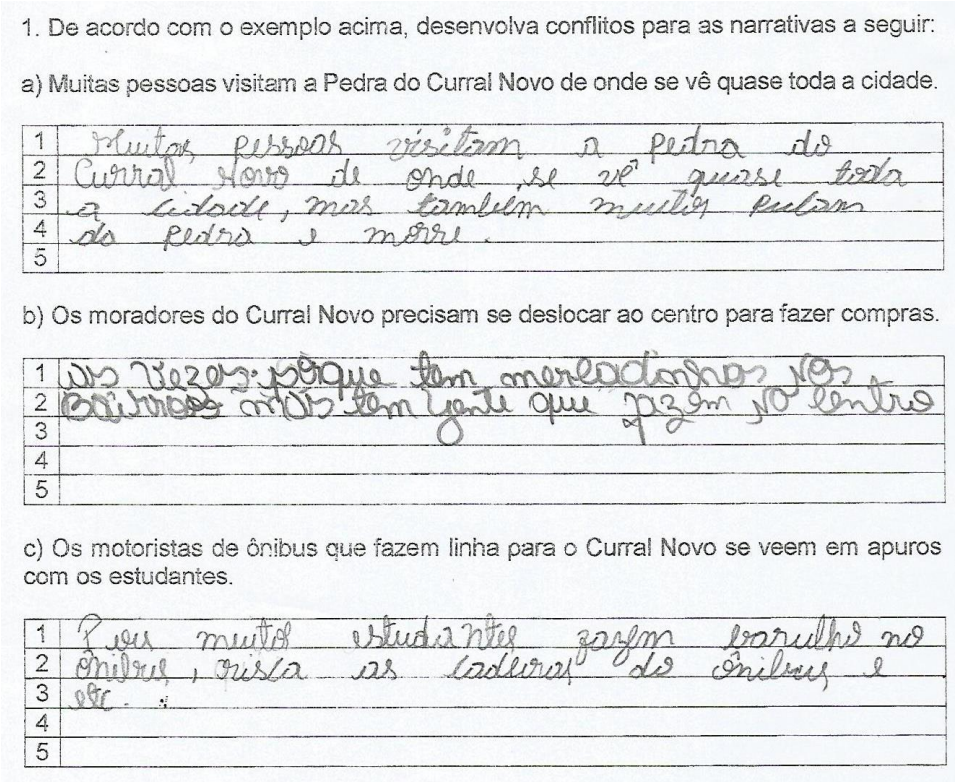
a) Muita gente vão até a pedra do curral Novo, que Antes Muitas pessoas pulava de lá de cima. Mas vão para ver as belezuras e ver tambem altura .

b) As pessoas que mora no curral Novo tem que Sair da onde Mora para fazer compras no centro

c) Os motoristas dos onibus que fazem linha para o Cural novo Se veem com os estudantes

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 62 – Texto produzido grupo 4 – atividade 6



1. De acordo com o exemplo acima, desenvolva conflitos para as narrativas a seguir:

a) Muitas pessoas visitam a Pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade.

Muitos pessoas visitam a Pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade, mas tambem muitos pulam da pedra e morre.

b) Os moradores do Curral Novo precisam se deslocar ao centro para fazer compras.

As vezes porque tem mercadinhos nos bairros mas tem gente que fazem no centro

c) Os motoristas de ônibus que fazem linha para o Curral Novo se veem em apuros com os estudantes.

Pois muitos estudantes fazem barulho no onibus, risca as cadeiras do onibus e etc.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 63 – Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 6

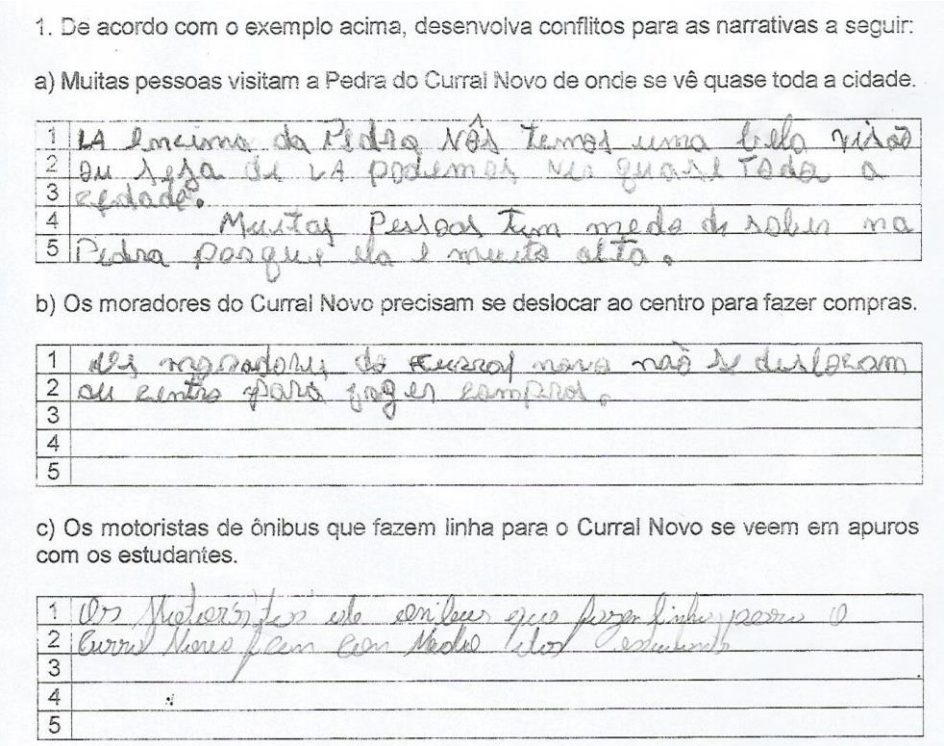
a) Muitas pessoas visitam a pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade, mas também muitos pulam da pedra e morre.

b) as vezes porque tem mercadinhos Nos bairros mas tem gente que fazem No centro

c) Pois muitos estudantes fazem barulho no ônibus, risca as cadeiras do ônibus e etc

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 64 – Texto produzido grupo 5 – atividade 6



1. De acordo com o exemplo acima, desenvolva conflitos para as narrativas a seguir:

a) Muitas pessoas visitam a Pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade.

1 LA encima da Pedra Nôs Temos uma bela visão
2 ou seja de LA podemos ver quase Toda a
3 cidade.
4 Muitas Pessoas Tem medo de sobir na
5 Pedra porque ela e muito alto.

b) Os moradores do Curral Novo precisam se deslocar ao centro para fazer compras.

1 Os moradores do Curral novo não se deslocam
2 ao centro para fager compras.
3
4
5

c) Os motoristas de ônibus que fazem linha para o Curral Novo se veem em apuros com os estudantes.

1 Os Motoristas de onibus que fazem linha para o
2 Curral Novo ficam com Medo dos estudantes
3
4
5

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 65 – Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 6

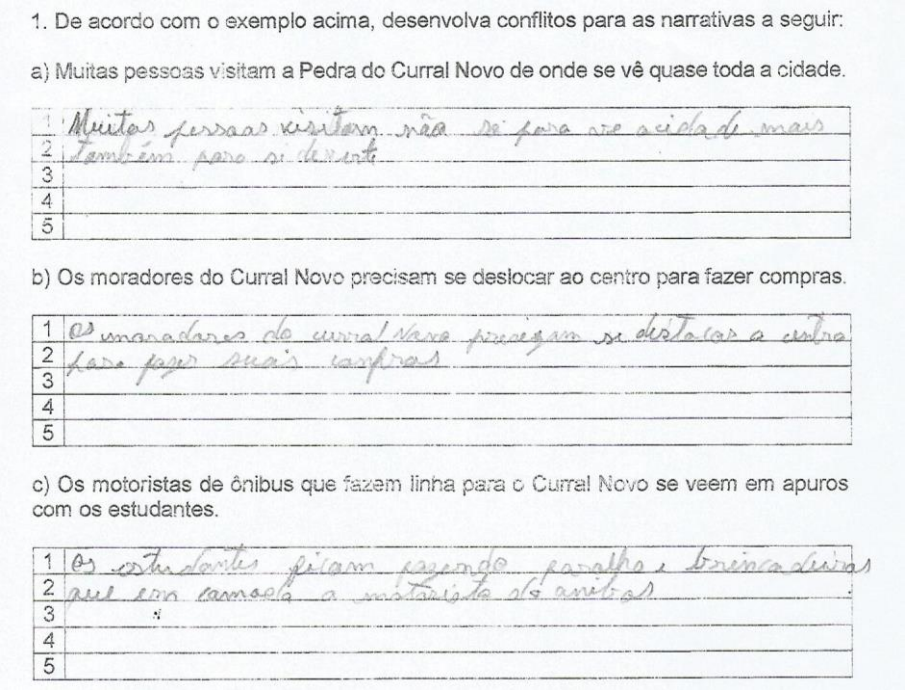
a) La encima da Pedra Nôs temos uma bela visão ou seja de LA podemos ver quase Toda a cidade.
Muitas pessoas tem medo de sobir na Pedra porque ela e muito alta.

b) Os moradores do curral novo não se deslocam au centro para fager compras.

c) Os motoristas do Onibus que fazem linha para O Curral Novo ficam com medo dos estudantes.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 66 – Texto produzido grupo 6 – atividade 6



1. De acordo com o exemplo acima, desenvolva conflitos para as narrativas a seguir:

a) Muitas pessoas visitam a Pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade.

1 Muitas pessoas visitam não só para ve a cidade mais
2 também para si diverti
3
4
5

b) Os moradores do Curral Novo precisam se deslocar ao centro para fazer compras.

1 os moradores do curral Novo precisam se destacar a centro
2 para fazer suas compras
3
4
5

c) Os motoristas de ônibus que fazem linha para o Curral Novo se veem em apuros com os estudantes.

1 os estudantes ficam fazendo parolho e brincadeiras
2 que em cômoda o motorista do onibos
3
4
5

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 67 – Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 6

a) Muitas pessoas visitam não só para ve a cidade mais também para si diverti

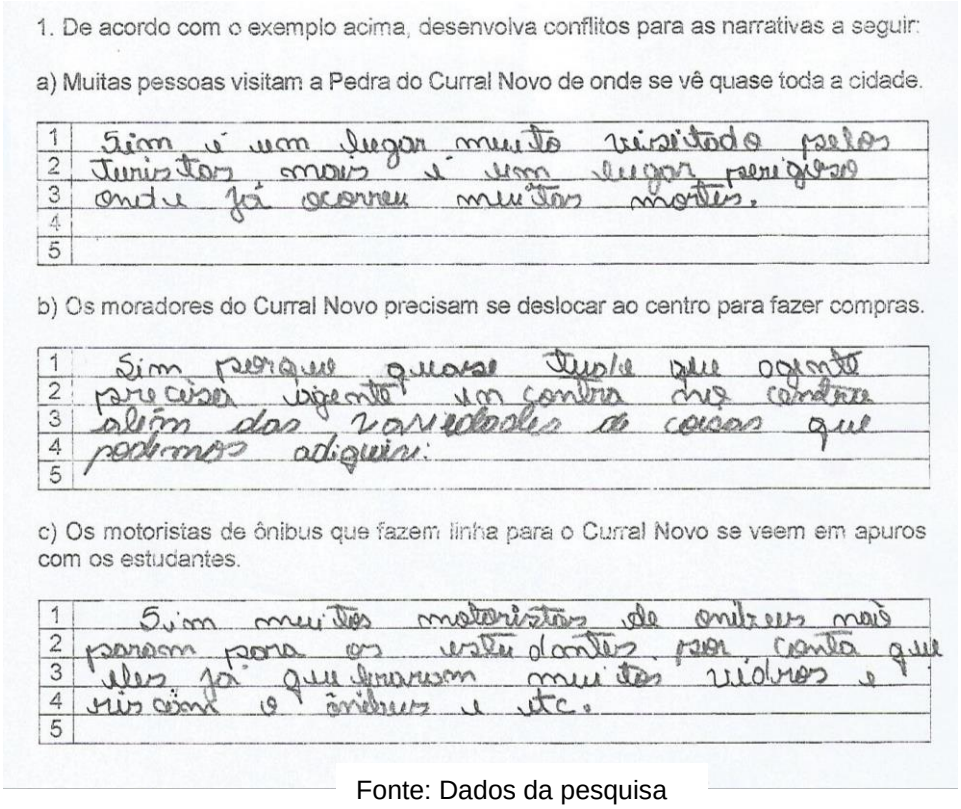
b) Os moradores do curral Novo presizam se destacar a centro para fazer suas conpras

c) Os estudantes ficam fazendo parolho e brincadeiras que em cômoda o motorista do onibos

Fonte: Dados da pesquisa

Percebemos que os grupos 2, 4, 5 e 6, se não conseguiram responder ao exercício conforme o pretendido, ou seja, atribuir conflito à narrativa, também não fugiram do esquema da narração. Na verdade, faltou-lhes criatividade para escrever a história.

FIGURA 68 – Texto produzido grupo 3 – atividade 6



1. De acordo com o exemplo acima, desenvolva conflitos para as narrativas a seguir:

a) Muitas pessoas visitam a Pedra do Curral Novo de onde se vê quase toda a cidade.

1	Sim é um lugar muito visitado pelos
2	turistas mais é um lugar perigoso
3	onde já ocorreu muitas mortes.
4	
5	

b) Os moradores do Curral Novo precisam se deslocar ao centro para fazer compras.

1	Sim porque quase tudo que agente
2	precisa agente em contra no centro
3	além das variedades de coisas que
4	podemos adiquiri.
5	

c) Os motoristas de ônibus que fazem linha para o Curral Novo se veem em apuros com os estudantes.

1	Sim muitos motoristas de onibus não
2	param para os estudantes por conta que
3	eles já quebraram muitos vidros e
4	riscam o ônibus e etc.
5	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 69 – Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 6

a) Sim é um lugar muito visitado pelos turistas mãos é um lugar perigoso onde já ocorreu muitas mortes.

b) Sim porque quase tudo que agente precisa agente em contra no centro além das variedades de coisas que podemos adiquiri.

c) Sim muitos motoristas de onibus não param para os estudantes por conta que eles já quebraram muitos vidros e riscam o ônibus e etc.

Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que o grupo três não compreendeu a atividade. Tanto, que começou o texto com a afirmativa “sim”, como se fizéssemos uma pergunta e esperássemos uma resposta. Percebemos que não foi falta de leitura, pois as “respostas” estão condizentes com as “perguntas”; talvez, a falta de atenção tenha prevalecido.

Acreditamos que os alunos não perceberam que “[...] o conflito possibilita ao leitor-ouvinte criar expectativas frente aos fatos do enredo.” (GANCHO 2004, p. 10)

4.4.2 Módulo 2 – exposição participada sobre elementos da narrativa e o desfecho – planos de aula 7 e 8

Nesta fase, trabalhamos o elemento conclusão. Explicamos que este é o momento em que a solução do conflito é apresentada e que fazem parte dela o clímax (momento em que o conflito chega ao ponto máximo para em seguida ser solucionado) e o desfecho (resolução do conflito, revelação do final). (GANCHO 2004).

Para esse módulo, também foram separadas duas aulas. Na aula 7, entregamos aos grupos o miniconto *Velhos fantasmas* (ANEXO K, p. 180), de L. F. Rosemberg e, através de exposição oral, encontramos o desfecho do conto e discutimos se se tratava de uma solução ou de uma revelação. Quanto a esse ponto, a sala ficou dividida: muitos disseram se tratar de uma solução, já que os moradores deixaram a casa e outros disseram que se tratava de uma revelação, se pensarmos na surpresa do leitor com a astúcia do fantasma.

Em seguida, distribuímos às equipes, os mesmos minicontos trabalhados na aula 5: *A Bela Adormecida* (ANEXO D, p. 173); *A roupa nova do imperador* (ANEXO E, p. 174); *O menino e o padre* (ANEXO F, p. 175); *O assalto* (ANEXO G, p. 176); *O médico-fantasma* (ANEXO H, p. 176) e *Dois velhinhos* (ANEXO I, p. 178), respectivamente para os grupos 1, 2, 3, 4, 5 e 6, a fim de que analisassem o desfecho e dissessem se se tratava de solução ou resolução. A seguir, analisaremos um quadro com a resposta dos grupos.

FIGURA 70 – Desfecho - Resposta da atividade 7

	CONTO	TIPO DE DESFECHO
1	A Bela Adormecida	Solução para a princesa e uma revelação para nós leitores
2	A roupa nova do imperador	Revelação
3	O menino e o padre	Revelação
4	O assalto	Solução
5	O médico-fantasma	Solução
6	Dois velhinhos	Solução para os velhinhos e revelação para nós leitores

Fonte: Dados da pesquisa

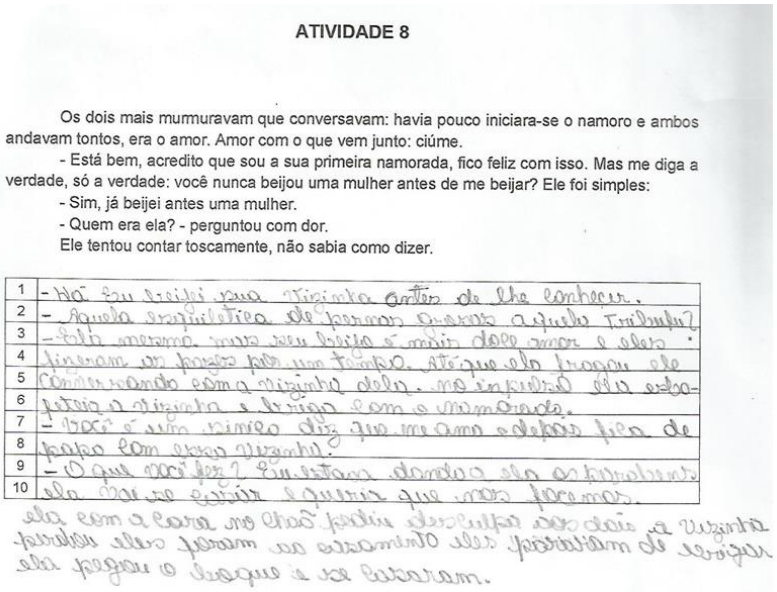
Observamos que os grupos 1 e 6 fizeram uma análise baseada tanto nas personagens quanto nos leitores. Percebemos, a partir da resposta deles, que essa leitura é concernente ao propósito, ou seja, há perfeitamente essas duas possibilidades de desfecho. Os grupos 2 e 3, identificaram corretamente a revelação no desfecho dos minicontos, mas o grupo 4 não percebeu a revelação final de que havia entrado ladrão na casa, que a empregada não sabia do acontecido e a duplicidade de sentido quando a saúde pública perguntou se o cão era vacinado. E o grupo 5 não percebeu a revelação de que o médico era fantasma, no entanto entendeu que esse fato foi solução para o medo do garoto.

Para a aula 8, entregamos aos grupos 1, 2, 3, 4, 5 e 6, respectivamente, partes dos minicontos *O primeiro beijo*, de Clarice Lispector (ANEXO L, p. 181); *Aprendizagem*, de Flávio Carneiro (ANEXO M, p. 182); *O caso do espelho*, conto popular, reconhecido por Ricardo Azevedo (ANEXO N, p. 183); *Moinho de sonhos*, de João Anzanello Carrascoza (ANEXO O, p. 183); *Amplexo*, de Marcelo Alencar (ANEXO P, p. 184) e *A cartomante*, de Machado de Assis (ANEXO Q, p. 185), para que dessem continuidade e chegassem ao desfecho que, conforme Gancho (2004), pode ser bom ou ruim com final feliz ou não.

Observamos que os grupos conseguiram realizar a tarefa sem dificuldades e percebemos que são criativos, sensíveis e críticos. Vimos que compreenderam a estrutura da narrativa e sabem como escrevê-la, pois, colocaram em prática o que aprenderam sobre elementos e partes da narração, já que deram continuidade a ação,

puseram conflito e desfecho. Quanto a este, mesmo que não tenham determinado se revelação ou solução, o leitor pode notar facilmente que souberam distingui-los.

FIGURA 71 – Texto produzido grupo 1 – atividade 8



ATIVIDADE 8

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

- Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar? Ele foi simples:

- Sim, já beijei antes uma mulher.

- Quem era ela? - perguntou com dor.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

1	- Há Eu beijei sua vizinha antes de lhe conhecer.
2	- Aquela esqueletica de pernas grossas aquela tribufu?
3	- Ela mesma. mas seu beijo é mais doce amor e eles
4	fizeram as pazes por um tempo. Até que ela fragou ele
5	conversando com a vizinha dela. no impulso ela esbo-
6	feteia a vizinha e briga com o namorado.
7	- você é um sinico diz que me ama e depois fica de
8	papo com essa vizinha.
9	- O que você fez? Eu estava dando a ela os parabens
10	ela vai se casar e queria que nos focemos.

ela com a cara no chão pediu desculpa aos dois a vizinha perdou eles foram ao casamento eles pararam de brigar ela pegou o boque e se casaram.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 72 – Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 8

Mãe, me dá um amplexo?

A pergunta pega Cinira desprevenida. Antes que possa retrucar, ela nota o dicionário na mão do filho, que completa o pedido:

- E um ósculo também.

Ainda surpresa, a mulher procura no livro a definição das duas estranhas palavras. E encontra. Mateus quer apenas um abraço e um beijo.

Conversa vai, conversa vem, Cinira finalmente se dá conta de que o garoto, recém-apresentado às classes gramaticais nas aulas de Português, brinca com os sinônimos. "O que vai ser de mim quando esse tiquinho de gente cismar com parônimos, homônimos, heterônimos e pseudônimos?", pensa ela, misturando as estações. "Valha-me, Santo Antônimo!" E emenda:

- Há Eu beijei sua vizinha antes de lhe conhecer.

- Aquela esqueletica de pernas grossas aquela tribufu?

- Ela mesma mas seu beijo é mais doce amor e eles fizeram as pazes por um tempo. Até que ela fragou ele conversando com a vizinha dela. no impulso ela esbo-feteia a vizinha e briga com o namorado.

- você é um sinico diz que me ama e depois fica de Papo com essa vizinha.

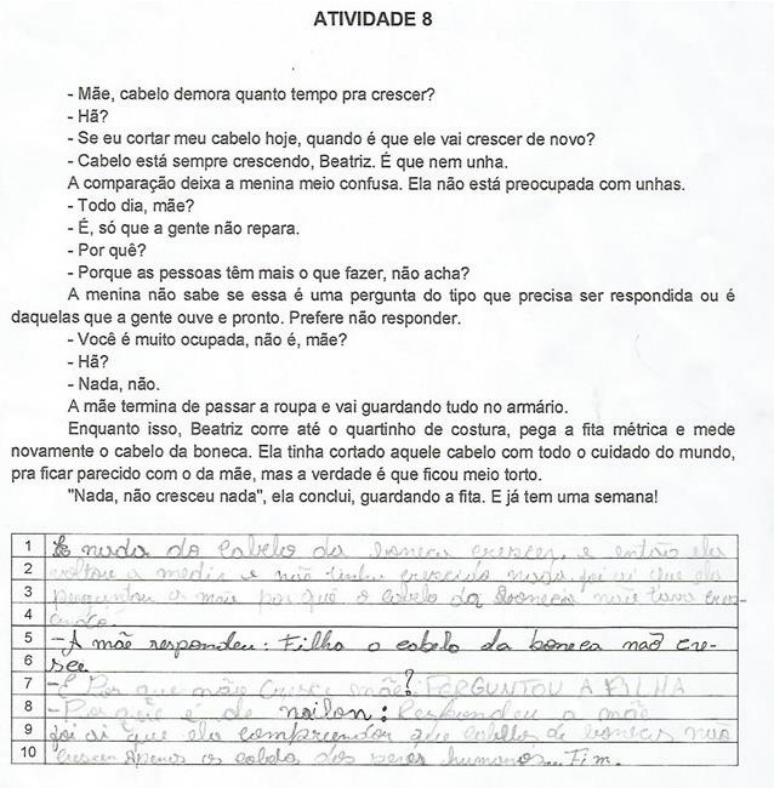
- O que você fez? Eu estava dando a ela os parabens ela vai se casar e queria que nos focemos.

ela com a cara no chão pediu desculpa aos dois a vizinha perdou eles foram ao casamento eles pararam de brigar

Ela pegou o boque e se casaram.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 73 – Texto produzido grupo 2 – atividade 8



ATIVIDADE 8

- Mãe, cabelo demora quanto tempo pra crescer?
- Hã?
- Se eu cortar meu cabelo hoje, quando é que ele vai crescer de novo?
- Cabelo está sempre crescendo, Beatriz. É que nem unha.

A comparação deixa a menina meio confusa. Ela não está preocupada com unhas.

- Todo dia, mãe?
- É, só que a gente não repara.
- Por quê?
- Porque as pessoas têm mais o que fazer, não acha?

A menina não sabe se essa é uma pergunta do tipo que precisa ser respondida ou é daquelas que a gente ouve e pronto. Prefere não responder.

- Você é muito ocupada, não é, mãe?
- Hã?
- Nada, não.

A mãe termina de passar a roupa e vai guardando tudo no armário.

Enquanto isso, Beatriz corre até o quartinho de costura, pega a fita métrica e mede novamente o cabelo da boneca. Ela tinha cortado aquele cabelo com todo o cuidado do mundo, pra ficar parecido com o da mãe, mas a verdade é que ficou meio torto.

"Nada, não cresceu nada", ela conclui, guardando a fita. E já tem uma semana!

1	E nada do cabelo da boneca crescer e então ela
2	voltou a medir e não tinha crescido nada foi aí que ela
3	perguntou a mãe por quê o cabelo da boneca não tava cres-
4	cendo.
5	- A mãe respondeu: Filha o cabelo da boneca não cre-
6	sce.
7	- E Por que não cresce mãe? PERGUNTOU A FILHA
8	- Porque é de nailon: Respondeu a mãe
9	foi aí que ela compreendeu que cabelos de bonecas não
10	Crescem Apenas os cabelos dos seres humanos... Fim.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 74 – Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 8

- Mãe, cabelo demora quanto tempo pra crescer?
- Hã?
- Se eu cortar meu cabelo hoje, quando é que ele vai crescer de novo?
- Cabelo está sempre crescendo, Beatriz. É que nem unha.

A comparação deixa a menina meio confusa. Ela não está preocupada com unhas.

- Todo dia, mãe?
- É, só que a gente não repara.
- Por quê?
- Porque as pessoas têm mais o que fazer, não acha?

A menina não sabe se essa é uma pergunta do tipo que precisa ser respondida ou é daquelas que a gente ouve e pronto. Prefere não responder.

- Você é muito ocupada, não é, mãe?
- Hã?
- Nada, não.

A mãe termina de passar a roupa e vai guardando tudo no armário.

Enquanto isso, Beatriz corre até o quartinho de costura, pega a fita métrica e mede novamente o cabelo da boneca. Ela tinha cortado aquele cabelo com todo o cuidado do mundo, pra ficar parecido com o da mãe, mas a verdade é que ficou meio torto.

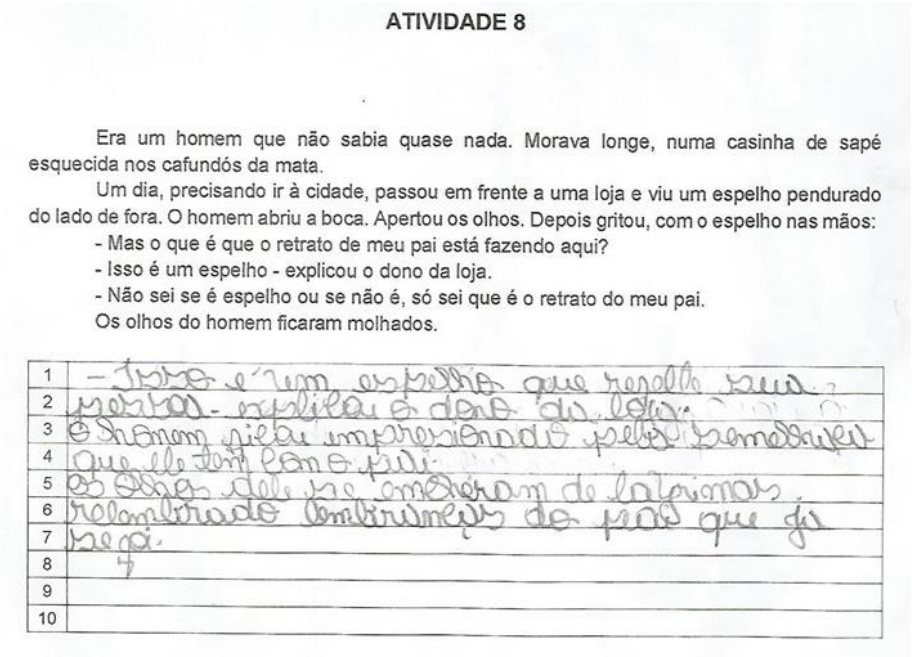
"Nada, não cresceu nada", ela conclui, guardando a fita. E já tem uma semana!

E nada do cabelo da boneca crescer e então ela voltou a medir e não tinha crescido nada foi aí que ela perguntou a mãe por quê o cabelo da boneca não tava cres-cendo.

- **A mãe respondeu: Filha o cabelo da boneca não cre-sce.**
- **E Por que não cresce mãe? PERGUNTOU A FILHA**
- **Porque é de náilon: Respondeu a mãe**
- **foi aí que ela compreendeu que cabelos de bonecas não**
- **Crescem Apenas os cabelos dos seres humanos... Fim.**

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 75 – Texto produzido grupo 3 – atividade 8



ATIVIDADE 8

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

- Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?
- Isso é um espelho - explicou o dono da loja.
- Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

1	- Isso é um espelho que reflete sua
2	pessoa - explicou o dono da loja.
3	O homem ficou impresionado pela semelhança
4	que ele tem com o pai.
5	Os olhos dele se emcheram de lagrimas
6	relembrado lembranças do pai que já
7	se foi.
8	
9	
10	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 76 – Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 8

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

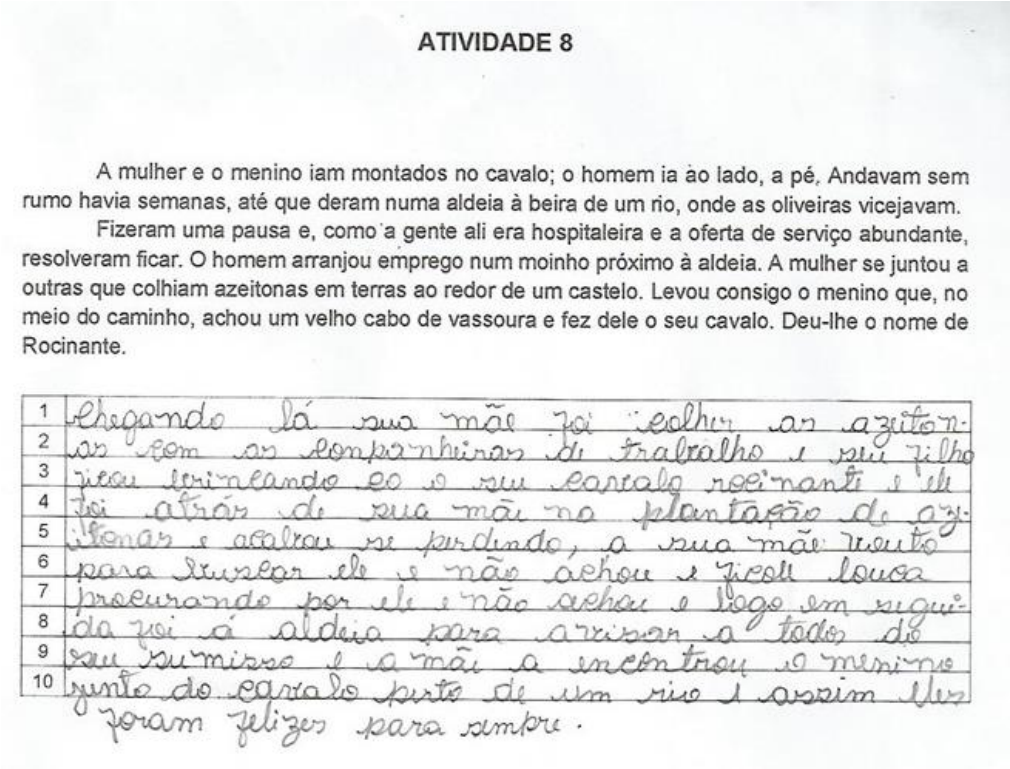
- Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?
- Isso é um espelho - explicou o dono da loja.
- Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

- Isso é um espelho que reflete sua
Pessoa. explicou o dono da loja.
O homem ficou impresionado pela semelhança
que ele tem com o pai.
Os olhos dele se emcheiram de lagrimas
relembrado lembranças do pai que já
se foi.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 77 – Texto produzido grupo 4 – atividade 8



ATIVIDADE 8

A mulher e o menino iam montados no cavalo; o homem ia ao lado, a pé. Andavam sem rumo havia semanas, até que deram numa aldeia à beira de um rio, onde as oliveiras vicejavam.

Fizeram uma pausa e, como a gente ali era hospitaleira e a oferta de serviço abundante, resolveram ficar. O homem arranjou emprego num moinho próximo à aldeia. A mulher se juntou a outras que colhiam azeitonas em terras ao redor de um castelo. Levou consigo o menino que, no meio do caminho, achou um velho cabo de vassoura e fez dele o seu cavalo. Deu-lhe o nome de Rocinante.

1 Chegando lá sua mãe foi colher as azeiton-
2 as com as conpanheiras de trabalho e seu filho
3 ficou brincando co o seu cavalo rocinante e ele
4 foi atrás de sua mãe na plantação de aze-
5 ltonas e acabou se perdendo, a sua mãe vouto
6 para buscar ele e não achou e ficou louca
7 procurando por ele e não achou e logo em segui-
8 da foi á aldeia para avisar a todos do
9 seu sumisso e a mãe a encontrou o menino
10 junto do cavalo perto de um rio e assim eles
foram felizes para sempre.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 78 – Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 8

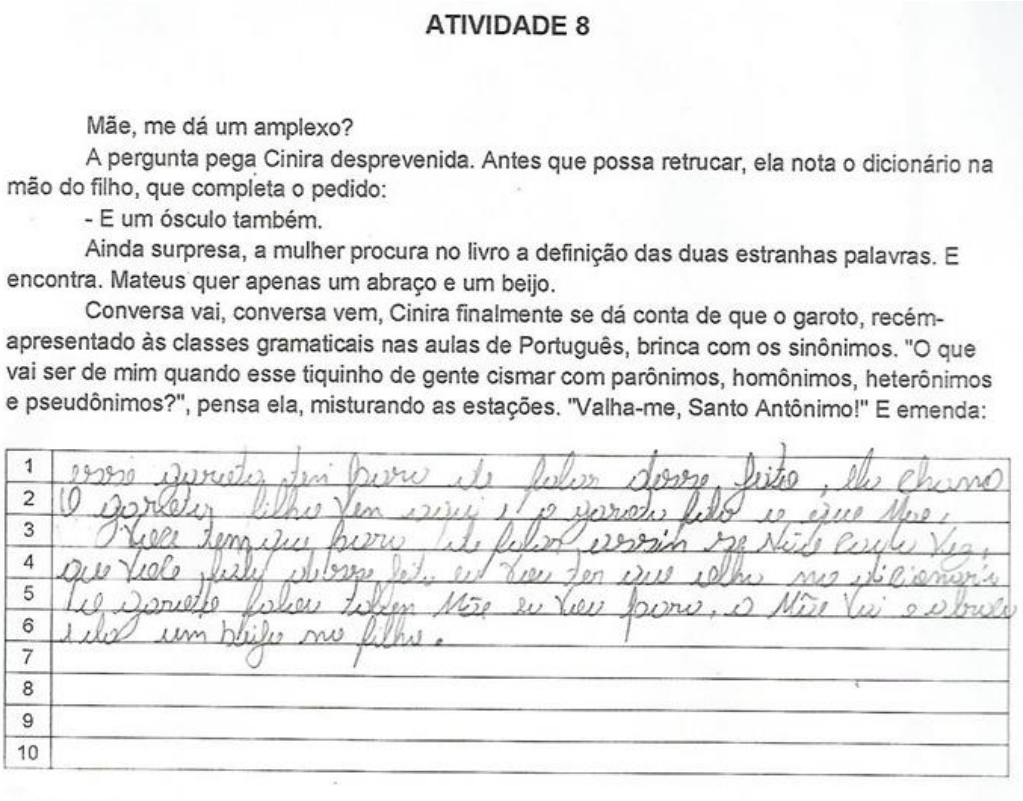
A mulher e o menino iam montados no cavalo; o homem ia ao lado, a pé. Andavam sem rumo havia semanas, até que deram numa aldeia à beira de um rio, onde as oliveiras vicejavam.

Fizeram uma pausa e, como a gente ali era hospitaleira e a oferta de serviço abundante, resolveram ficar. O homem arranjou emprego num moinho próximo à aldeia. A mulher se juntou a outras que colhiam azeitonas em terras ao redor de um castelo. Levou consigo o menino que, no meio do caminho, achou um velho cabo de vassoura e fez dele o seu cavalo. Deu-lhe o nome de Rocinante.

**Vhegando lá sua mãe foi colher as azeiton-
as com as conpanheiras de trabalho e seu filho
ficou brincando co o seu cavalo rocinante e ele
foi atrás de sua mãe na plantação de aze-
ltonas e acabou se perdendo, a sua mãe vouto
para buscar ele e não achou e ficou louca
procurando por ele e não achou e logo em segui-
da foi á aldeia para avisar a todos do
seu sumisso e a mãe a encontrou o menino
junto do cavalo perto de um rio e assim eles
foram felizes para sempre.**

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 79 – Texto produzido grupo 5 – atividade 8



ATIVIDADE 8

Mãe, me dá um amplexo?

A pergunta pega Cinira desprevenida. Antes que possa retrucar, ela nota o dicionário na mão do filho, que completa o pedido:

- E um ósculo também.

Ainda surpresa, a mulher procura no livro a definição das duas estranhas palavras. E encontra. Mateus quer apenas um abraço e um beijo.

Conversa vai, conversa vem, Cinira finalmente se dá conta de que o garoto, recém-apresentado às classes gramaticais nas aulas de Português, brinca com os sinônimos. "O que vai ser de mim quando esse tiquinho de gente cismar com parônimos, homônimos, heterônimos e pseudônimos?", pensa ela, misturando as estações. "Valha-me, Santo Antônimo!" E emenda:

1	esse garoto tem para de falar desse jeito, ele chamo
2	O garoto filho vem aqui e o garoto falo o que mãe.
3	Voce tem que para de falar assim se Não cada vez
4	que você fala desse jeito eu vou ter que olha no dicionario
5	O garoto falou tabem Mãe eu vou para. A Mãe vai e abraca
6	e da um beijo no filho.
7	
8	
9	
10	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 80 – Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 8

Mãe, me dá um amplexo?

A pergunta pega Cinira desprevenida. Antes que possa retrucar, ela nota o dicionário na mão do filho, que completa o pedido:

- E um ósculo também.

Ainda surpresa, a mulher procura no livro a definição das duas estranhas palavras. E encontra. Mateus quer apenas um abraço e um beijo.

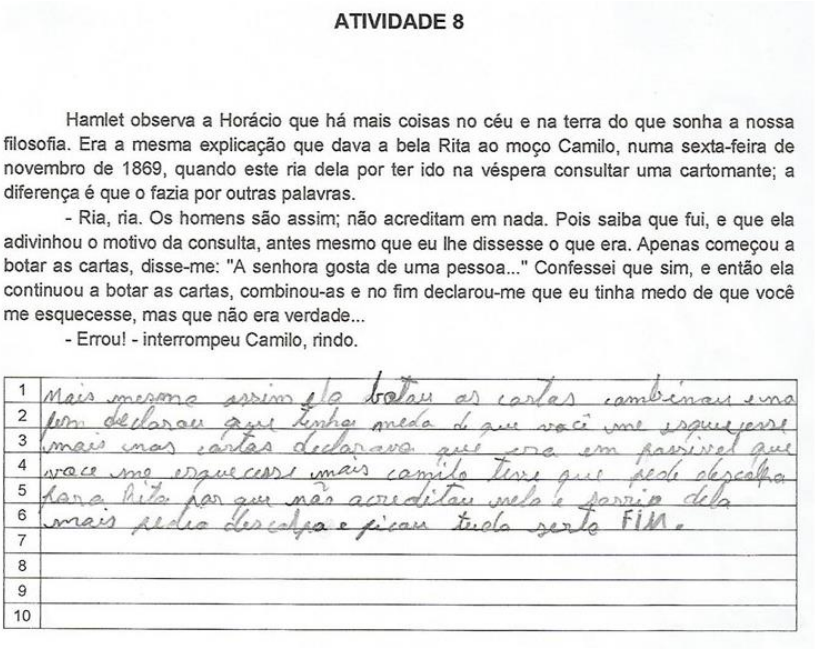
Conversa vai, conversa vem, Cinira finalmente se dá conta de que o garoto, recém-apresentado às classes gramaticais nas aulas de Português, brinca com os sinônimos. "O que vai ser de mim quando esse tiquinho de gente cismar com parônimos, homônimos, heterônimos e pseudônimos?", pensa ela, misturando as estações. "Valha-me, Santo Antônimo!" E emenda:

esse garoto tem para de falar desse jeito, ele chamo
O garoto filho vem aqui e o garoto falo o que mãe.

Voce tem que para de falar assim se Não cada vez
que você fala desse jeito eu vou ter que olha no dicionario
O garoto falou tabem Mãe eu vou para. A Mãe vai e abraca
e da um beijo no filho.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 81 – Texto produzido grupo 6 – atividade 8



ATIVIDADE 8

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

- Errou! - interrompeu Camilo, rindo.

1	Mais mesmo assim ela botou as cartas combinou e no
2	fim declarou que tinha medo de que você me esquecesse
3	mais nas cartas declarava que era em possível que
4	voce me esquecesse mais camilo teve que pedi descolpa
5	para Rita por que não acreditou nela e sorrio dela
6	mais pedio descolpa e ficou tudo serto FIM.
7	
8	
9	
10	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 82 – Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 8

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

- Errou! - interrompeu Camilo, rindo.

Mais mesmo assim ela botou as cartas combinou e no fim declarou que tinha medo de que você me esquecesse mais nas cartas declarava que era em possível que voce me esquecesse mais camilo teve que pedi descolpa para Rita por que não acreditou nela e sorrio dela mais pedio descolpa e ficou tudo serto Fim.

Fonte: Dados da pesquisa

4.4.3 Módulo 3 – exposição participada sobre elementos da narrativa: tempo e espaço – Planos de aula 9 e 10

Também utilizamos duas aulas para a realização dessa etapa. Na aula 9, distribuímos aos grupos o miniconto *A velha contrabandista*, de Stanislaw Ponte Preta (ANEXO R, p. 185) e, após explanação sobre o assunto, solicitamos que respondessem a seguinte atividade:

FIGURA 83 – Atividade 9

1. Nesse miniconto, o narrador é onisciente. Ele sabe o que acontecerá na narrativa e conhece as personagens, pois descreve seus sentimentos e pensamentos.

a) Quanto tempo transcorre entre o início e o final do miniconto?
_____

b) Como o narrador informa o leitor sobre o tempo decorrido?
_____

2. O tempo e o espaço são elementos importantes para a construção do sentido das narrativas. No miniconto "A velha contrabandista":

a) Onde ocorrem os fatos? _____

b) Imaginem: como pode ser caracterizado esse local:
_____
_____

c) Há relação entre o título, o lugar onde ocorrem os fatos e o tempo em que acontece a história? Justifiquem.
_____
_____
_____

RESPOSTAS DADAS PELOS GRUPOS (G)

Obs.: Todas as respostas foram transcritas na íntegra.

FIGURA 84 - 1. a)

G 1	Durante alguns meses
G 2	Um mês e três dias
G 3	Um mês
G 4	Três
G 5	30 dias
G 6	Não tem uma data certa

FIGURA 85 - 1. b)

G 1	Segundo o texto, o fiscal interceptou a velhinha durante um mês seguido
G 2	Diz que a velhinha “passou em um dia e depois no outro
G 3	O leitor foi informado pelo texto
G 4	Passaram-se um mês
G 5	Um mês
G 6	Não respondeu

De acordo com os quadros de respostas anteriores, apenas os grupos 1 e 2 responderam conforme o esperado; os grupos 3, 4 e 5, foram evasivos e o 6, não conseguiu obter êxito nas respostas.

FIGURA 86 - 2. a)

G 1	Na fronteira entre o Brasil e outro país
G 2	na fronteira entre o Brasil e outro paiz
G 3	na fronteira
G 4	Na fronteira entre o Brasil e outro país
G 5	Na fronteira
G 6	Na fronteira

FIGURA 87 - 2. b)

G 1	é um local onde ficam vários policiais que param os carros para olhar os documentos
G 2	um ponte elevadissa, que se abaixa, permitido a pessoa passa
G 3	um lugar que passa de um pais para outro
G 4	Não muito movimentado. Meio que deserto
G 5	Um local meio sem vida tipo uma vila onde ela passava com o saco de areia.
G 6	Uma paragem civil publica

Apesar da imaginação “fértil” de alguns grupos, é perceptível que todos têm ideia de qual a finalidade de uma fronteira.

FIGURA 88 - 2. c)

G 1	sim porque ela está contrabandeando de um pais para o outro
G 2	sim. contrabandia significa leva e trazer algo elegalmente de um paiz pra outro
G 3	sim, os fatos se completam
G 4	É muito tempo a velha passando pela fronteira e o guarda achou qui ela tava contrabandiano
G 5	Não. Pois a velha andava na lambreta dela com o são de areia atrás
G 6	acontece que a velhinha e contrabandista de areia

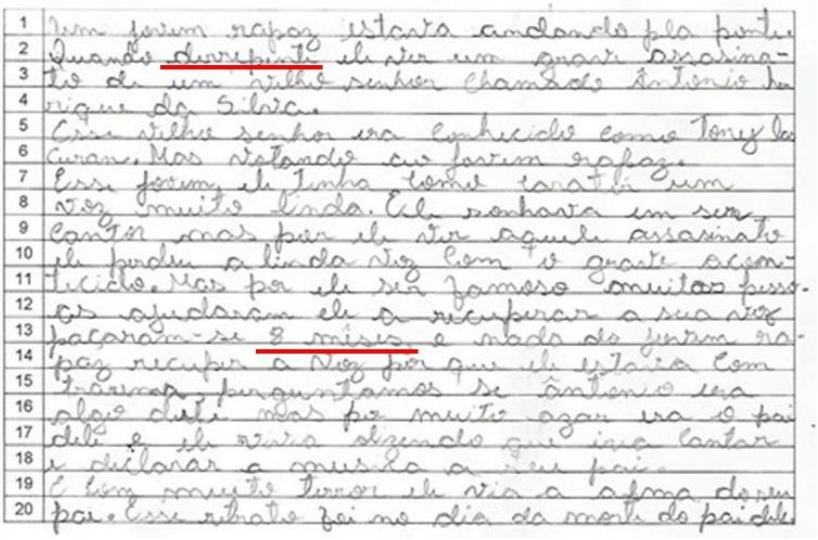
Com essa pergunta, esperávamos que eles percebessem a ligação existente entre os elementos, vez que contrabando remete a fronteira, lugar no qual o tempo de passagem é curto, mesmo que a ação aconteça diariamente como na história. No entanto, as respostas não corresponderam ao esperado.

Para a aula 10, entregamos aos grupos cópias de *O grito*, de Munch (ANEXO S, p. 187), para que, a partir da leitura dessa imagem, os alunos criassem um miniconto enfatizando o tempo cronológico.

De acordo com Gancho (2004), em uma narrativa, muitas vezes o tempo é indicado por um marcador temporal, o qual explicita a época em que se passa a história, contudo, há outras vezes que esses marcadores não estão presentes, mas elementos no texto dão indícios da época em que acontecem os fatos. A imagem *O grito*, foi propositalmente escolhida por não trazer explicitamente um marcador temporal, isso nos dará uma ideia sobre se os alunos conseguem atribuir esse elemento ao texto.

Obs.: Os marcadores temporais nos textos serão delimitados com um traço vermelho, a fim de facilitar a identificação desse elemento.

FIGURA 89 – Texto produzido grupo 1 – atividade 10


Um jovem rapaz estava andando pela ponte
Quando dormiu ele viu um grande assassina-
to de um velho senhor chamado Antonio Ha-
rique da Silva.
Esse velho senhor era conhecido como Tony la
Curam. Mas voltando ao jovem rapaz.
Esse jovem ele tinha tenha cantar um
voz muito linda. Ele sonhava em ser
cantor mas por ele ver aquele assassinato
ele perdeu a linda voz com o grande acon-
tecido. Mas por ele ser famoso muitas pess-
as ajudaram ele a recuperar a sua voz
juntaram-se 8 mises e modo do jovem ra-
paz recuper a voz por que ele estava com
trauma, perguntamos se antonio era
algo dele mas por muito azar era o pai
dele e ele via dizendo que iria cantar
e dedicar a musica a seu pai.
E com muito terror ele via a alma de seu
pai. Esse ritual foi no dia da morte do pai dele.

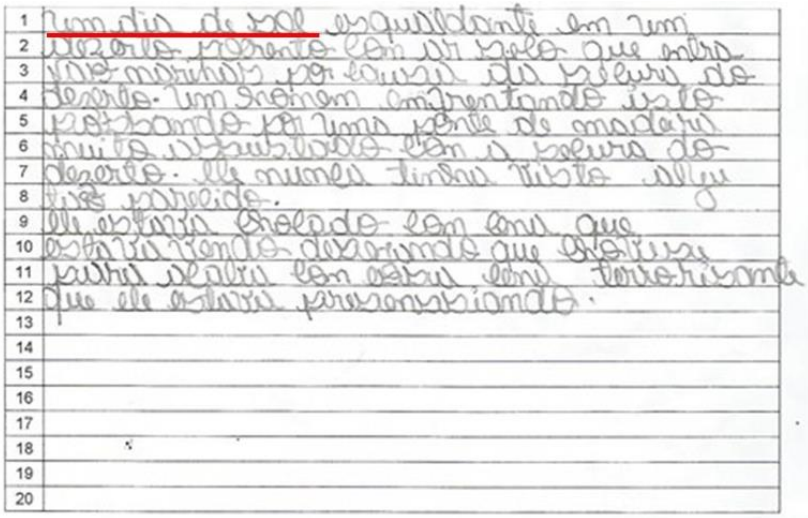
Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 90 – Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 10

Um jovem rapaz estava andando pela ponte.
Quando derrepente ele ver um grave assassina-
to de um velho senhor Chamado Ântonio hen-
rique da Silva.
Esse velho senhor era conhecido como tony la-
curan. Mas voltando ao jovem rapaz.
Esse jovem ele tinha como caráter um
Voz muito linda. Ele sonhava em ser
cantor mas por ele ver aquele assassinato
ele perdeu a linda voz com o grave acon-
tecido. Mas por ele ser famoso muitas pesso-
as ajudaram ele a recuperar a sua voz
paçartam-se 8 meses e nada do jovem ra-
paz recuperar a voz por que ele estava com
trauma, perguntamos se ântonio era
algo dele mas por muito azar era o pai
dele e ele vivia dizendo que iria cantar
e declarar a musica a seu pai.
e com muito terror ele via a alma do seu
pai. Esse retrato foi no dia da morte do pai dele.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 91 – Texto produzido grupo 2 – atividade 10



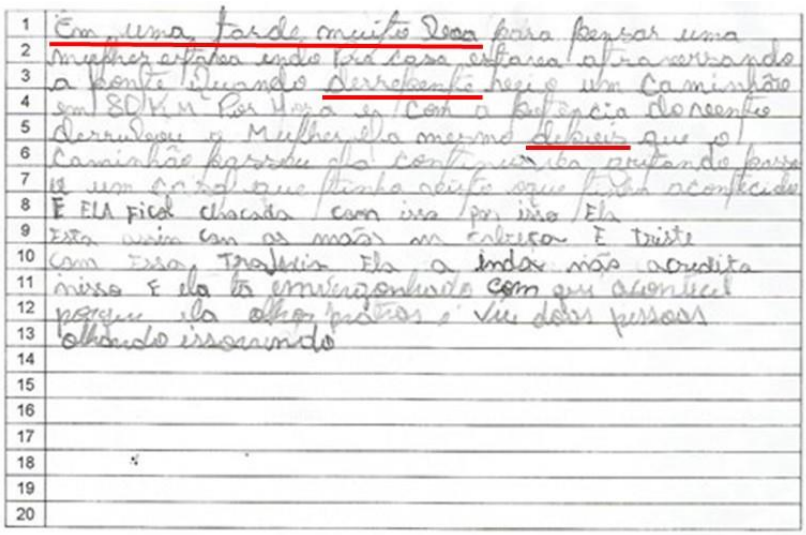
Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 92 – Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 10

Um dia de sol esqualdante em um
dezerto poeirento com ar seco que entra
nas narinas por causa da secura do
deserto. Um homem emfrentando isto
passando por uma ponte de madeira
muito assustado com a secura do
deserto. Ele nunca tinha visto algu
tão parecido.
ele estava chocado com cena que
estava vendo desejando que chovesse
para acaba com essa cena terrorisante
que ele estava presenciando.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 93 – Texto produzido grupo 3 – atividade 10



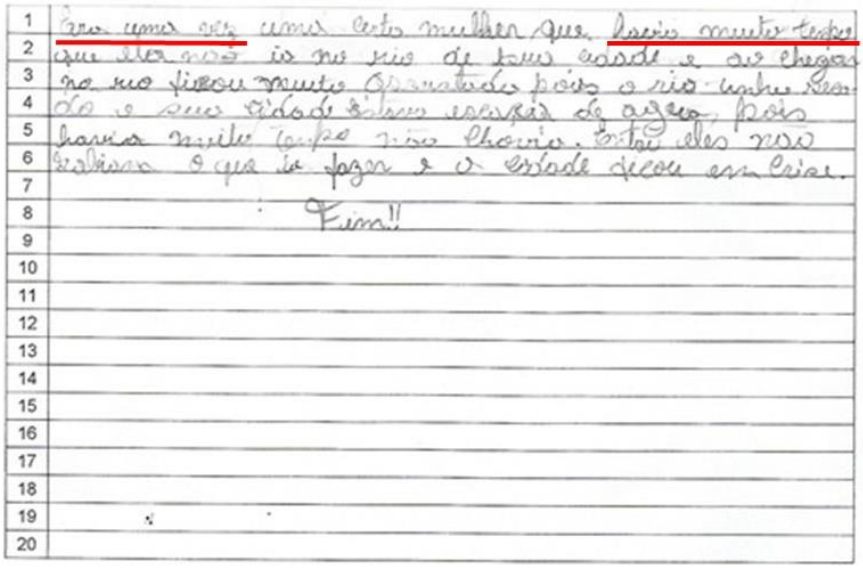
Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 94 – Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 10

Era uma terde muito boa para pensar uma
mulher estava indo pra casa estava atravessando
a ponte Quando derrepente veio um caminhão
em 80 Km Por Hora e com a potência do vento
derrubou a Mulher ela mesmo depois que o
Caminhão passou ela continuava gritando passo
u um casal que tinha visto oque tinha acontecido
E ELA Ficol centada com isso Ela
Esta assim com as mãos na cabeça E Triste
com Essa travescia Ela a inda não acredita
nisso E ela ta envergonhada com que acontecel
porque ela olhor pratras e viu doas pessoas
olhando issorrindo.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 95 – Texto produzido grupo 4 – atividade 10



Fonte: Dados da pesquisa

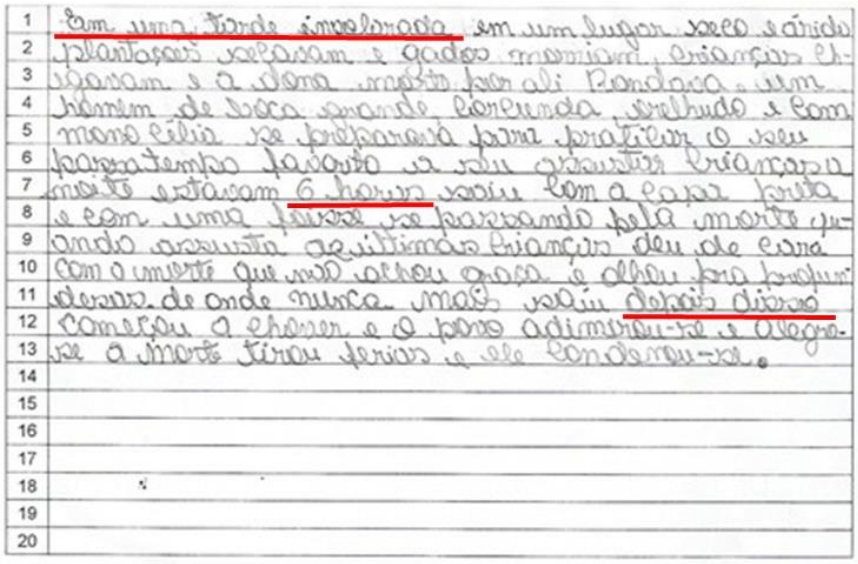
FIGURA 96 – Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 10

Era uma vez uma ceta mulher que havia muito tempo
que ela não ia no rio de sua cidade e ao chegar
no rio ficou muito assustada pois o rio tinha seca-
do e sua cidade estava escaça de agua pois
havia muito tempo não chovia. Então eles não
sabiam o que ia fazer e a cidade ficou em crise.

Fim!!

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 97 – Texto produzido grupo 5 – atividade 10



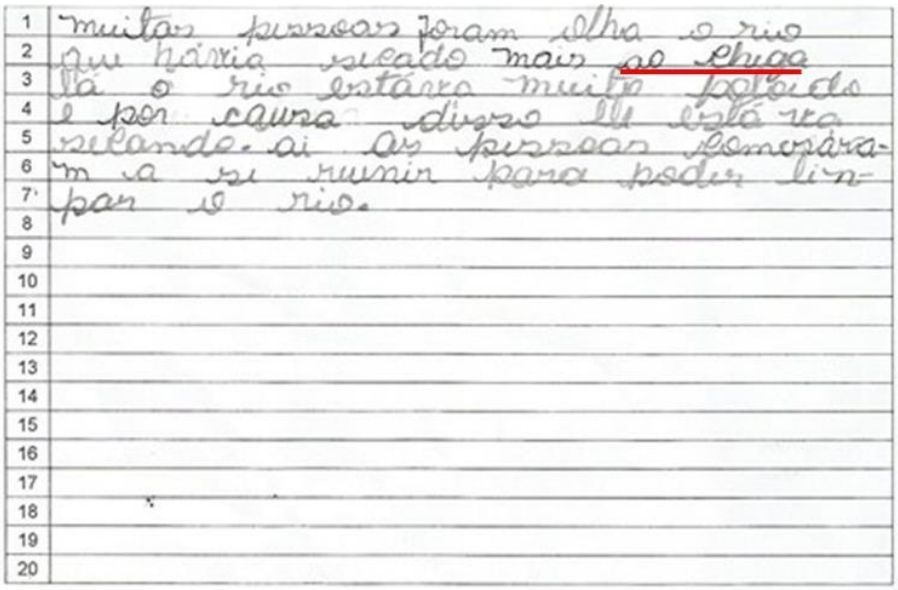
Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 98 – Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 10

Em uma tarde insolarada em um lugar seco e árido
plantações secavam e gados morriam, crianças ch-
igavam e a dona morte por ali Rondava. um
homem de boca grande, corcunda, orelhudo e com
mono célia se preparava para praticar O seu
passatempo favorito a seu assustar Crianças a
noite estavam 6 horas saiu com a capa preta
e com uma foisse se passando pela morte qu-
ando assusta as últimas crianças deu de cara
com a morte que não achou graça e olhou pra profun-
desas. De onde nunca mais saiu depois disso
começou a chover e o povo admirou-se e alegro-
se a morte tirou férias e ele condenou-se.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 99 – Texto produzido grupo 6 – atividade 10


Muitas pessoas foram olha o rio
que havia secado mais ao chega
lá o rio estava muito poloido
e por causa disso ele está va
secando. ai as pessoas comesara-
m a si reunir para poder lin-
par o rio.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 100 – Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 10

Muitas pessoas foram olha o rio
que havia secado mais ao chega
lá o rio estava muito poloido
e por causa disso ele está va
secando. ai as pessoas comesara-
m a si reunir para poder lin-
par o rio.

Fonte: Dados da pesquisa

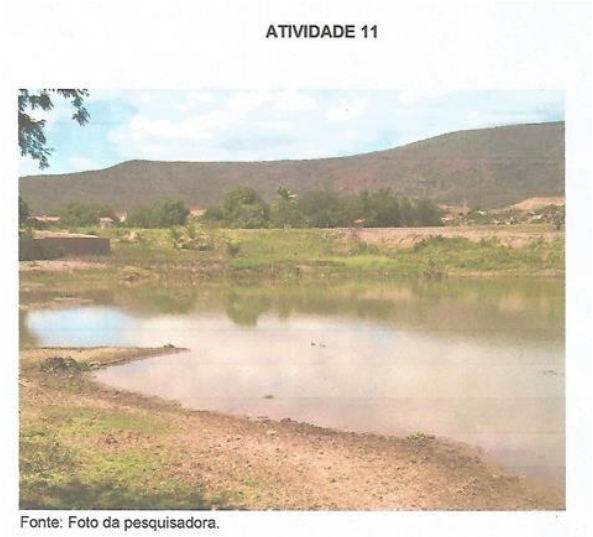
Observamos que todos os grupos conseguiram empregar a característica tempo em sua história através de marcadores explícitos como: de repente, oito meses, um dia de sol, em uma tarde muito boa, depois, era uma vez, havia muito tempo, em uma tarde ensolarada, seis horas, depois disso, ao chegar.

4.5 – ANÁLISE DAS PRODUÇÕES FINAIS – PLANOS DE AULA 11 E 12

Na aula 11, entregamos aos grupos as mesmas fotografias do bairro Curral Novo trabalhadas na produção inicial. Nessa etapa, solicitamos que eles criassem um miniconto considerando as possibilidades de leituras discutidas no grupo e a ideia era verificar o grau de conhecimento dos alunos sobre narrativas, ou seja, o objetivo era ver se os alunos, após estudos, compreenderam a tipologia textual narração, desenvolveram-se na leitura imagética e se conseguiram escrever minicontos a partir das informações adquiridas.

Vejamos como se saíram:

FIGURA 101 – Leito do Rio das Contas e texto produzido grupo 1 – atividade 11



Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 102 – Transcrição texto produzido grupo 1 – atividade 11

Os Adolecentes

Em uma bela tarde ensolarada um
grupo de adolescentes saíram para tirar fotos
dos lugares mais bonitos da sua
cidade e eles queriam ter lembranças
da sua adolecencia e eles acharam
essa imagem interessante, pois um dia
infelismente ela não iria existir mais
e foram ali que passaram a tarde
se divertindo entre amigos em no rio
de contas. Obs= O homem não sabe evoluir
so diminuir o nosso rio.

Fonte: Dados da pesquisa

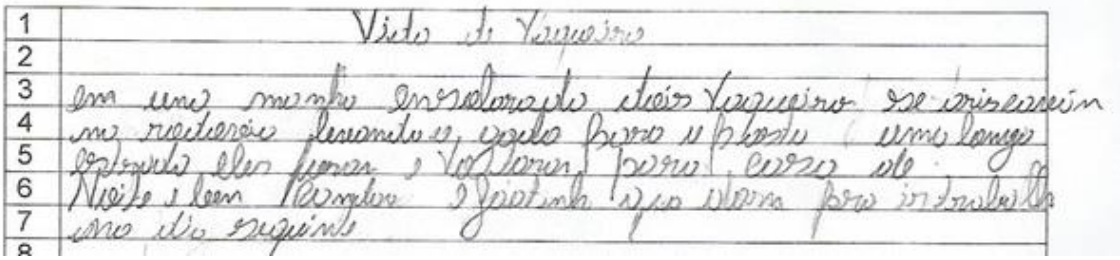
A princípio, ao escrever que “adolescentes saem à procura de lugares bonitos para tirar fotos”, pensamos que o grupo não compreendeu a imagem que mostra o rio bastante destruído; contudo, mais adiante, os alunos escrevem que “essa paisagem um dia não existirá mais” e fazem uma observação de que a ação humana destrói a natureza, a exemplo do Rio das Contas, retratado para esta atividade. Concordamos com o grupo, pois, apesar do local devastado, ainda temos uma bela paisagem, com os morros ao fundo e a água, mesmo rasa, remete à paz.

FIGURA 103 – Boiada na rodovia e texto produzido grupo 2 – atividade 11

ATIVIDADE 11

Fonte: Disponível em http://www.blogdaresenhageral.com.br/categoria/sudoeste/Page/4/ > Acesso em 15 de setembro de 2016.

Escrevam um miniconto a partir da leitura, interpretação e compreensão dessa Fotografia do Curral Novo.



Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 104 – Transcrição texto produzido grupo 2 – atividade 11

Vida de vaqueiro

em uma manha ensolarad dois vaqueiros se ariscavam
na rodovia levando gado para ir pasta uma longa
estrada eles levar e voltar para casa de
Noite e bem voltou e já tinha que dormi pra ir trabalha
no dia seguinte.

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar do grupo ignorar o perigo existente em gado transitando na rodovia, os alunos fizeram um breve comentário sobre os vaqueiros se arriscarem na estrada para levar o gado para pastar. Também observamos que faltou ação na narrativa que se parece mais com uma descrição da cena retratada.

FIGURA 105 – Casas populares e texto produzido grupo 3 – atividade 11

ATIVIDADE 11

Fonte: Disponível em http://www.programanabocadopovo.com.br/2015/08/mais-de-800-moradias-serao-entregues-em.html. Acesso em 14/08/2016.

Escrevam um miniconto a partir da leitura, interpretação e compreensão dessa Fotografia do Curral Novo.

"A construção mal assombrada"

Há um tempo atrás onde tudo era amplante um operarios trabalhavam sem segurança nenhuma e acontece um acidente onde todos morrem eles, forem internados naquele local, que foi chamado cemitério dos operarios... 10 anos depois o cemitério não existe mais, começa a ser construido um condominio do governo. Vários operarios trabalharam, tudo ia bem ~~exatamente~~, na data que ocorreu o acidente, começam a acontecer coisas estranhas. Coisas desaparecem, alguns começaram a ouvir vozes, mandando eles irem embora, alguns sem aparecer. No dia seguinte a coisa piora as 5 horas da tarde os mortos começaram a sair dos tumulos os operarios apavorados não embora, e se recusam a voltar a obra é transferida para outro lugar e assim o mortos podem descansar em paz, e os vivos trabalharam em paz.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 106 – Transcrição texto produzido grupo 3 – atividade 11

"A Construção mal assombrada"

Há um tempo atrás onde tudo era orripilante uns opera
rios trabalhavam sem segurança nenhuma. acontece
um acidente onde todos morrem eles foram enterrados
naquele local que foi chamado Covio dos operários...
10 anos depois o cemitério não existe mais, começa a
ser construído um condominio do governo. Vários operários
trabalhavam. Tudo ia bem. na data que ocor-
reu o acidente, começam a acontecer coisas estranhas. Coi-
sas desaparecem, alguns começam a ouvir vozes man-
dando eles irem embora. Alguns vem aparições. no dia
seguinte a coisa piora as 5 horas da tarde os mortos
começaram a sair dos tumulos os operários apavora-
dos vão embora e se recusam a voltar. a obra é
transferida pra outro lugar e assim o mortos podem
descansar em paz e os vivos trabalharem em paz.

Fonte: Dados da pesquisa

A narrativa mostra que os alunos fugiram da realidade. Eles aproveitaram a cena e criaram um conto de terror. Apesar de usarem a imaginação e empregarem corretamente os elementos próprios da narração, não responderam à tarefa conforme o esperado que seria fazer uma leitura crítica dos acontecimentos no bairro.

FIGURA 107 – Olarias em Curral Novo e texto produzido grupo 4 – atividade 11

ATIVIDADE 11

Fonte: Foto da pesquisadora.

Escrevam um miniconto a partir da leitura, interpretação e compreensão dessa Fotografia do Curral Novo.

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 108 – Transcrição texto produzido grupo 4 – atividade 11

Após socialização, o grupo procurou a professora e disse que havia escrito o texto de forma errada e por isso o havia apagado. Apesar da solicitação para que o redigisse outra vez, disseram que não queriam.

Mesmo com sentimento de frustração, a professora compreendeu e respeitou a vontade do grupo em não realizar a tarefa proposta. Contudo, lembrou aos alunos que a atividade não seria pontuada nem seus nomes seriam expostos, mas que a tarefa serviria apenas como instrumento de pesquisa. Ainda assim, não quiseram escrever o texto outra vez e o assunto foi encerrado nesse momento.

FIGURA 109 – Couro para luvas e texto produzido grupo 5 – atividade 11

ATIVIDADE 11

Fonte: Foto da pesquisadora.

Escrevam um miniconto a partir da leitura, interpretação e compreensão dessa Fotografia do Curral Novo.

1	Na cidade [illegible] tem uma fabrica de couro
2	e [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] luvas
3	[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
4	[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
5	[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
6	[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
7	[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
8	[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
9	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 110 – Transcrição texto produzido grupo 5 – atividade 11

No curral novo tem uma fabrica de couro
e esse couro são utilizados para fabricar luvas
e muito mais essas luvas são exp-
ortadas para lugares que feito a revenda ne
comercios. E esses couros são muito útil em
algumas coisas no dia dia e a matéria prima
desses couros são retirados de animais
como gado, bode, ovelhas etc...

Fonte: Dados da pesquisa

Esse grupo também criou um texto dissertativo, pois, como visto, faltam os elementos que compõem uma narrativa.

FIGURA 111 – Ronda policial e texto produzido grupo 6 – atividade 11

ATIVIDADE 11

Fonte: Disponível em http://blogmarcosfrahm.com/jequie-corpo-de-jovem-e-encontrado-crivado-de-balas-em-matagal-no-curral-novo/. Acesso em 14/08/2016.

Escrevam um miniconto a partir da leitura, interpretação e compreensão dessa Fotografia do Curral Novo.

O cadaver

Certa vez um rapaz estava andando em um matagal no curral novo, quando ele estava voltando para casa encontrou um cadaver no chão crivado de bala. Ligou para a policia e eles vieram busca o corpo do rapaz, sem conseguir identificar o corpo do rapaz levaram para o IML, chegando no IML os médicos conseguiram identifica-lo por causa de sua tatuagem no braço com o nome de sua mãe.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 112 – Transcrição texto produzido grupo 6 – atividade 11

O cadaver

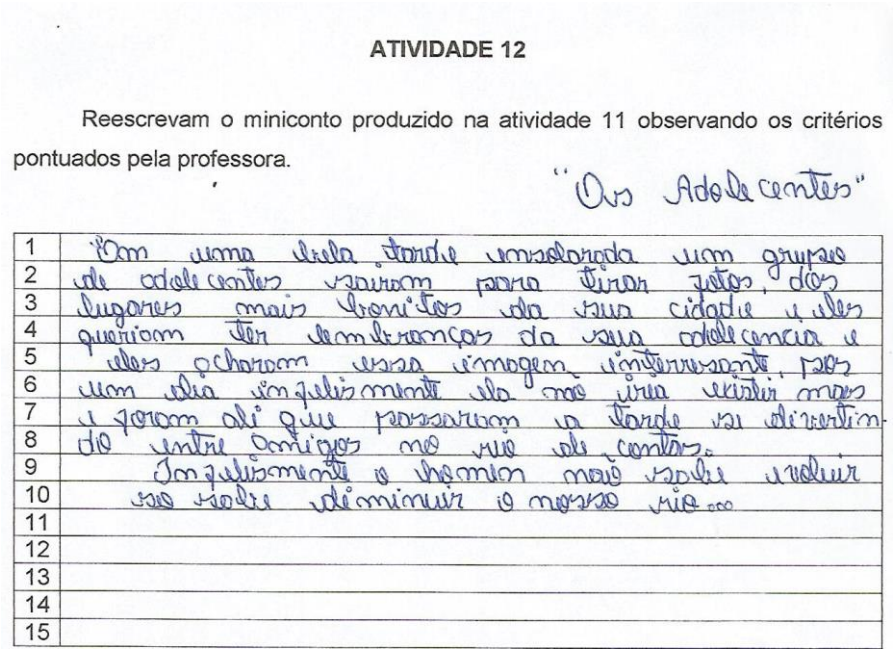
Certa vez um rapaz estava andando em um matagal
no curral novo, quando ele estava voltando para casa
encontra um cadáver no chão cravado de bala.
ligou para a policia e eles vieram busca o corpo do
rapaz, sem conseguir identificar o corpo do rapaz levaram
para o IML, chegando no IML os médicos conse-
guiram identifica-lo por causa de sua tatuagem
no braço com o nome de sua mãe.

Fonte: Dados da pesquisa

O bairro Curral Novo exibe um alto índice de criminalidade e, como era esperado, diante da fotografia apresentada, os alunos escreveram um miniconto policial. Observamos a presença do narrador, do tempo, do espaço, conflito e desfecho. Acreditamos que o grupo conseguiu responder à atividade conforme nossa expectativa.

Na aula 12, após comentários sobre os problemas encontrados nos textos, devolvemos aos grupos os minicontos escritos por eles, a fim de que os reescrevessem conforme orientações. Nesse momento, o grupo que anteriormente não quis redigir o texto, não se manifestou contra. Então, naturalmente e sem comentários, entregamos-lhe a folha na qual deveriam rescrever o texto. Para surpresa, os alunos responderam a atividade proposta, conforme veremos a seguir.

FIGURA 113 – Texto reescrito grupo 1 – atividade 12



ATIVIDADE 12

Reescrevam o miniconto produzido na atividade 11 observando os critérios pontuados pela professora.

"Os Adolecentes"

1	Em uma bela tarde ensolarada um grupo
2	de adolecentes saíram para tirar fotos dos
3	lugares mais bonitos da sua cidade e eles
4	queriam ter lembranças da sua adolecencia e
5	eles acharam essa imagem interessante, pos
6	um dia infelizmente ela não iria existir mais
7	e foram ali que passaram a tarde se divertin-
8	do entre amigos no rio de contas.
9	Infelismente o homem não sabe evoluir
10	so sabe diminuir o nosso rio...
11	
12	
13	
14	
15	

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 114 – Transcrição texto reescrito grupo 1 – atividade 12

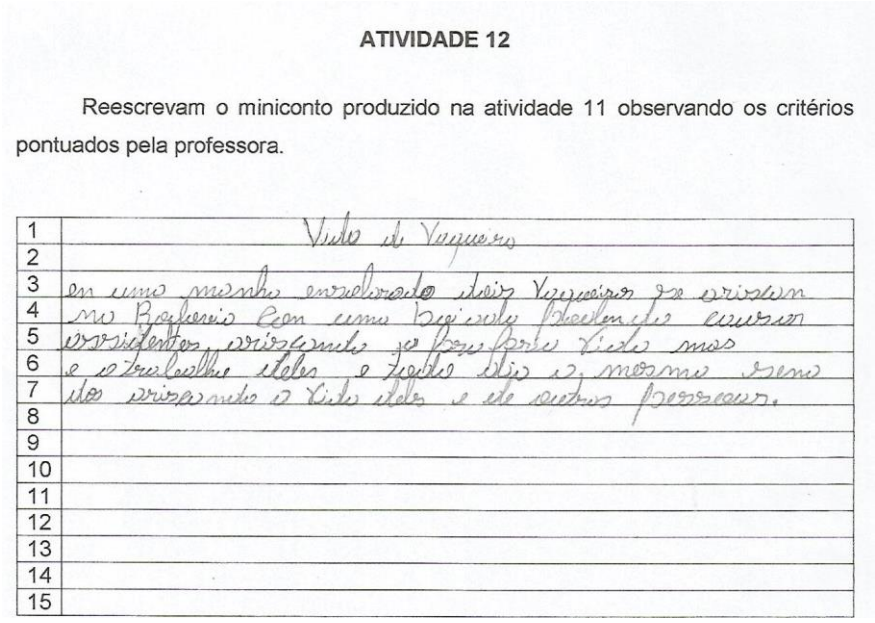
"Os Adolecentes"

Em uma bela tarde ensolarada um grupo de adolescentes saíram para tirar fotos dos lugares mais bonitos da sua cidade e eles queriam ter lembranças da sua adolecencia e eles acharam essa imagem interessante, pos um dia infelizmente ela não iria existir mais e foram ali que passram a tarde se divertin-Do entre amigos no rio de contas.

Infelismente o homem não sabe evoluir so sabe diminuir o nosso rio...

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 115 – Texto reescrito grupo 2 – atividade 12



ATIVIDADE 12

Reescrevam o miniconto produzido na atividade 11 observando os critérios pontuados pela professora.

1	Vida de Vaqueiro
2	
3	em uma manha ensolarada dois Vaqueiros se ariscan
4	na Rodovia com uma boiada podendo causar
5	acidentes, ariscando a propria vida mas
6	e o trabalho deles e todo dia o mesmo seno
7	dos ariscando a vida deles e de outras pessoas.
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

Fonte: Dados da pesquisa

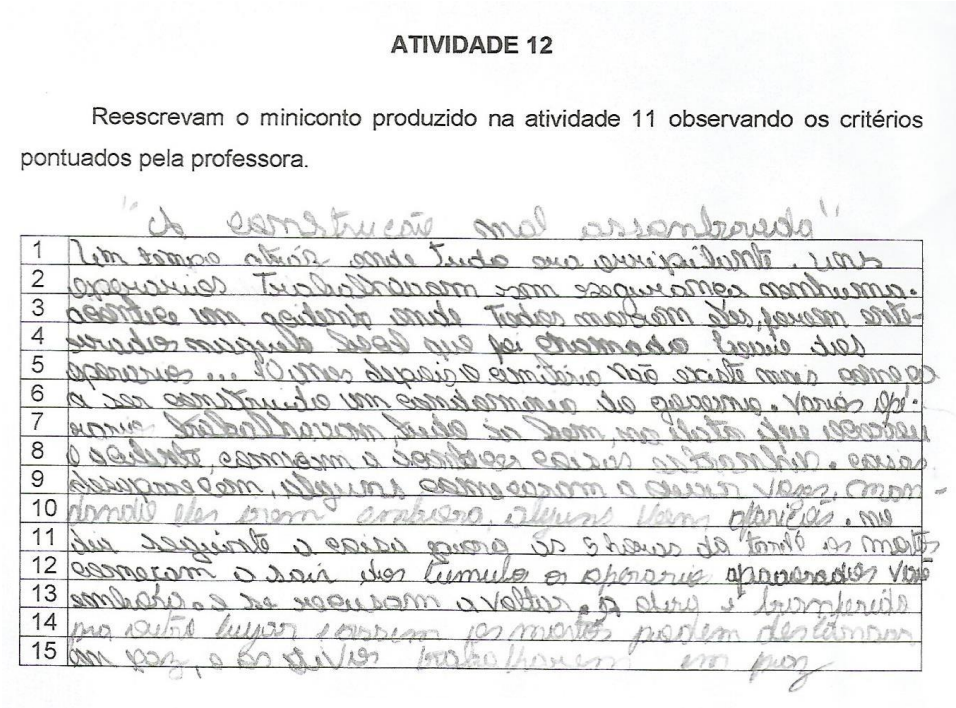
FIGURA 116 – Transcrição texto reescrito grupo 2 – atividade 12

Vida de vaqueiro

em uma manha ensolarada dois vaqueiros se ariscan
na Rodovia com uma boiada podendo causar
acidentes ariscando a própria vida mas
e o trabalho deles e todo dia o mesmo seno
dos ariscando a vida deles e de outras pessoas.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 117 – Texto reescrito grupo 3 – atividade 12



ATIVIDADE 12

Reescrevam o miniconto produzido na atividade 11 observando os critérios pontuados pela professora.

Fonte: Dados da pesquisa

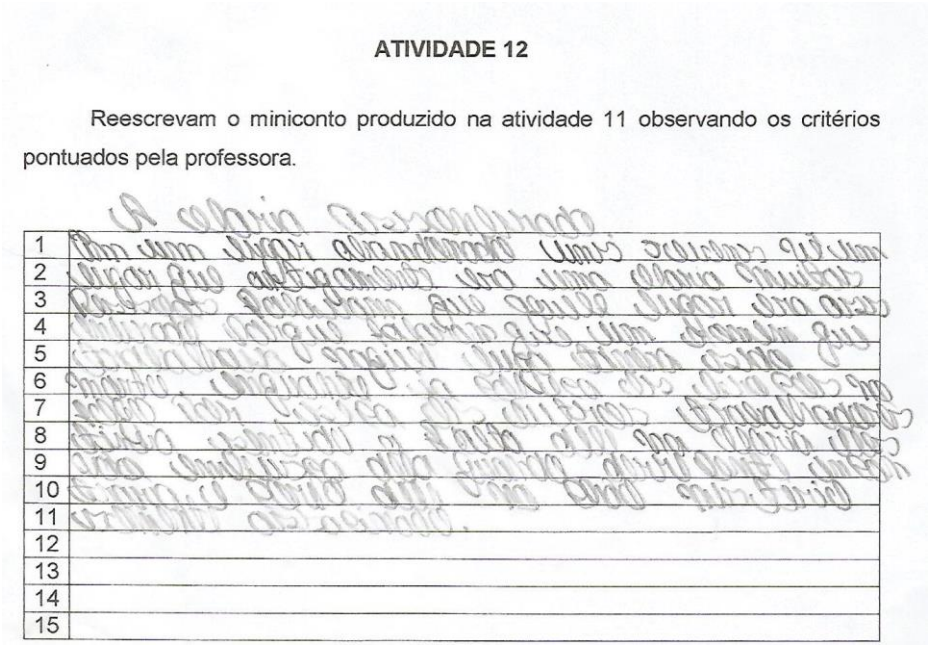
FIGURA 118 – Transcrição texto reescrito grupo 3 – atividade 12

"A construção mal assombrada"

Um tempo atrás onde tudo era orripilante uns
operários trabalhavam sem segurança nenhuma.
acontece um acidente onde todos morrem eles foram ente-
rrados naquele local que foi chamado Covio dos
operários... 10 anos depois o cemitério não existe mais começa
a ser construído um condomínio do governo. Varios ope-
rarios trabalhavam. tudo ia bem na data que ocorreu
o acidente, começa a acontecer coisas estranhas. coisas
desaparecem, alguns começaram a ouvir vozes man-
dando eles irem embora, alguns veem aparições. no
dia seguinte a coisa piora as 5 horas da tarde os mortos
começam a sair dos tumulos os operários vão
embora e se recusam a voltar. A obra é transferida
pra outro lugar e assim os mortos podem descansar
em paz, e os vivos trabalharem em paz.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 119 – Texto reescrito grupo 4 – atividade 12



ATIVIDADE 12

Reescrevam o miniconto produzido na atividade 11 observando os critérios pontuados pela professora.

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

Fonte: Dados da pesquisa

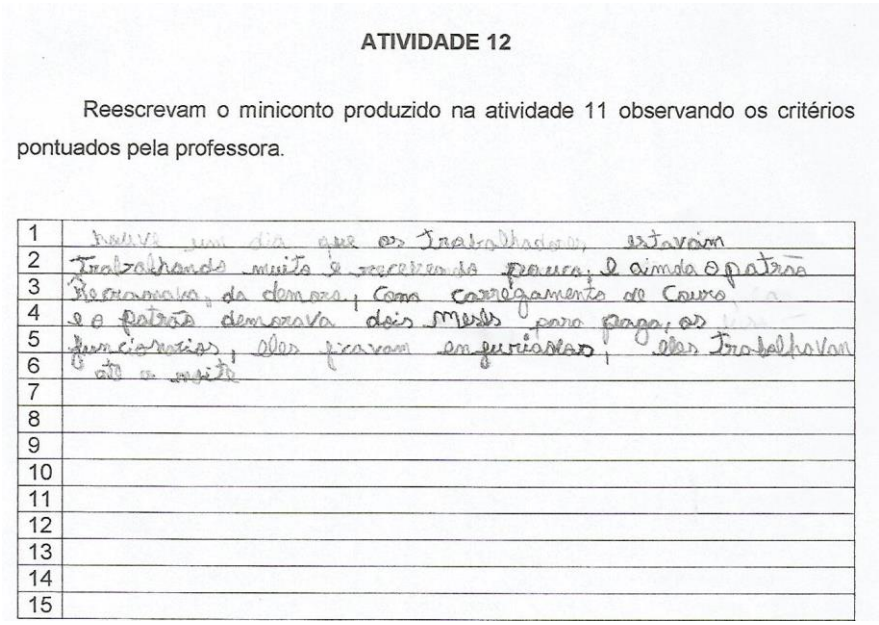
FIGURA 120 – Transcrição texto reescrito grupo 4 – atividade 12

A olaria assombrada

Em um lugar abandonado uns jovens vê um
lugar que antigamente era uma olaria muitas
pessoas falaram que aquele lugar era ass
ombrado porque falaram que um homem que
trabalhava naquele lugar tinha sido
morto enquanto ia colocar os brocos no
fogo por isso os outros trabalhadores
tinha sentido a falta dele na olaria eles
vao embusca dela quando derrepente encon
traro o corpo dele no chão misterio
acidente assassinado.

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 121 – Texto reescrito grupo 5 – atividade 12



ATIVIDADE 12

Reescrevam o miniconto produzido na atividade 11 observando os critérios pontuados pela professora.

1	houve um dia que os trabalhadores estavam
2	trabalhando muito e recebendo pouca, e ainda o patrão
3	Recramava da demora, com carregamento de couro
4	e o patrão demorava dois meses para paga, os
5	funcionarios, eles ficavam enjuriados, eles trabalhavan
6	ate a noite
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

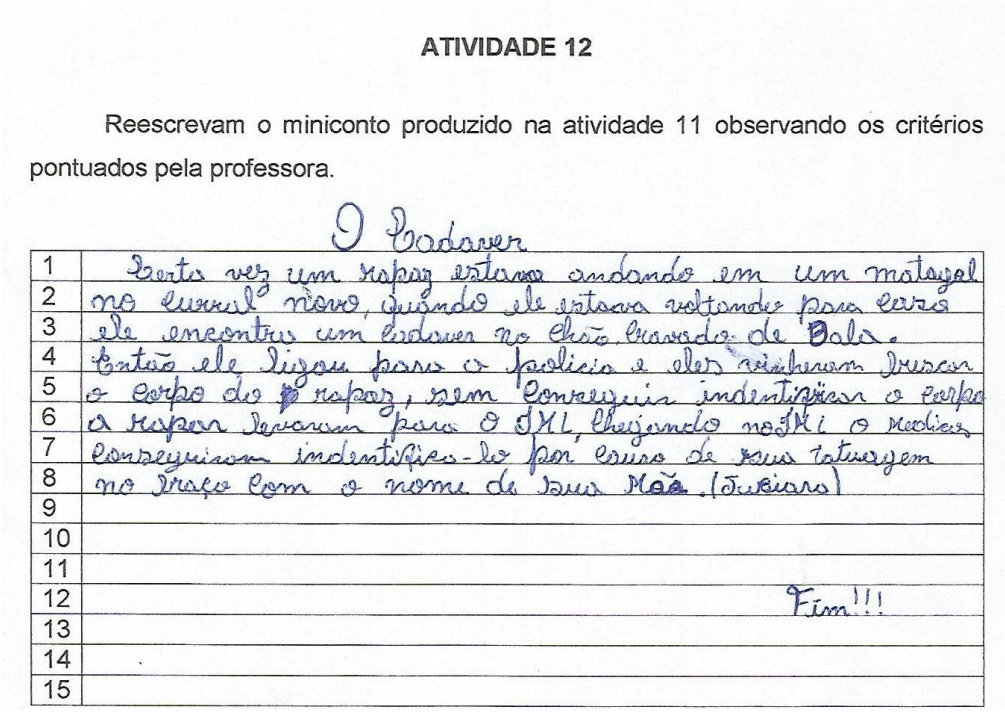
Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 122 – Transcrição texto reescrito grupo 5 – atividade 12

houve um dia que os trabalhadores estavam
trabalhando muito e recebendo pouco e ainda o patrão
Recramava da demora com carregamento de couro
e o patrão demorava dois meses para paga os
funcionários, eles ficavam enjuriados, eles trabalhavan
ate a noite

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 123 – Texto reescrito grupo 6 – atividade 12



ATIVIDADE 12

Reescrevam o miniconto produzido na atividade 11 observando os critérios pontuados pela professora.

O Cadaver

Certa vez um rapaz estava andando em um matagal no curral novo, quando ele estava voltando para casa ele encontrou um cadaver no chão cravado de Bala. Então ele ligou para a policia e eles vinheram buscar o corpo do rapaz, sem conseguir indentificar o corpo o rapar levaram para o IML, chegando no IML o Medicos conseguiram indentifica-lo por causa de sua tatuagem no braço com o nome de sua Mãe. (Juciara)

Fim!!!

Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 124 – Transcrição texto reescrito grupo 6 – atividade 12

O Cadaver

Certa vez um rapaz estava andando em um matagal no Curral Novo, quando ele estava voltando para casa ele encontra um cadáver no chão cravado de Bala.
Então ele ligou para a policia e eles vinheram buscar o corpo do rapaz, sem conseguir identificar o corpo o rapar levaram para o IML, chegando no IML o Medicos conseguiram indentifica-lo por causa de sua tatuagem no braço com o nome de sua Mãe. (Juciara)

Fim!!!

Fonte: Dados da pesquisa

Em nossos estudos sobre o conto, vimos que esse gênero não se limita a narrar fatos reais; na verdade, em um conto, a realidade e a ficção se confundem, o que existem, conforme Castagnino (1977, apud GOTLIB, 2006, p. 12), são “graus de proximidade ou afastamento do real”, pois, mesmo que narrássemos literalmente nossa realidade, ainda assim tratar-se-ia de ficção, já que ali haveria literatura e onde há literatura há conotações, imitações, irrealidade.

Portanto, acreditamos que nossos alunos, ao fim desta sequência didática, compreenderam a importância da leitura, seja ela alfabética ou de imagem; aprenderam como escrever um miniconto, o qual poderá ocasionar a leitura e a escrita de textos mais elaborados; aprimoraram a visão crítica sobre os problemas enfrentados no bairro; descobriram-se leitores não apenas das linguagens fotográfica e literária, mas, principalmente, da realidade local a que pertencem.

CONCLUSÃO

A inquietação motivadora deste trabalho está na observância de que as atividades leitora e escritora de nossos alunos são resumidas quase totalmente a postagens diminutas na internet. Pouco abrem um livro literário e, menos ainda, escrevem um texto. Pensamos, então, que se os apresentássemos aos minicontos, talvez o estilo minimalista manifestasse neles o interesse por uma leitura e escrita mais elaboradas. Assim, a fim de executarmos o projeto, planejamos uma intervenção pedagógica e optamos por uma sequência didática nos moldes de Joaquim Dolz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly (2004).

Para tanto, objetivamos tarefas que pudessem ser desenvolvidas com uma classe de 8º ano de uma escola pública estadual em Jequié-Bahia com intenção de estimular em nossos alunos a leitura e a escrita através de minicontos a partir de fotografias do bairro Curral Novo.

Mediante questionário diagnóstico e de acordo com as respostas dos alunos, percebemos que, diferente do que se anuncia, eles leem, mas gostam de ler textos curtos. Isso pode responder um dos nossos questionamentos de que realmente o miniconto é um gênero especial que possibilita ao aluno o gosto e o prazer pela leitura e escrita.

Assim, na produção inicial, elaboramos atividades em que os alunos responderiam sobre seus conhecimentos anteriores a respeito da tipologia textual narração e interpretação de imagens. Constatamos, ao fim dessa etapa, que os sujeitos pesquisados têm noções e sabem aplicar corretamente as partes da narrativa, como também conseguem fazer associações entre os elementos contidos numa fotografia com o cotidiano em que estão inseridos.

Quando nos aprofundamos nos estudos sobre a narração, especificamente o conflito, observamos que eles sabiam identificá-lo em um texto, mas a maioria teve dificuldade em criá-los em suas próprias produções. Contudo, quanto ao desfecho, todos conseguiram elaborá-los corretamente.

A atividade seguinte constituiu no estudo do tempo e do espaço na narrativa e em interpretação textual. Também nesses quesitos a maioria dos alunos demonstrou domínio tanto para identificar esses elementos quanto para escrevê-los.

Por fim, ao confrontar a produção final com a inicial, apuramos que houve avanço quanto ao entendimento sobre a tipologia narração, quanto aos gêneros conto e miniconto e leitura imagética. Entretanto, verificamos que alguns alunos não conseguiram escrever minicontos conforme a estrutura pretendida, porém, a opção por trabalhar com fotografias instigantes do bairro ajudou na compreensão textual e incitou produções mais reflexivas, críticas e criativas, vez que as imagens retratadas fazem parte do cotidiano dos sujeitos pesquisados que se viram ali refletidos.

No decorrer do trabalho surgiu, como pretensão, que ao final da sequência, após leituras e reescritas, nossos alunos fossem capazes de escrever e postar minicontos também em redes sociais como *facebook* e *whatsapp*; contudo, percebemos que o tempo disponibilizado seria insuficiente, por isso não foi feito, embora tenhamos incentivado os alunos para que o fizessem individualmente.

Mesmo assim, comprovamos que a metodologia da pesquisa-ação corroborou efetivamente para significativas ações indispensáveis à atividade escolar e a sequência didática nos ajudou nas organizações de conteúdos que atendem às necessidades tanto dos professores quanto dos alunos.

Todavia, é importante salientar que nos textos produzidos pelos alunos, observamos apenas o desenvolvimento de criação, o emprego das partes da narrativa, os elementos que compõem o conto e a percepção crítica. Não tivemos interesse em analisar o uso dos aspectos gramaticais.

Deste estudo e diante das muitas respostas positivas, consideramos que a pesquisa alcançou resultados proveitosos, os quais possibilitarão que outros professores e trabalhem o gênero textual miniconto e leitura imagética com alunos do ensino fundamental.

Ainda comprovamos que, devido interesse e participação dos alunos na execução das atividades escritas e orais, esta pesquisa não apenas os orientou quanto aos estudos de gêneros, mas possibilitou que fizessem uma leitura crítica acerca dos problemas enfrentados pelo bairro. Essa reflexão, portanto, muito contribui para a formação ética e cidadã dos jovens participantes da pesquisa.

Por fim, esperamos que esta pesquisa suscite novas investigações e possibilite outros estudos sobre o ensino de gênero textual miniconto, associado ou não a leituras imagéticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eduardo de Moura; ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ALVES, Rubem. O prazer da leitura. **Correio Popular**, Campinas, 19 jul. 2001, Caderno C.

AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. Ilustrações de Floriano Teixeira. Edição especial. Rio de Janeiro: Record, 1982.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Pau-Brasil 1924**. Disponível em Passeiweb http://www.passeiweb.com/estudos/livros/manifesto_pau_brasil, acesso em 08/02/2016.

_____. **Memórias Sentimentais de João Miramar**. São Paulo, Globo, 1991.

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo, Objetivo, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação.** Tradução de Lucie Dídio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____, Ana Mae (Org.). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Editora Cortez, 4 ed., 2008.

_____, Ana Mae. A imagem no ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In COHEN, Jean, et al. **Pesquisas de retórica**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1975.

_____. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 2. Ed. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

_____. **A Aventura Semiológica**. S.Paulo: Martins Fontes, 2002.

BEAUVOIR, Simone. O pai iniciador. In: FRAISSE, Emmanuel, POMPOUGNAC, Jean-Claude e POULAIN, Martine. (Org). **Representações e imagens da leitura.** São Paulo: Ática, 1997, p. 20-1.

BITTAR, Carlos Alberto. **Os Direitos da Personalidade**. 2º edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1995.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem.** São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CAPAVERDE, Tatiana. **Intersecções possíveis***: o miniconto e a série fotográfica*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto & Interação**. São Paulo: Atual, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DIONÍSIO, Ângela P. **Gêneros multimodais e multiletramento**. In: KARWOSKI, Acir M; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S.; (org). **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRA, Aparecida de J. e ORLANDO, Adreia F. **Do Letramento aos Multiletramentos:** contribuições à formação de professores(as) com vistas à questão identitária. Dissertação de Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FOTOGRAFIA. **Infoescola** Navegando e Aprendendo. Disponível em http://www.infoescola.com/artes/fotografia/. Acesso em 27/01/2016.

FOTOGRAFIA DIGITAL. **Infoescola** Navegando e Aprendendo. Disponível em http://www.infoescola.com/fotografia/fotografia-digital/. Acesso em 27/01/2016.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GUSMÃO, Maria Aparecida P. **A (re)escrita de textos**: a prática pedagógica da professora Maria. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula** – coleção na sala de aula. São Paulo: Ática, 2000.

GOTLIB, Nádia Battella, **Teoria do conto** - Coleção Princípios . 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOHLFELDT, Antônio Carlos. **Conto brasileiro contemporâneo.** 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

IMBERT, Enrique Anderson. ***Teoria y técnica del cuento***. Buenos Aires: Marymar, 1979. p. 34:

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa (2008)**. Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LEI DE DIRETRIZES E BASES. Disponível em http://www.cpt.com.br/ldb/do-ensino-medio#ixzz3yIvT8Lnz. Acesso em 25/01/2016.

LUFT: Lya. Lembro-me dele. *In:* ABROMOVICH, Fanny. (Org.) **meu professor inesquecível:** ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores. São Paulo: Gente, 1977, p. 151-9.

MANGUEL, A. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor**.** In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Org.) **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros Textuais e ensino.** Organizado por Ângela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra. 3 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36

MELLO, Cristina, **O Ensino da Literatura e a Problemática dos Géneros Literários**, Coimbra, Almedina, 1998

MESQUISTA, Antônio P. **Obras completas de Aristóteles**, 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

MONTERROSO, Augusto. El dinossaurio e outros. In: LAGMANOVICH, David (org.). **La otra mirada:** antología del microrrelato hispánico. Valencia: Menoscuatro, 2005. p. 86-90.

NERUDA, Pablo. **Confesso que Vivi** — Memórias, Difel — Difusão Editorial, Rio de Janeiro, 1978, pág. 51, traduzido por Olga Savary.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber**. Parábola Editoria, São Paulo, abril de 2010.

PAULINO, Graça [et al.]. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

POE, Edgar Allan. **Ficção Completa, poesia e ensaios**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PUC-RIO. **Certificação digital nº 0610444/CA**, disponível em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12216/12216_9. PDF, acesso em 09/02/2016.

QUEIRÓS. Bartolomeu Campos. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, J. e CONDINI, P. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista.** Rio de Janeiro: Argus, 1999, p.23-4.

ROJO, R. **Gêneros do discurso e gêneros textuais**: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D.(org.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

_____. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

ROSSI, M. H. **Imagens que falam**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SADERLICH, Maria Emília, **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa**. Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana - BA, 2006.

SILVA, J. Q. G. **Gênero discursivo e tipo textual**. Scripta 2, n. 4, 9, 87-106, 1999.

SILVA, M. O. L.; OLIVEIRA, S. S.; PEREIRA, V. A.; LIMA, M. G. S. B. **Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação**. In: Encontro De Pesquisa Em Educação, 6, 2010, Teresina. Anais eletrônicos. Teresina: UFPI, 2010. Acesso em: 26/06/2016. Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf.

SILVA, Simone B. da. **Da técnica à crítica:** contribuições dos novos letramentos para a formação de professores de língua inglesa. São Paulo. 2011. 243f. Tese. Programa de Pósgraduação em Estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SOERENSEN, Claudiana. A Profusão Temática em Mikhail Bakhtin: Dialogismo, Polifonia e Carnavalização. **Revista Travessias**, Paraná, 5 ed. 2009.

Solé, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 70.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 14. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

TOURINHO VIDAL, M. A. **Alfabetização literária:** encantos e desencantos. Artigo de conclusão de curso de Especialização em Leitura e Literatura Infanto-Juvenil. Jequié: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PLANO DE AULA 1 – DATA: 19/09/2016

ETAPA: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

OBJETIVOS		
- Inteirar-se sobre a proposta da pesquisa e os trabalhos a serem realizados.		
CONTEÚDOS		
- Apresentação da pesquisa. - Aplicação de questionário – atividade diagnóstica. - Linguagem oral: exposição de opiniões.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Explicação aos alunos do trabalho a ser desenvolvido no decorrer da unidade.	15’	Linguagem oral
-Aplicação pela professora de um questionário diagnóstico. (APÊNDICE C)	25’	Material xerografado
- Solicitação para que opinem e apresentem sugestões.	10’	Linguagem oral
AVALIAÇÃO		
- Através das manifestações dos alunos em relação à proposta e também das opiniões e sugestões apresentadas.		
REFERÊNCIAS		

APÊNDICE B

PLANO DE AULA 2 – DATA: 19/09/2016

ETAPA: APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

OBJETIVOS		
- Ler imagens de Curral Novo.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de imagens – atividade diagnóstica. - Linguagem oral: exposição de opiniões.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Dividir a classe em grupos e entregar a eles imagens instigantes do Curral Novo para leitura.	15’	Linguagem oral
- Aplicação pela professora de uma atividade de interpretação textual.	20’	Material xerografado
- Socialização das leituras pelos alunos.	15’	Linguagem oral
AVALIAÇÃO		
- Através das leituras dos alunos em relação às imagens apresentadas.		
REFERÊNCIAS		
Imagem 1 disponível em: http://ipiauonline.com.br/jequie-cemiterio-do-curral-novo-e-transformado-em-pasto/ > Acesso em 14 de agosto de 2016. **Imagem 2** disponível em: http://ba.olx.com.br/sul-da-bahia/terrenos/terreno-curral-novo-161576275 > Acesso em 14 de agosto de 2016. **Imagem 3** disponível em: http://www.blogdaresenhageral.com.br/tag/jequie/page /7/ > Acesso em 14 de agosto de 2016. **Imagem 4** disponível em: https://arymoura.wordpress.com/category/jequie/*Page/7/* > Acesso em 14 de agosto de 2016. **Imagem 5** disponível em: http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1699110-jequie-comerciante-faz-velorio-e-sepulta-seguranca-publica > Acesso em 14 de agosto de 2016. **Imagem 6** disponível em: http://www.jequiereporter.com.br/blog/2015/07/07/extracao-de-areia-continua-destruindo-o-rio-das-contas/ > Acesso em 14 de setembro de 2016.		

APÊNDICE C

PLANO DE AULA 3 – DATA: 20/09/2016

ETAPA: PRODUÇÃO INICIAL 1

OBJETIVOS		
- Ler diversos minicontos identificando suas características com base nos conhecimentos anteriores sobre estrutura e elementos do conto. - Produzir minicontos baseados nos textos lidos, na vivência de mundo e nos conhecimentos adquiridos no local onde vivem.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de minicontos: *O sapateiro e os anões* (Grimm), *A primeira só* (Marina Colasanti) e *Uma vela para Dario* (Dalton Trevisan). - Produção textual/minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Divisão da sala em grupos e distribuição de um miniconto para cada grupo.	05’	Linguagem oral.
- Solicitação para que leiam os minicontos observando as características apresentadas.	10’	Linguagem oral.
- Produção de minicontos atentando-se para as características observadas nos textos lidos.	15’	Papel, Lápis, caneta, borracha.
- Leitura dos minicontos pelos grupos.	10’	Linguagem oral.
- Discussão sobre as características apresentadas pelos alunos.	10’	Linguagem oral.
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos na produção das atividades propostas e as características apresentadas (análise extraclasse).		
REFERÊNCIAS		
- http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/historias_de_anoes. Acesso em 12/08/2016. - http://contosdetodomundo.blogspot.com.br/2005/06/primeira-s.html. Acesso em 12/08/2016. - http://www.releituras.com/daltontrevisan_dario.asp. Acesso em 12/08/2016.		

APÊNDICE D

PLANO DE AULA 4 – DATA: 20/09/2016

ETAPA: PRODUÇÃO INICIAL 2

OBJETIVOS		
- Ler, compreender e interpretar imagens. - Criar minicontos a partir das imagens lidas.		
CONTEÚDOS		
- Leitura, compreensão e interpretação de imagens do bairro Curral Novo. - Produção textual a partir de imagens: minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Distribuição de fotografias do bairro Curral Novo coladas em cartolinas coloridas e recortadas em partes. Os alunos se agruparão conforme a cor do fundo da gravura para cumprirem a tarefa de montar a imagem.	10’	Linguagem oral, cartolina, fotografias, cola, tesoura.
- Montagem das fotografias e criação de minicontos. Obs.: para essa atividade, a professora não fará nenhuma inferência, deixará que os alunos façam a leitura conforme seus entendimentos.	25’	Papel ofício, cola, lápis, caneta, borracha.
- Socialização das atividades e afixação das imagens no mural da classe.	15’	Linguagem oral.
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos nas atividades propostas e da adequação fotografia produção do gênero miniconto.		
REFERÊNCIAS		
1: Fonte: Disponível em http://blogmarcosfrahm.com/jequie-corpo-de-jovem-e-encontrado-crivado-de-balas-em-matagal-no-curral-novo/. Acesso em 14/08/2016. 2: Fonte: Imagem fotografada pela pesquisadora. 3: Fonte: Disponível em http://www.programanabocadopovo.com.br/2015/08/mais-de-800-moradias-serao-entregues-em.html. Acesso em 14/08/2016. 4: Fonte: Disponível em http://www.blogdaresenhageral.com.br/categoria/sudoeste/Page/4/ > Acesso em 15 de setembro de 2016. 5: Fonte: Imagem fotografada pela pesquisadora. 6: Fonte: Imagem fotografada pela pesquisadora.		

APÊNDICE E

PLANO DE AULA 5 – DATA: 26/09/2016

ETAPA: MÓDULO 1

OBJETIVOS		
- Inteirar-se sobre a estrutura e os elementos da narrativa do gênero miniconto. - Escrever minicontos conforme a proposta apresentada observando a estrutura e os elementos da narração.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de minicontos. - Narração / Elementos da narrativa / Partes da narrativa. - Produção textual/minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Distribuição da sala em seis grupos e entrega, para cada grupo, de um miniconto.	05’	Linguagem oral, material xerografado.
- Leitura dos textos pelos grupos.	05’	Material xerografado.
- Após as leituras pelos grupos, serão afixadas no quadro branco um quadro de papel madeira, para ser preenchido gradativamente, com as respostas de cada grupo, umas filipetas com itens referentes aos elementos e partes da narrativa, com os seguintes tópicos: narrador, tema, personagens, ação (o que aconteceu?), como aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu.	40’	Linguagem oral, quadro branco, pincel.
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos na produção das atividades propostas.		
REFERÊNCIAS		
- http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=24189. Acesso em 15/08/2016. - Fonte: http://www.acessaber.com.br/atividades/atividade-de-interpretacao-de-texto-o-medico-fantasma. Acesso em 15/08/2016. - Fonte: http://www.releituras.com/daltontrevisan_doisvelhinhos.asp. Acesso em 15/08/2016.		

APÊNDICE F

PLANO DE AULA 6 – DATA: 26/09/2016

ETAPA: MÓDULO 1

OBJETIVOS		
- Reconhecer a importância do elemento conflito para a composição do enredo da narrativa miniconto. - Escrever minicontos conforme a estrutura e os elementos da narração.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de minicontos. - Narração / Elementos da narrativa / Partes da narrativa / Conflito. - Produção textual/minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Distribuição da sala em seis grupos.	03’	Linguagem oral
- Leitura do texto Um problema difícil, de Pedro Bandeira e explanação sobre o conflito no texto narrativo.	17’	Linguagem oral
- Entrega, para cada grupo, de minicontos sem a presença do conflito e solicitar que os grupos ampliem a escrita desses minicontos atribuindo-lhes conflitos.	20’	Material xerografado, lápis, caneta, borracha.
- Socialização das atividades.	10’	Linguagem oral.
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos na produção das atividades propostas.		
REFERÊNCIAS		
- http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/problema-dificil-689865.shtml > Acesso em 07 de setembro de 2016.		

APÊNDICE G

PLANO DE AULA 7 – DATA: 27/09/2016

ETAPA: MÓDULO 2

OBJETIVOS		
- Reconhecer que no desfecho da narração geralmente ocorre a solução do conflito. - Compreender que no desfecho, um fato ou uma situação muda o modo de pensar ou agir da personagem. - Encontrar em minicontos, o desfecho da narrativa. - Escrever minicontos conforme a estrutura e os elementos da narração.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de minicontos. - Narração / Elementos da narrativa / Partes da narrativa. - Produção textual/minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Explanação sobre o elemento da narrativa desfecho, através de leitura do miniconto Velhos fantasmas de L.F.Riesemberg	15’	Linguagem oral, material Xerografado
- Distribuição da sala em seis grupos e entrega, para cada grupo, dos minicontos A Bela Adormecida, A roupa nova do rei, O menino e o padre, O assalto, O médico fantasma e Dois velhinhos, lidos anteriormente em classe.	02’	Linguagem oral
- Após leitura, os grupos destacarão o desfecho das narrativas reconhecendo-os como solução ou revelação.	23’	Material xerografado
- Apresentação oral do exercício pelos grupos.	10’	Linguagem oral
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos na produção das atividades propostas.		
REFERÊNCIAS		
- http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/bruxas-nao-existem-689866.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.		

APÊNDICE H

PLANO DE AULA 8 – DATA: 27/09/2016

ETAPA: MÓDULO 2

OBJETIVOS		
- Escrever minicontos conforme a estrutura e os elementos da narração.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de minicontos (inícios) - Narração / Elementos da narrativa / Partes da narrativa (enfoque no desfecho) - Produção textual/minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Distribuição da sala em seis grupos e entrega, para cada grupo, de inícios dos contos Amplexo, de Marcelo Alencar; Aprendizagem, de Flávio Carneiro; Moinho de sonhos, de João Anzanello Carrascoza; O caso do espelho, conto popular recontado por Ricardo Azevedo; O primeiro beijo, de Clarice Lispector e A cartomante, de Machado de Assis.	05’	Linguagem oral, material Xerografado
- Solicitação para quo os grupos deem continuidade à narrativa, a partir do início do conto recebido.	35’	Material xerografado
- Apresentação oral do exercício pelos grupos.	10’	Linguagem oral
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos na produção das atividades propostas.		
REFERÊNCIAS		
- Http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/amplexo-634320.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016. - http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/aprendizagem-634175.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016. - http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/moinho-sonhos-634183.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016. - http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/caso-espelho-634284.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016. - http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-2/primeiro-beijo-634373.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016. - http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-2/cartomante-634363.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.		

APÊNDICE I

PLANO DE AULA 9 – DATA: 28/09/2016

ETAPA: MÓDULO 3

OBJETIVOS		
- Escrever minicontos conforme a estrutura e os elementos da narração.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de miniconto. - Narração / Elementos da narrativa / Partes da narrativa (enfoque no tempo e no espaço) - Produção textual/minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Distribuição da sala em seis grupos e entrega, para cada grupo, do miniconto A velha contrabandista de, Stanislaw Ponte Preta.	05’	Linguagem oral, material Xerografado
- Explanação oral sobre o tempo e o espaço na narrativa mediante leitura do texto pela professora.	15’	Linguagem oral
- Após explicação, os alunos responderão ao exercício proposto no material (atividade A velha contrabandista) sobre o tempo e o espaço na narração	20’	Material xerografado
- Apresentação oral do exercício pelos grupos.	10’	Linguagem oral
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos na produção das atividades propostas.		
REFERÊNCIAS		
- http://leuzaaf.blogspot.com.br/p/contos-interessantes.html > Acesso em 08 de setembro de 2016.		

APÊNDICE J

PLANO DE AULA 10 – DATA: 28/09/2016

ETAPA: MÓDULO 3

OBJETIVOS		
- Escrever minicontos conforme a estrutura e os elementos da narração.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de imagens. - Narração / Elementos da narrativa / Partes da narrativa (enfoque no tempo e no espaço) - Produção textual/minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Distribuição da sala em seis grupos e entrega, para cada grupo, de atividade sobre leitura de imagens e criação de minicontos com ênfase no tempo e no espaço da narrativa	30’	Linguagem oral, material Xerografado
- Socialização dos minicontos pelas equipes.	15’	Linguagem oral
- Comentário pela professora sobre a tarefa concluída.	05’	Linguagem oral
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos na produção das atividades propostas.		
REFERÊNCIAS		
- http://www.sitedeimagens.com/imagens-para-whatsapp/imagens-o-gritol > Acesso em 08 de setembro de 2016. - http://blog.emania.com.br/aplicativos-de-fotografia-prisma/ > Acesso em 08 de setembro de 2016.		

APÊNDICE K

PLANO DE AULA 11 – DATA: 03/10/2016

ETAPA: PRODUÇÃO FINAL 1

OBJETIVOS		
- Escrever minicontos conforme a estrutura e os elementos da narração, a partir de leitura de fotografias instigantes do bairro Curral Novo.		
CONTEÚDOS		
- Leitura de imagens. - Narração / Elementos da narrativa / Partes da narrativa - Produção textual/minicontos.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Distribuição da sala em seis grupos e entrega, para cada grupo, das mesmas fotografias do Curral Novo trabalhadas na produção inicial para que os alunos escrevam minicontos a partir dessas imagens e dos estudos sobre texto narrativo.	30’	Linguagem oral, material Xerografado
- Socialização dos minicontos pelas equipes.	15’	Linguagem oral
- Recolhimento da tarefa para análise.	05’	Linguagem oral
AVALIAÇÃO		
- Através do empenho dos alunos na produção das atividades propostas. - Através da produção dos trabalhos observando se há associação entre fotografias e textos produzidos e também outros critérios de correção linguística.		
REFERÊNCIAS		
- Fonte: http://blogmarcosfrahm.com/jequie-corpo-de-jovem-e-encontrado-crivado-de-balas-em-matagal-no-curral-novo/. Acesso em 14/08/2016. - Fonte: http://www.jequieeregiao.com.br/blog/images/stories/2014/novembro/jx10d.jpg. Acesso em 14/08/2016. - Fonte: http://www.programanabocadopovo.com.br/2015/08/mais-de-800-moradias-serao-entregues-em.html. Acesso em 14/08/2016. - Fonte: http://www.pedal.com.br/copa-beast-de-mtb-xco-2014-2-jequie-confira-fotos_texto8508.html. Acesso em 14/08/2016. - Fonte: http://jequie.navegarte.org/?page=noticia&id=655. Acesso em 14/08/2016.		

APÊNDICE L

PLANO DE AULA 12 – DATA: 03/10/2016

ETAPA: PRODUÇÃO FINAL 2

OBJETIVOS		
- Analisar os textos produzidos e fazer a reescrita observando critérios textuais, linguísticos e também a criatividade na elaboração dos minicontos.		
CONTEÚDOS		
- Leitura dos textos produzidos. - Reescrita textual.		
PROCEDIMENTOS	**TEMPO**	**RECURSOS**
- Divisão da turma em grupos, os mesmo da atividade 11.	05’	Linguagem oral
- Entrega aos grupos da atividade a ser realizada com as orientações: 1) ler os textos produzidos; 2) discutir as questões que foram apontadas pela professora; 2) reescrita dos textos.	30’	Linguagem oral, material xerografado
- Apresentação dos trabalhos produzidos; - Discussão sobre os trabalhos realizados; - Exposição dos trabalhos - OBS.: Os textos serão recolhidos para digitação e organização em painéis. Depois serão expostos na escola em momento posterior a ser agendado.	15’	Linguagem oral
AVALIAÇÃO		
- Através da reescrita dos trabalhos e da repercussão do trabalho após exposição.		
REFERÊNCIAS		

APÊNDICE M

ATIVIDADE 1 - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. Você gosta de ler e de escrever? ( ) Sim ( ) Não

2. Você prefere ler textos: ( ) Curtos ( ) Longos

3. E de ler contos, você gosta? ( ) Sim ( ) Não
Por quê? _____

4. Com qual ou com quais destes tipos de conto você se identifica?
( ) O conto maravilhoso. ( ) O conto de enigma.
( ) O conto de mistério. ( ) O conto de terror.

5. Em relação aos seus conhecimentos sobre a **narração**, assinale quantas alternativas julgar corretas:
( ) Narrar é contar um fato.
( ) Em toda narração há começo, meio e fim, o que pode ser chamado de tempo da narrativa.
( ) Uma narração está completa quando há tempo, espaço, enredo, personagens, narrador, introdução, trama, clímax, desenlace.
( ) As personagens têm muita importância na construção de um texto narrativo.
( ) Desfecho é a solução do conflito.

6. Com certeza, você conhece vários contos, principalmente os maravilhosos como Cinderela, A Bela adormecida, Rapunzel e muitos outros. Com base no que você sabe sobre contos, assinale a alternativa correta.
( ) O conto apresenta uma narrativa sequencial em quadros por meio da linguagem verbal e visual. A fala e/ou o pensamento das personagens vêm geralmente em balões, escritos com letras de fôrma, maiúsculas, desenhadas à mão.
( ) O conto apresenta, geralmente no início, uma expressão que indica tempo indeterminado. A história se inicia em uma situação de tranquilidade, quebrada por uma perda ou uma falta. Apresenta personagens e um problema a ser resolvido.

7. Ainda com base em seus estudos sobre contos, deduza:
( ) Minicontos são contos pequenos, escritos em até duas páginas.
( ) Minicontos são contos escritos somente para internet.

8. Os meios digitais da atualidade como o computador, o *tablet*, o *smatphone* são suportes para leitura. Você costuma ler em algum deles?
( ) Sim ( ) Não

9. Se sim, com que frequência? ( ) Sempre ( ) Às vezes

10. Você participa de algum/alguns destes ambientes sociais? Assinale.
( ) *facebook* ( ) *instagram* ( ) *twitter* ( ) *whatsapp* ( ) outro
( ) não participo de redes sociais

11. É certo que essas redes sociais são usadas para postagens de mensagens, fotografias, conversas, vídeos, mas quando alguém envia textos, você costuma lê-los? Por quê?

_____

12. O que acha das postagens que recebe? Você também costuma enviar *posts*? Como são as mensagens que você envia?

_____

_____

13. Observe atentamente a fotografia abaixo.

Fonte: Imagem fotografada pela pesquisadora.

a) Você já viu essa paisagem? ( ) Sim ( ) Não

b) Em que parte do dia essa foto foi tirada? ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite
Por que você sabe disso?

_____

_____

c) Quais elementos compõem essa fotografia?

_____

_____

d) Essa paisagem pertence: ( ) zona rural ( ) zona urbana.

e) Imagine-se nesse lugar. O que ele desperta em você? Escreva seus sentimentos em poucas linhas.

_____

_____

_____

_____

APÊNDICE N

ATIVIDADE 2 – INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS IMAGÉTICOS

GRUPO 1

Observem atentamente essa imagem. (FIGURA 11, p. 68)

1. O que vocês veem nessa fotografia?

_____

2. Levantem hipóteses: Com que intenção ela foi registrada?

_____

3. Onde essa imagem foi veiculada? Por que vocês sabem disso?

_____

4. Vocês já viram algum lugar semelhante a esse? Onde?

_____

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada e quais as consequências para o meio ambiente de uma exagerada atividade extrativista.

1	
2	
3	
4	
5	
6	

APÊNDICE O

GRUPO 2

Observem atentamente essa imagem. (FIGURA 13, p. 69)

1. O que vocês veem?

_____

2. Onde essa fotografia foi veiculada?

_____

3. Como vocês sabem disso?

_____

4. Com qual finalidade ela foi registrada?

_____

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada e quais consequências um animal na pista pode causar.

1	
2	
3	
4	
5	
6	

APÊNDICE P

GRUPO 3

Observem atentamente essa imagem. (FIGURA 15, p. 70)

1. Há uma situação inadequada. Qual é ela?

_____

2. Vocês acham que realmente está acontecendo um velório nesse estabelecimento? Por quê?

_____

3. Levantem hipóteses: com qual finalidade o proprietário armou um velório na porta de seu estabelecimento?

_____

4. Por que vocês pensam assim?

_____

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	
2	
3	
4	
5	
6	

APÊNDICE Q

GRUPO 4

Observem atentamente essa fotografia. (FIGURA 17, p. 71)

1. O texto retrata uma situação que não é comum no dia a dia. Que situação é essa? O que ela provoca?

_____

2. Qual a relação entre a imagem e a parte verbal logo abaixo dela?

_____

3. Por que essa imagem causa consternação em quem a vê?

_____

4. Qual é a finalidade dessa fotografia?

_____

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	
2	
3	
4	
5	
6	

APÊNDICE R

GRUPO 5

Observem atentamente essa fotografia. (FIGURA 19, p. 72)

1. Levantem hipótese: para qual fim essa foto foi tirada?

_____

2. Como vocês chegaram a essa conclusão?

_____

3. Vejam que há bastante mato e sujeira nesse terreno. Para a finalidade a que se destina essa fotografia, retratá-la realmente importa? Justifiquem.

_____

4. Conforme o site O eco[1] ,"Crime é uma violação ao direito. Assim, será um crime ambiental todo e qualquer dano ou prejuízo causado aos elementos que compõem o ambiente: flora, fauna, recursos naturais e o patrimônio cultural". Vocês acham que há crime ambiental nessa fotografia? Por quê?

_____

5. Escrevam cinco palavras que caracterizem essa imagem.

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	
2	
3	
4	
5	

1. http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28289-entenda-a-lei-de-crimes-ambientais/ > Acesso em 14 de agosto de 2016.

APÊNDICE S

GRUPO 6

Observem atentamente essa fotografia. (FIGURA 21, p. 73)

1. O que vocês acham que aconteceu?

_____

2. Como vocês chegaram a essa conclusão?

_____

3. Por que essa imagem causa consternação em quem a vê?

_____

4. Qual é a finalidade dessa fotografia?

_____

5. Escrevam 10 palavras que caracterizem essa imagem.

6. Em poucas linhas, descrevam a cena fotografada.

1	
2	
3	
4	
5	
6	

ANEXOS

ANEXO A

O SAPATEIRO E OS ANÕES (Grimm)[1]

Houve, uma vez, um sapateiro que, não por sua culpa, ficara tão pobre que só lhe restava couro para um único par de sapatos. À noite, cortou o couro para fazer os sapatos no dia seguinte; e, como tinha a consciência tranquila, deitou-se na cama, encomendou-se ao bom Deus e dormiu sossegadamente.

Pela manhã, após recitar as orações, dirigiu-se à mesa para trabalhar; mas deparou com os sapatos já prontos, ele admirou-se e não sabia o que pensar a este respeito. Pegou nas mãos os sapatos para observá-los mais de perto e viu que estavam tão perfeitos que não havia um único ponto errado; eram, realmente, uma obra-prima.

Logo depois, chegou um comprador; os sapatos lhe agradaram tanto, que pagou muito acima do preço estipulado. Com esse dinheiro, o sapateiro pôde comprar couro para dois pares de sapatos.

À noite, cortou o couro para fazê-los, com a melhor disposição, no dia seguinte; mas não foi preciso. Quando se levantou pela manhã, os sapatos já estavam prontos, e não faltaram compradores que lhe deram tanto dinheiro, que lhe permitiu comprar couro para quatro pares de sapatos.

De manhã cedo, ao levantar-se, encontrou prontos também esses; e assim prosseguiam as coisas: o que ele cortava à noite, encontrava feito de manhã; dessa maneira melhorou muito de situação e acabou ficando abastado.

Ora, aconteceu que uma noite, pouco antes do Natal, o sapateiro preparou e deixou cortados os sapatos. Antes, porém, de ir para a cama, disse à mulher: - Que tal se ficássemos acordados esta noite, para ver quem é que nos auxilia tão generosamente?

A mulher concordou alegremente; acendeu uma luz; depois esconderam-se atrás das roupas dependuradas nos centos da sala, e ficaram aguardando a lentamente.

---

1 http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/historias_de_anoes. Acesso em 12/08/2016.

Ao dar meia-noite, chegaram dois graciosos gnomos completamente nuzinhos; sentaram-se à mesa de trabalho, pegaram o couro preparado, e com seus dedinhos ágeis puseram-se a furar, a coser e a bater, com tanta rapidez, que o sapateiro não conseguia despregar os olhos, de admiração.

Não pararam enquanto não ficou tudo pronto; depois deixaram os sapatos acabadinhos sobre a mesa e, rápidos, saltaram saltitando pela porta fora.

Na manhã seguinte, a mulher disse: - Os gnomos nos enriqueceram; devemos demonstrar-lhes nossa gratidão; eles andam por aí sem nada no corpo e devem ficar gelados de frio. Queres saber uma coisa? Vou coser para eles uma camisinha, um gibão, um colete e um par de calçõezinhos; farei, também, um par de meias para cada um; tu podes acrescentar os sapatinhos.

O marido respondeu: - Alegro-me muito com tua ideia.

E à noite, quando tudo ficou pronto, colocaram os presentes no lugar do trabalho cortado e depois esconderam-se para ver que cara fariam os gnomos.

À meia-noite, chegaram eles; pulando, dirigiram-se à mesa para trabalhar mas, ao invés do couro, encontraram todas aquelas graciosas roupinhas. Primeiro admiraram-se muito, depois manifestaram grande alegria. Com uma rapidez incrível vestiram-se, alisaram as roupas no corpo e puseram-se a cantar: - Nós somos rapazes elegantes e faceiros.

Para que sermos ainda sapateiros? E divertiam-se dando cabriolas, dançando e pulando sobre os bancos e as cadeiras. Por fim, saíram, dançando, pela porta fora.

Desde aí não mais voltaram, mas o sapateiro passou muito bem, enquanto viveu, e teve sempre muita sorte em tudo quanto empreendia.

ANEXO B

UMA VELA PARA DARIO (Dalton Trevisan)[2]

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se na parede de uma casa. Por ela

---

2 http://www.releituras.com/daltontrevisan_dario.asp. Acesso em 12/08/2016.

escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta a outra, as crianças foram despertadas e de pijama acudiram na janela. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado na parede - não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delicias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados - com vários objetos - de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade; sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identifica-lo — os bolsos vazios. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio quando vivo – só podia destacar umedecida com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabecão.

A última boca repetiu — Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar. Dario levara duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. Apenas um homem morto e a multidão se espalhou, as mesas do café ficaram vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó e o dedo sem a aliança. A vela tinha queimado até a metade e apagou-se às primeiras gotas da chuva, que voltava a cair.

ANEXO C

A PRIMEIRA SÓ (Marina Colasanti)[3]

Era linda, era única. Era filha de rei. Mas de que adiantava ser princesa se não tinha com quem brincar? Sozinha, no palácio, chorava e chorava. Não queria saber de bonecas, não queria saber de brinquedos. Queria uma amiga para gostar.

De noite o rei ouvia os soluços da filha. De que adiantava a coroa se a filha da gente chora à noite? Decidiu acabar com tanta tristeza. Chamou o vidraceiro, chamou o moldureiro. E em segredo mandou fazer o maior espelho do reino. E em silêncio mandou colocar o espelho ao pé da cama da filha que dormia.

Quando a princesa acordou, já não estava sozinha. Uma menina linda e única olhava para ela, os cabelos ainda desfeitos do sono. Rápido saltaram as duas da cama. Rápido chegaram perto e ficaram se encontrando. Uma sorriu e deu bom dia.

---

3 http://contosdetodomundo.blogspot.com.br/2005/06/primeira-s.html. Acesso em 12/08/2016.

A outra deu bom dia sorrindo.

- Engraçado – pensou uma – a outra é canhota. E riram as duas.

Riram muito depois. Felizes juntas, felizes iguais. A brincadeira de uma era a graça da outra. O salto de uma era o pulo da outra. E quando uma estava cansada, a outra dormia.

O rei, encantado com tanta alegria, mandou fazer brinquedos novos, que entregou à filha numa cesta. Bichos, bonecas, casinhas e uma bola de ouro. A bola no fundo da cesta. Porém tão brilhante, que foi o primeiro presente que escolheram.

Rolaram com ela no tapete, lançaram na cama atiraram para o alto. Mas quando a princesa resolveu jogá-la nas mãos da amiga, a bola estilhaçou jogo e amizade.

Uma moldura vazia, cacos de espelho no chão.

A tristeza pesou nos olhos da única filha do rei. Abaixou a cabeça para chorar. A lágrima inchou, já ia cair, quando a princesa viu o rosto que tanto amava. Não um só rosto de amiga, mas tantos rostos de tantas amigas. Não na lágrima que logo caiu mas nos cacos que cobriam o chão.

- Engraçado são canhotas – pensou. E riram.

Riram por algum tempo depois. Era diferente brincar com tantas amigas. Agora podia escolher. Um dia escolheu uma e logo se cansou. No dia seguinte preferiu outra, e esqueceu-se dela logo em seguida. Depois outra e outra, até achar que todas eram poucas. Então pegou uma, jogou contra a parede e fez duas. Cansou das duas, pisou com o sapato e fez quatro. Não achou mais graça nas quatro, quebrou com o martelo e fez oito. Irritou-se com as oito partiu com uma pedra e fez doze.

Mas duas eram menores do que uma, quatro menores do que duas, oito menores do que quatro, doze menores do que oito. Menores cada vez menores.

Tão menores que não cabiam em si, pedaços de amigas com as quais não se podia brincar. Um olho, um sorriso, um pedaço de si. Depois, nem isso, pó brilhante de amigas espalhado pelo chão.

Sozinha outra vez a filha do rei. Chorava. Nem sei.

Não queria saber das bonecas, não queria saber dos brinquedos.

Saiu do palácio e foi correr no jardim para cansar a tristeza.

Correu, correu, e a tristeza continuava com ela. Correu pelo bosque, correu pelo prado.

Parou à beira do lago.

No reflexo da água a amiga esperava por ela.

Mas a princesa não queria mais uma única amiga, queria tantas, queria todas, aquelas que tinha tido e as novas que encontraria. Soprou na água. A amiga encrespou-se, mas continuou sendo uma.

Então a linda filha do rei atirou-se na água de braços abertos, estilhaçando o espelho em tantos cacos, tantas amigas que foram afundando com ela, sumindo nas pequenas ondas com que o lago arrumava sua superfície.

ANEXO D

A BELA ADORMECIDA (Charles Perrault)[4]

Na festa do batismo da tão desejada princesa, foram convidadas 12 fadas e como madrinhas desta ofereceram-lhe como presentes a beleza, o talento musical, a inteligência, entre outros valores apreciados.

No entanto, uma velha fada que foi negligenciada, porque o rei apenas tinha doze pratos de ouro, interrompeu o evento e lançou-lhe como vingança um feitiço cujo resultado seria, ao picar o dedo num fuso, a morte quando a princesa atingisse a idade adulta. Porém restava o presente da 12ª fada. Assim sendo, esta suavizou a morte, transformando o maldição da princesa para cem anos de sono profundo, até que seja despertada pelo primeiro beijo oriundo de um amor verdadeiro.

O rei proibiu imediatamente qualquer tipo de fiação em todo o reino, mas em vão. Quando a princesa contava 15 anos, descobriu uma sala escondida num torreão do castelo onde encontrou uma velha a fiar. Curiosa com o fuso pediu-lhe para a deixar fiar, picando-se nesse mesmo instante. Sentiu então o grande sono que lhe foi destinado e, ao adormecer, todas as criaturas presentes no castelo adormeceram juntamente, sob o novo feitiço da 12ª fada que tinha voltado entretanto. Com o tempo, cresceu uma floresta de urzes em torno do castelo adormecido, isolando-o do mundo exterior e dando uma morte fatal e dolorosa nos espinhos a quem tentasse entrar.

---

4 Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=24189 > Acesso em 15 de agosto de 2016

Assim muitos príncipes morreram em busca da tal Bela Adormecida cuja beleza era tão falada.

Após cem anos decorridos, um príncipe corajoso enfrentou a floresta de espinhos, mesmo sabendo da morte de outros tantos, e conseguiu entrar no castelo. Quando encontrou o quarto onde a princesa dormia, estremeceu de tal maneira ao ver a sua beleza, que caiu de joelhos diante o seu leito. Ele beijou-a e ela acordou finalmente. Então todos no castelo acordaram e continuaram onde haviam parado à cem anos atrás. O conto termina aqui, na boda do príncipe, com a famosa frase e viveram felizes até ao fim dos seus dias.

ANEXO E

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR (Hans Christian Andersen)[5]

Um alfaiate pobre, de terras distantes, diz a um determinado rei que poderia fazer uma roupa muito bonita e cara, mas que apenas as pessoas mais inteligentes e astutas poderiam vê-la. O rei, muito vaidoso, gostou da proposta e pediu ao alfaiate que fizesse uma roupa dessas para ele.

O alfaiate recebeu vários baús cheios de riquezas, rolos de linha de ouro, seda e outros materiais raros e exóticos, exigidos por ele para a confecção das roupas. Ele guardou todos os tesouros e ficou em seu tear, fingindo tecer fios invisíveis, que todas as pessoas alegavam ver, para não parecerem estúpidas.

Até que um dia, o rei se cansou de esperar, e ele e seus ministros quiseram ver o progresso do alfaiate. Quando o falso tecelão mostrou a mesa de trabalho vazia, o rei exclamou: "Que lindas vestes! Você fez um trabalho magnífico!", embora não visse nada além de uma simples mesa, pois dizer que nada via seria admitir na frente de seus súditos que não tinha a capacidade necessária para ser rei. Os nobres ao redor soltaram falsos suspiros de admiração pelo trabalho, nenhum deles querendo que achassem que era incompetente ou incapaz. O alfaiate garantiu que as roupas logo estariam completas, e o rei resolveu marcar uma grande parada na cidade para que

---

5 http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=24189 > Acesso em 15 de agosto de 2016.

ele exibisse as vestes especiais. A única pessoa a desmascarar a farsa foi uma criança, que gritou:

- O rei está nu!

O grito é absorvido por todos. O Imperador se encolhe, suspeitando a afirmação é verdadeira, mas se mantém orgulhosamente e continua a procissão.

ANEXO F

O MENINO E O PADRE - CONTO REGIONAL DO NORDESTE
(Autor Desconhecido)[6]

Um padre andava pelo sertão, e como estava com muita sede, aproximou-se duma cabana e chamou por alguém de dentro. Veio então lhe atender um menino muito mirrado.

- Bom dia meu filho, você não tem por aí uma aguinha aqui pro padre?

- Água tem não senhor, aqui só tem um pote cheio de garapa de açúcar! Se o senhor quiser... - disse o menino.

- Serve, vá buscar. - pediu-lhe o padre.

E o menino trouxe a garapa dentro de uma cabaça. O padre bebeu bastante e o menino ofereceu mais. Meio desconfiado, mas como estava com muita sede o padre aceitou. Depois de beber, o padre curioso perguntou ao menino:

- Me diga uma coisa, sua mãe não vai brigar com você por causa dessa garapa?

- Briga não senhor. Ela não quer mais essa garapa, porque tinha uma barata morta dentro do pote.

Surpreso e revoltado, o padre atira a cabaça no chão e esta se quebra em mil pedaços. E furioso ele exclama:

- Moleque danado, por que não me avisou antes?

O menino olhou desesperado para o padre, e então disse em tom de lamento:

- Agora sim eu vou levar uma surra das grandes; o senhor acaba de quebrar a cabacinha de vovó fazer xixi dentro!

---

6 http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=24189 > Acesso em 15 de agosto de 2016.

ANEXO G

O ASSALTO (Carlos Drumond de Andrade)[7]

A casa luxuosa no Leblon é guardada por um molosso de feia catadura, que dorme de olhos abertos, ou talvez nem durma, de tão vigilante. Por isso, a família vive tranquila, e nunca se teve notícia de assalto a residência tão protegida.

Até a semana passada. Na noite de quinta-feira, um homem conseguiu abrir o pesado portão de ferro e penetrar no jardim. Ia fazer o mesmo com a porta da casa, quando o cachorro, que muito de astúcia o deixara chegar até lá, para acender-lhe o clarão de esperança e depois arrancar-lhe toda ilusão, avançou contra ele, abocanhando-lhe a perna esquerda. O ladrão quis sacar do revólver, mas não teve tempo para isto. Caindo ao chão, sob as patas do inimigo, suplicou-lhe com os olhos que o deixasse viver, e com a boca prometeu que nunca mais tentaria assaltar aquela casa. Falou em voz baixa, para não despertar os moradores, temendo que se agravasse a situação. O animal pareceu compreender a súplica do ladrão, e deixou-o sair em estado deplorável.

No jardim ficou um pedaço da calça. No dia seguinte, a empregada não entendeu bem por que uma voz. Pelo telefone, disse que era da Saúde Pública e indagou se o cão era vacinado. Nesse momento o cão estava junto da doméstica, e abanou o rabo, afirmativamente.

ANEXO H

O MÉDICO-FANTASMA (Heloísa Prieto)[8]

Esta história tem sido contada de pai para filho na cidade de Belém do Pará. Tudo começou numa noite de lua cheia de um sábado de verão. Dois garotos conversavam sentados na varanda da casa de um deles.

---

7 http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=24189 > Acesso em 15 de agosto de 2016.
8 http://www.acessaber.com.br/atividades/atividade-de-interpretacao-de-texto-o-medico-fantasma > Acesso em 15 de agosto de 2016.

– Você acredita em fantasma?- perguntou o mais novo.

– Eu não!- disse o outro.

– Acredita sim!- insistiu o mais novo.

– Pode apostar que não – replicou o outro.

– Tudo bem. Aposto minha bola de futebol que você não tem coragem de entrar no cemitério à noite.

– Ah, é?- disse o garoto que fora desafiado. – Pois então vamos já para o cemitério, que vou provar minha coragem.

Assim, os dois garotos foram até a rua do cemitério. O portão estava fechado. O silêncio era profundo. Estava tão escuro… Eles começaram a sentir medo.

Para ganhar a aposta, era preciso atravessar a rua e bater a mão no portão do cemitério. O garoto que tinha topado o desafio correu. Parou na frente do portão e começou a fazer caretas para o amigo. Depois se encostou no portão e tentou bater a mão nele. Foi quando percebeu que a camiseta estava presa.

– Socorro! Alguém me ajude!- ele gritou, desmaiando em seguida.

Nisso, apareceu um velhinho vindo do fundo do cemitério, abriu o portão e chamou o outro menino.

– Seu amigo prendeu a manga da camisa no portão e desmaiou de medo. Coitadinho pensou que algum fantasma o estivesse segurando.

O garoto reparou que o velhinho era muito magro, quase transparente.

– Obrigado. Como é que o senhor se chama?

– Eu sou o médico daqui. Vou acordar seu amigo.

O velhinho passou a mão na cabeça do menino desmaiado e ele despertou no mesmo instante.

– Vão para casa meus filhos- ele disse. – Já passou da hora de dormir.

No dia seguinte, os meninos foram procurar o velhinho para agradecer-lhe a ajuda. Mas não o encontraram, nem no cemitério, nem em lugar nenhum. E foi assim que ambos perderam o medo de fantasma, quando perceberam que nem todos os seres misteriosos fazem o mal. Pelo contrário, podem até ajudar. Como aquele médico, que nunca mais apareceu.

ANEXO I

DOIS VELHINHOS (Dalton Trevisan)[9]

Dois pobres inválidos, bem velhinhos, esquecidos numa cela de asilo.

Ao lado da janela, retorcendo os aleijões e esticando a cabeça, apenas um podia olhar lá fora.

Junto à porta, no fundo da cama, o outro espiava a parede úmida, o crucifixo negro, as moscas no fio de luz. Com inveja, perguntava o que acontecia. Deslumbrado, anunciava o primeiro:

— Um cachorro ergue a perninha no poste.

Mais tarde:

— Uma menina de vestido branco pulando corda.

Ou ainda:

— Agora é um enterro de luxo.

Sem nada ver, o amigo remordia-se no seu canto. O mais velho acabou morrendo, para alegria do segundo, instalado afinal debaixo da janela.

Não dormiu, antegozando a manhã. Bem desconfiava que o outro não revelava tudo.

Cochilou um instante — era dia. Sentou-se na cama, com dores espichou o pescoço: entre os muros em ruína, ali no beco, um monte de lixo.

ANEXO J

UM PROBLEMA DIFÍCIL (Pedro Bandeira)[10]

Era um problema dos grandes. A turminha reuniu-se para discuti-lo e Xexéu voltou para casa preocupado. Por mais que pensasse, não atinava com uma solução. Afinal, o que poderia ele fazer para resolver aquilo? Era apenas um menino!

Xexéu decidiu falar com o pai e explicar direitinho o que estava acontecendo.

---

9 http://www.releituras.com/daltontrevisan_doisvelhinhos.asp > Acesso em 15 de agosto de 2016.
10 http://www.acessaber.com.br/atividades/atividade-de-interpretacao-de-texto-o-medico-fantasma > Acesso em 15 de agosto de 2016.

O pai ouviu calado, muito sério, compreendendo a gravidade da questão. Depois que o garoto saiu da sala, o pai pensou um longo tempo. Era mesmo preciso enfrentar o problema. Não estava em suas mãos, porém, resolver um caso tão difícil.

Procurou o guarda do quarteirão, um sujeito muito amigo que já era conhecido de todos e costumava sempre dar uma paradinha para aceitar um cafezinho oferecido por algum dos moradores.

O guarda ouviu com a maior das atenções. Correu depois para a delegacia e expôs ao delegado tudo o que estava acontecendo.

O delegado balançou a cabeça, concordando. Sim, alguma coisa precisava ser feita, e logo! Na mesma hora, o delegado passou a mão no telefone e ligou para um vereador, que costumava sensibilizar-se com os problemas da comunidade.

Do outro lado da linha, o vereador ouviu sem interromper um só instante. Foi para a prefeitura e pediu uma audiência ao prefeito. Contou tudo, tintim por tintim. O prefeito ouviu todos os tintins e foi procurar um deputado estadual do mesmo partido para contar o que havia.

O deputado estadual não era desses políticos que só se lembram dos problemas da comunidade na hora de pedir votos. Ligou para um deputado federal, pedindo uma providência urgente. O deputado federal ligou para o governador do estado, que interrompeu uma conferência para ouvi-lo.

O problema era mesmo grave, e o governador voou até Brasília para pedir uma audiência ao ministro.

O ministro ouviu tudinho e, como já tinha reunião marcada com o presidente, aproveitou e relatou-lhe o problema.

O presidente compreendeu a gravidade da situação e convocou uma reunião ministerial. O assunto foi debatido e, depois de ouvir todos os argumentos, o presidente baixou um decreto para resolver a questão de uma vez por todas.

Aliviado, o ministro procurou o governador e contou-lhe a solução. O governador então ligou para o deputado federal, que ficou muito satisfeito. Falou com o deputado estadual, que, na mesma hora, contou tudo para o prefeito. O prefeito mandou chamar o vereador e mostrou-lhe que a solução já tinha sido encontrada.

O vereador foi até a delegacia e disse a providência ao delegado. O delegado, contente com aquilo, chamou o guarda e expôs a solução do problema. O guarda, na mesma hora, voltou para a casa do pai do Xexéu e, depois de aceitar um café, relatou-lhe satisfeito que o problema estava resolvido.

O pai do Xexéu ficou alegríssimo e chamou o filho.

Depois de ouvir tudo, o menino arregalou os olhos:

- Aquele problema? Ora, papai, a gente já resolveu há muito tempo!

ANEXO K

VELHOS FANTASMAS (L.F.Riesemberg)[11]

Em um empoeirado sótão, os fantasmas discutiam uma forma de assombrar seu casarão para afugentar os novos moradores. “Há uma semana esses vivos se mudaram, e nem perceberam que moramos aqui. Vocês nada aprenderam em todos esses séculos?” – perguntou o mais velho do grupo.

“Acho que estão ocupados com a mudança, senhor, e não tiveram tempo de prestar atenção” – disse outro espírito, otimista.

Um terceiro fantasma manifestou-se: “Bem, acho que é hora de tocar um pouco de piano à noite. Quando eles virem as teclas se movendo sozinhas, vão fugir correndo”.

"O que? Você acha que já não tentei isso?” – perguntou um pequeno fantasma que saiu do baú. “Na noite passada toquei todos os Noturnos de Chopin, e você pensa que eles ouviram? O marido saiu para trabalhar à noite. A mulher tomou sedativo e não ouviu uma só nota do meu concerto. E o filho deles passou a madrugada acordado no quarto, na frente do computador, com fones de ouvido!”.

Pensativo, o fantasmagórico chefão quis saber o que mais já fora tentado. Uma entidade levantou timidamente o dedo e passou a relatar.

"Como de hábito, ocupei-me da biblioteca. Abri e fechei as gavetas, folheei os livros, rabisquei o quadro negro, tudo como dita o costume”.

“E que resultados obteve? Deixou alguém em pânico?”.

"Infelizmente, ninguém adentrou lá ainda. Creio que não gostam de ler”.

“Mas era só o que me faltava!” – gritou o velho. “E você aí?” – apontou para

---

11 http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/bruxas-nao-existem-689866.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.

outro desencarnado que participava da assembleia. “O que fez para ajudar?”. O jovem espectro, desligado do mundo dos vivos há menos tempo que seus companheiros, engoliu em seco, e disse:

“Me perdoe a franqueza, mas acho que estamos encrencados. Mesmo tentando os meios mais avançados de assombração, não tenho conseguido nada. Já cheguei a aparecer na tela do computador do rapaz e lhe pregar um susto com a careta mais sombria que consegui, mas o máximo que aconteceu depois foi ele rir, dizendo que já tinha caído nesse truque antes”.

Um desânimo começava a contagiar a todos, até que um deles sugeriu:

“E se juntássemos as nossas economias de ectoplasma e materializássemos um de nós? Nunca falha!”. O que foi respondido por outra visagem:

“Aquilo já está com a validade vencida! Além do mais, se eles filmarem uma aparição dessas vão colocar as imagens na tal internet, e daí sim que nosso sossego termina de vez”.

“Então o jeito é ficar com eles. Este sótão até que é grande”.

“Pode esquecer! Já ouvi que vão reformar e transformar isto aqui em um estúdio de gravação de músicas”.

“Oh, não daquelas músicas que o menino ouve, por favor!” – lamentaram-se.

Porém, apesar da aparente derrota a que os pobres mortos pareciam estar fadados, um brilhante espírito teve uma ideia bastante simples e eficaz: interferir na atmosfera ao redor da casa, impedindo que se chegassem quaisquer sinais que fizessem funcionar a internet, os celulares e os canais da televisão via satélite.

Em duas semanas os moradores deixaram o local.

ANEXO L

O PRIMEIRO BEIJO (Clarice Lispector)[12]

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

---

12 http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-2/primeiro-beijo-634373.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.

- Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar? Ele foi simples:

- Sim, já beijei antes uma mulher.

- Quem era ela? - perguntou com dor.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

[...]

ANEXO M

APRENDIZAGEM (Flávio Carneiro)[13]

- Mãe, cabelo demora quanto tempo pra crescer?

- Hã?

- Se eu cortar meu cabelo hoje, quando é que ele vai crescer de novo?

- Cabelo está sempre crescendo, Beatriz. É que nem unha.

A comparação deixa a menina meio confusa. Ela não está preocupada com unhas.

- Todo dia, mãe?

- É, só que a gente não repara.

- Por quê?

- Porque as pessoas têm mais o que fazer, não acha?

A menina não sabe se essa é uma pergunta do tipo que precisa ser respondida ou é daquelas que a gente ouve e pronto. Prefere não responder.

- Você é muito ocupada, não é, mãe?

- Hã?

- Nada, não.

A mãe termina de passar a roupa e vai guardando tudo no armário.

Enquanto isso, Beatriz corre até o quartinho de costura, pega a fita métrica e

---

13 http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/aprendizagem-634175.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.

mede novamente o cabelo da boneca. Ela tinha cortado aquele cabelo com todo o cuidado do mundo, pra ficar parecido com o da mãe, mas a verdade é que ficou meio torto.

"Nada, não cresceu nada", ela conclui, guardando a fita. E já tem uma semana!

[...]

ANEXO N

O CASO DO ESPELHO (Conto popular recontado por Ricardo Azevedo)[14]

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

- Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?

- Isso é um espelho - explicou o dono da loja.

- Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

ANEXO O

MOINHO DE SONHOS (João Anzanello Carrascoza)[15]

A mulher e o menino iam montados no cavalo; o homem ia ao lado, a pé. Andavam sem rumo havia semanas, até que deram numa aldeia à beira de um rio, onde as oliveiras vicejavam.

---

14 http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/caso-espelho-634284.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.

15 http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/moinho-sonhos-634183.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.

Fizeram uma pausa e, como a gente ali era hospitaleira e a oferta de serviço abundante, resolveram ficar. O homem arranjou emprego num moinho próximo à aldeia. A mulher se juntou a outras que colhiam azeitonas em terras ao redor de um castelo. Levou consigo o menino que, no meio do caminho, achou um velho cabo de vassoura e fez dele o seu cavalo. Deu-lhe o nome de Rocinante.

[...]

ANEXO P

AMPLEXO (Marcelo Alencar)[16]

Mãe, me dá um amplexo?

A pergunta pega Cinira desprevenida. Antes que possa retrucar, ela nota o dicionário na
mão do filho, que completa o pedido:

- E um ósculo também.

Ainda surpresa, a mulher procura no livro a definição das duas estranhas palavras. E encontra. Mateus quer apenas um abraço e um beijo.

Conversa vai, conversa vem, Cinira finalmente se dá conta de que o garoto, recém-apresentado às classes gramaticais nas aulas de Português, brinca com os sinônimos. "O que vai ser de mim quando esse tiquinho de gente cismar com parônimos, homônimos, heterônimos e pseudônimos?", pensa ela, misturando as estações. "Valha-me, Santo Antônimo!" E emenda:

[...]

16 http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/amplexo-634320.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.

ANEXO Q

A CARTOMANTE (Machado de Assis)[17]

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

- Errou! - interrompeu Camilo, rindo.

[...]

ANEXO R

A VELHA CONTRABANDISTA (Stanislaw Ponte Preta)[18]

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega - tudo malandro velho - começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

---

17 http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-2/cartomante-634363.shtml > Acesso em 08 de setembro de 2016.

18 http://leuzaaf.blogspot.com.br/p/contos-interessantes.html > Acesso em 08 de setembro de 2016.

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

- É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! - insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

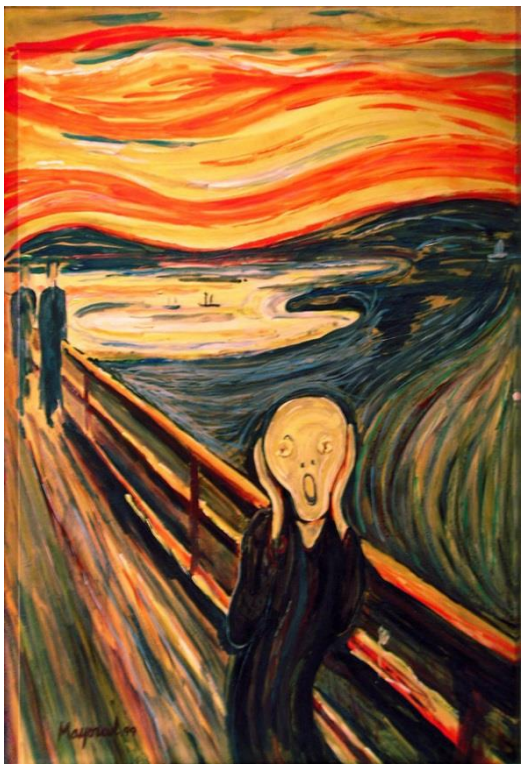
- O senhor promete que não "espáia"? - quis saber a velhinha.

- Juro - respondeu o fiscal.

- É lambreta.

ANEXO S

O GRITO (Munch)[19]



19. Fonte: http://www.sitedeimagens.com/imagens-para-whatsapp/imagens-o-gritol > Acesso em 08 de setembro de 2016.